

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS – CCHN  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – PGCS**

**LORENA VEDEKIN BERNARDO DOS SANTOS**

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA TRABALHADORA DO CUIDADO**

**Vitória**

**2024**

**LORENA VEDEKIN BERNARDO DOS SANTOS**

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA TRABALHADORA DO CUIDADO**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de mestra em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Dadalto.

**Vitória  
2024**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

V414h Vedekin Bernardo dos Santos, Lorena, 1989-  
História de vida de uma trabalhadora do cuidado / Lorena Vedekin Bernardo dos Santos. - 2024.  
111 f. : il.

Orientadora: Maria Cristina Dadalto.  
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. História oral. 2. Trabalho de cuidado. 3. Mulheres. I. Dadalto, Maria Cristina. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 316

---

**LORENA VEDEKIN BERNARDO DOS SANTOS**

**HISTÓRIA DE VIDA DE UMA TRABALHADORA DO CUIDADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de mestra em Ciências Sociais.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Dadalto  
Professora orientadora  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Pereira Pavesi  
Professora convidada  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adélia Verônica Silva  
Professora convidada  
IGOT-ULisboa

**Lorena Vedekin Bernardo dos Santos**

**“HISTÓRIA DE VIDA DE UMA TRABALHADORA DO CUIDADO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em 30 de abril de 2024.

Comissão Examinadora:

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Dadalto (UFES)**  
Orientadora e Presidente da Sessão

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Pereira Pavesi (UFES)**  
Examinadora Interna

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adélia Verônica Silva (IGOT-ULisboa)**  
Examinadora Externa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
PATRICIA PEREIRA PAVEIS - MATRÍCULA 2290555  
Membro - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Em 09/05/2024 às 15:41

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/922936?tipoArquivo=O>

A vida inclusive ficou ainda mais tranquila depois que os Gusmão Campelo adquiriram uma das maravilhas daquela e de tantas outras épocas: uma empregada doméstica. Maria das Dores chegava a tempo de servir o café dos patrões e ia embora depois do último prato do jantar lavado, deixando um rastro de camas feitas, pisos encerados e banheiros limpos. [...] Para Eurídice sempre havia franzidos na cama já feita, risquinhos no piso encerado, pentelhos no box lavado. Ela não se importava de começar a trabalhar às sete da manhã e ir embora depois das oito da noite, não se importava em fazer todos os dias a mesma refeição de arroz, feijão e músculo, não se importava em passar as blusas de linho e os ternos de casimira no quartinho dos fundos, que no verão atingia temperaturas de meios-dias equatoriais, desde que pudesse chegar em casa todos os dias para ver seus três amores. Maria das Dores era mãe de três filhos que se criavam sozinhos, que se alimentavam dos pratos que ela guardava no forno e se vestiam das roupas que ela deixava na cômoda, e que agora já tinham idade para andar soltos na casa, não sendo mais necessário acorrentá-los no quarto para se manterem longe das facas e fogos da cozinha. Mas esta não é a história de Maria das Dores. Maria das Dores inclusive só aparece aqui de vez em quando, na hora de lavar uma louça ou fazer uma cama [...] (Batalha, 2016).

## RESUMO

As atividades e responsabilidades do trabalho de cuidado ganharam camadas de invisibilidade por meio de um longo processo sócio-histórico, que fez com que ele fosse cada vez menos entendido como trabalho, e mais entendido como obrigação familiar atribuída principalmente às mulheres. A presente pesquisa foi norteadada pela pergunta: como é a vida de uma mulher trabalhadora do cuidado? O objetivo principal da pesquisa foi apresentar a história de vida de Marciele, uma mulher que trabalhou durante quinze anos nas ocupações de babá, cuidadora e faxineira, mostrando como ela interpretava a sua própria realidade e as situações da sua vida; e, ao mesmo tempo, investigar e compreender condições e formas do trabalho de cuidado por meio das experiências relatadas. A pesquisa se inseriu em um campo exploratório e teve uma abordagem qualitativa. Ainda, ela se fundamentou na proposta teórico-metodológica da história oral, combinando dois gêneros: a história de vida e a história oral temática. Os estudos de Helena Hirata foram o principal referencial teórico; a autora define o trabalho de cuidado como um trabalho técnico, material e emocional, moldado por uma relação social, e que colabora para a promoção do bem-estar das pessoas. Foram realizadas entrevistas em profundidade com Marciele, utilizando um roteiro semiestruturado de perguntas e seus relatos foram transcritos com o intuito de preservar a oralidade como uma manifestação espontânea, fortalecendo Marciele enquanto sujeito ativo e preservando-a enquanto narradora. Além disso, os seus relatos também foram ponto de partida para análises descritivas e análises compreensivas interpretativas, buscando apontar o que fazia sentido e como fazia sentido. Tornar o trabalho de cuidado visível é essencial para mostrar a sua importância para a sustentabilidade da vida das pessoas. Dessa forma, essa dissertação buscou contribuir para tal visibilidade: primeiro, de forma mais ampla, ao fomentar o debate e contextualizar o tema, e segundo, de forma mais específica, ao focar na vida da Marciele por meio das entrevistas e análises realizadas. Marciele enfrentou muitas dificuldades até aqui; ela teve uma vida marcada por extensas jornadas de trabalho e cenários de informalidade, impulsionada pela necessidade de sobreviver e pela vontade de conquistar suas metas e objetivos.

**Palavras-chave:** História oral; trabalho de cuidado; mulheres.

## ABSTRACT

The activities and responsibilities from care work received invisibility layers through a long socio-historical process, which made it less understood as work and more understood as a family obligation, mainly attributed to women. This research was guided by the question: how is the life of a care worker woman? The main objective of this research was to present Marciele's life story, a woman who worked for fifteen years as a nanny, caregiver and cleaner, showing how she interpreted her own reality and situations in her life; and at the same time, investigate and comprehend conditions and forms of care work through the experiences reported. The research was in an exploratory field with a qualitative approach. In addition, it was grounded in a theoretical-methodological proposal of oral history combining two genres: life history and thematic oral history. The studies from Helena Hirata were the main theoretical reference; the author defines care work as a technical, material, and emotional work, shaped by a social relationship, and that contributes for the promotion of well-being. In-depth interviews with Marciele were realized using a semi-structured script of questions, and her reports were transcribed with the aim of preserving orality as a spontaneous manifestation, strengthening Marciele as an active individual and, also preserving her as a narrator. Furthermore, her reports were also a start point for descriptive analyses and comprehensive interpretative analyses, trying to show what made sense and how it made sense. To turn care work visible is essential to show its importance for the sustainability of people's lives. In that way, this dissertation sought to contribute to its visibility: first, more broadly, by instigating debate and contextualizing the theme; and second, more specifically, by focusing on Marciele's life through interviews and analyses that were carried out. Marciele has faced many difficulties so far; she had a life scarred by long working hours, informal scenarios of work, driven by the need to survive and the desire to achieve her goals and objectives.

**Keywords:** Oral history; care work; women.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – População ocupada, por sexo, segundo os grupos de atividade – Brasil 2022.....	47
Figura 2 – População ocupada por cor ou raça, segundo os grupos de atividade – Brasil 2022.....	48
Figura 3 – Proporção de pessoas em ocupações informais por cor ou raça – Brasil 2012/2022.....	49
Figura 4 – “olha só, gostei de estar morta”.....	91

## LISTA DE SIGLAS

ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ES	Espírito Santo
FLIP	Festa Literária Internacional de Paraty
GEDISST	Grupo de Estudos sobre a Divisão Social e Sexual do Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MEI	Microempreendedor individual
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNAD-C	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PNC	Política Nacional de Cuidados
RJ	Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	13
1.1	Interesse de pesquisa.....	13
1.2	Desenvolvimento da pesquisa.....	16
1.3	Direcionamentos e organização dos capítulos.....	24
2	UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE O SURGIMENTO DO TRABALHO DE CUIDADO E SEUS ESTUDOS.....	28
2.1	Surgimento do trabalho de cuidado.....	28
2.2	Os estudos sobre cuidado e trabalho de cuidado.....	33
3	TRABALHO DE CUIDADO NO BRASIL.....	43
3.1	Características do cenário brasileiro.....	43
3.2	Avanços no sentido de desinvisibilizar o trabalho de cuidado.....	51
4	HISTÓRIA DE VIDA DE MARCIELE.....	54
4.1	Aspectos do trabalho de cuidado remunerado.....	54
4.2	Complexo das relações no âmbito do trabalho de cuidado.....	65
4.3	Gestão da vida privada e organização social do cuidado.....	75
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
	REFERÊNCIAS.....	105

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Interesse de pesquisa

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que estávamos vivendo uma pandemia da doença Covid-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2. Nesse contexto pandêmico, minha atenção se voltou para algo que sempre esteve à minha frente: atividades, tarefas e responsabilidades de um trabalho que acontecia diariamente dentro dos domicílios, o trabalho de cuidado.

A pandemia colocou luz sobre a fragilidade dos seres humanos, evidenciando a interdependência e a vulnerabilidade das pessoas. Assim, o trabalho de cuidado se tornou uma atitude e uma prática central para sobrevivência naquele contexto. Para além do trabalho exercido pelos profissionais de saúde, outras funções também se sobressaíram, descortinando um cenário muito mais amplo sobre cuidado no qual foram incluídos, por exemplo, o trabalho desempenhado pelos entregadores e o trabalho desempenhado pelos garis, como funções que colaboravam para a produção e reprodução da vida (Hirata, 2022, p.24).

Medidas de confinamento foram aplicadas de forma diferenciada ao redor do mundo (Valente, 2020). No Brasil, o boletim epidemiológico n.º 8 do Ministério da Saúde, do dia 09 de abril de 2020, definiu que o confinamento era uma medida de distanciamento social e tinha como objetivo bloquear o acesso a determinadas áreas, restringindo ou interrompendo atividades por um determinado tempo.

A definição sobre as medidas de distanciamento coube aos governos estaduais e prefeituras, já a categorização dos serviços essenciais aconteceu via decreto presidencial<sup>1</sup>. Essas medidas se mostraram eficazes para redução da curva de casos confirmados da doença e redução do número de óbitos. Apesar disso, inúmeros trabalhadores e trabalhadoras continuaram trabalhando mesmo não estando alocados nos tais serviços essenciais<sup>2</sup>, como foi o caso de muitas empregadas domésticas.

---

<sup>1</sup> Alguns governos de estado também elencaram serviços essenciais. Encontrei informações sobre essas categorizações tanto em decretos presidenciais quanto em decretos dos governos de estado.

<sup>2</sup> Maranhão e Rio Grande do Sul, por exemplo, mantiveram serviços domésticos como serviços essenciais, o que foi fortemente criticado pela Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas e resultou numa nota técnica emitida pelo Ministério Público do Trabalho que orientava a dispensa remunerada das trabalhadoras domésticas (Sobreira, 2020).

Para esses trabalhadores e trabalhadoras, permanecer em casa e não ir ao trabalho podia significar perder o emprego, e conseqüentemente perder uma fonte de renda, às vezes a única da família. Assim, seguir medidas de confinamento poderia significar morte em outros termos.

Estudiosos aludiram ao fato de que a pandemia de Covid-19 no Brasil, na verdade, tratou-se de uma sindemia (Souza, 2022, p.14) relacionando caráter biológico a fatores sociais, estruturais e ambientais, ou seja, as pessoas foram afetadas de diferentes formas a depender de gênero, classe, cor ou raça.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), visa acompanhar flutuações trimestrais a fim de gerar informações sobre o desenvolvimento socioeconômico do país e a evolução da força de trabalho em curto, médio e longo prazo. O IBGE realizou um levantamento amostral de base domiciliar com coleta de dados por entrevistas telefônicas durante a pandemia. O inquérito Covid-19 foi incorporado dentro da PNAD-C e teve como principal objetivo quantificar efeitos da pandemia no mercado de trabalho.

De acordo com dados da PNAD-C Covid-19, dentre os 211,7 milhões de residentes no país, 10,2 milhões não fizeram nenhuma medida de restrição no mês de novembro de 2020, 97,9 milhões reduziram o contato, mas continuaram saindo de casa. Cerca de 8 milhões de pessoas apresentaram algum sintoma gripal nesse período; desse total, 56,9% eram mulheres, 54,4%, declararam-se da cor preta ou parda e 37,6% tinham o Ensino Fundamental incompleto. Na semana de referência, havia 4,4 milhões de trabalhadores afastados do trabalho, dentre os quais 879 mil deixaram de receber remuneração (Estatísticas Sociais, 2020).

Além disso, milhares de vidas foram perdidas. Duas foram marcantes para o tema do cuidado, as mortes de Cleonice Gonçalves e Miguel Otávio Santana da Silva. Cleonice foi a primeira vítima fatal de Covid-19 no Brasil, ela trabalhava desde os treze anos de idade como empregada doméstica e na época era cozinheira na casa de uma família na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Ela foi infectada no seu local de trabalho, na casa dos empregadores – família beneficiária –, que haviam recém-chegado de viagem da Itália.

A empregadora havia testado positivo para a Covid-19 e estava cumprindo quarentena, mas essa informação chegou para a família de Cleonice e para os médicos do hospital apenas após a morte da empregada (Costa, 2020), ou seja,

apesar de saber do seu diagnóstico, a empregadora não informou Cleonice, tampouco tomou uma atitude para dispensá-la ou afastá-la do trabalho.

A morte de Miguel, uma criança de cinco anos, foi consequência de um crime<sup>3</sup> cometido pela empregadora da mãe de Miguel. Mirtes Renata Santana de Souza levou o filho Miguel junto com ela para um dia de trabalho, em junho de 2020, porque não havia outra opção; as escolas e creches estavam fechadas por conta das medidas de distanciamento social.

Mirtes era empregada doméstica e trabalhava em um apartamento de luxo no centro de Recife, Pernambuco. Ela foi executar uma atividade da sua rotina que era o passeio com o cachorro da família e, nesse momento, Miguel ficou sob os cuidados e responsabilidade da empregadora. Pouco tempo depois, Miguel insistiu que queria ir encontrar a mãe, e a empregadora abriu a porta do apartamento deixando-o entrar em um elevador. Miguel foi sozinho do quinto ao nono andar, em determinada área ele escalou uma grade que protegia os equipamentos do ar-condicionado e caiu de uma altura de mais de trinta metros. Quando Mirtes retornou do passeio com o cachorro, ela percebeu uma movimentação estranha embaixo do prédio, alguém havia caído. Quando chegou perto, ela viu que se tratava do seu filho (Caso Miguel, 2022).

Assim, não foi o cenário específico de pandemia que causou essas tragédias, elas mostraram a realidade e a rotina de muitos trabalhadores país afora. A pandemia trouxe à tona a invisibilidade desse tipo de trabalho, que está envolto em uma ambiguidade profunda: importância e descaso coexistem na execução das atividades do cuidado. Essas mulheres e suas histórias são relatos que perpassam as condições do trabalho de cuidado domiciliar no Brasil, e tentar compreender tais condições é um dos pontos de relevância dessa pesquisa.

O estudo do cuidado como trabalho não se mantém apenas no debate sobre profissionalização ou sobre temas como qualificação, competência, recrutamento e remuneração, mas inclui, na atualidade, investigações sobre condições de trabalho, aspectos práticos e éticos, privados e públicos, pessoais e sociais (Hirata, 2022, p.36).

Para melhor distribuir os tópicos desta Introdução fiz uma divisão em seções. Dessa forma, a próxima seção abordou o desenvolvimento dessa pesquisa a partir da

---

<sup>3</sup> O Ministério Público denunciou Sarí Mariana Costa Gaspar Corte Real por abandono de incapaz com resultado de morte. Sarí era primeira-dama do município de Tamandaré, Pernambuco, e Mirtes aparecia como funcionária registrada da prefeitura apontando uma contratação irregular, uma vez que Mirtes prestava serviços diretos para a família do prefeito de Tamandaré na cidade de Recife, Pernambuco.

sua pergunta norteadora, dos objetivos específicos, da proposta teórico-metodológica, abordagem e métodos selecionados. A última seção abordou os movimentos de ampliação e afunilamento que existiram nessa pesquisa, delimitou o referencial teórico sobre trabalho de cuidado e a organização dos capítulos.

## 1.2 Desenvolvimento da pesquisa

O trabalho de cuidado é majoritariamente realizado por mulheres e envolve tanto o trabalho doméstico quanto o cuidado de crianças e/ou pessoas dependentes nas famílias (Hirata, 2022, p.33). Por esse motivo, farei referência à(s) trabalhadora(s), sempre no feminino.

Partindo de inquietações sobre o trabalho de cuidado na sociedade brasileira, a proposta inicial dessa pesquisa era buscar informações sobre condições do trabalho de cuidado domiciliar por meio dos relatos de trabalhadoras do cuidado. A princípio, não foi estabelecido um número de mulheres a serem entrevistadas, tampouco um campo do cuidado específico; ou seja, não estava definido se a investigação estaria centrada no cuidado de crianças, no cuidado de idosos e/ou pessoas enfermas e dependentes ou nas tarefas domésticas de limpeza e manutenção do domicílio. Eu esperava encontrar e estabelecer limites por meio do campo e das mulheres que conhecesse e conversasse.

Marciele foi a colaborada dessa pesquisa. Ela é uma jovem mulher de trinta e dois anos de idade<sup>4</sup>, capixaba – do interior do estado do Espírito Santo –, nascida em uma família grande. É morena<sup>5</sup> e preta, migrante, tornou-se mãe aos dezoito anos de idade, formou-se como técnica em enfermagem, é casada e evangélica. Foram pouco mais de quinze anos trabalhando nas ocupações de babá, cuidadora e faxineira. Assim, durante a jornada de investigação, compreendi que contar a história dessa mulher teria igual relevância. Nesse sentido, apresentar a sua história de vida passou a compartilhar destaque com a ideia de investigar e compreender as condições e formas do trabalho de cuidado. Esses dois aspectos passaram a guiar e orientar a realização e o planejamento dessa pesquisa.

---

<sup>4</sup> Idade informada durante a primeira entrevista oficial em 2023.

<sup>5</sup> Marciele se autodeclarou como uma mulher morena. Seguindo a prática do IBGE com relação a aplicação do Censo no Brasil, pedi que ela escolhesse entre as categorias branca, amarela, parda, preta ou indígena e ela escolheu preta. Escolhi fazer referência a essas duas informações nessa pesquisa.

Essa mudança aconteceu logo no início. Na primeira conversa que tive com Marciele, durante o seu relato sobre a primeira experiência de trabalho como babá, ela contou sobre a extensa jornada de trabalho, sendo este o fator que a impedia de retomar os estudos na época: “[...] eu entrava no serviço sete da manhã e saía onze da noite...não tinha como estudar. Ou eu trabalhava ou eu estudava”.

Foi precisamente essa frase que me afetou (Favret-Saada, 2005, p.160) e fez essa mudança na pesquisa. Aquela rotina intensa levantou questionamentos sobre o que restava para Marciele após a jornada de trabalho exaustiva; outros aspectos ou atividades da vida cotidiana como vida pessoal, lazer, descanso, cultura. Como e quando ela conseguia praticá-los? E ainda, quais eram seus sonhos? Ela conseguia se planejar e realizá-los? Assim, a busca por compreensão direcionou a abordagem dessa pesquisa guiando a elaboração de um roteiro semiestruturado de perguntas. Dessa forma, a pergunta norteadora dessa pesquisa se transformou e passou a ser: como é a vida de uma mulher trabalhadora do cuidado?

O objetivo principal dessa pesquisa foi apresentar a vida da Marciele, mostrar como ela percebia e interpretava a sua própria realidade, situações e acontecimentos da sua vida; e ao mesmo tempo, investigar e compreender condições e formas do trabalho de cuidado – remunerado e não remunerado – por meio das experiências relatadas. Assim, foram definidos quatro objetivos específicos para alcançar o objetivo principal:

- a) Apresentar uma perspectiva histórica acerca do surgimento do trabalho de cuidado e dos seus estudos;
- b) Investigar e compreender condições do trabalho remunerado de cuidado no contexto de vida de Marciele;
- c) Investigar e compreender o complexo das relações que são construídas no âmbito do trabalho de cuidado, analisando e explorando dinâmicas, desafios e sentimentos em dois sentidos: em direção à família beneficiária<sup>6</sup> e em direção à família consanguínea<sup>7</sup>;

---

<sup>6</sup> A autora Helena Hirata atribuiu os papéis de prestador e beneficiário na relação social do cuidado. Parece adequado no trabalho de faxineira e no trabalho de babá pensar a família como um grupo que se beneficia como um todo desse tipo trabalho, por mais que ele possa conter ações voltadas de forma específica aos indivíduos que são entendidos como beneficiários. Nesse sentido, proponho a utilização do termo família beneficiária.

<sup>7</sup> O termo família consanguínea foi utilizado para denotar a família próxima, os parentes consanguíneos da colaboradora que convivem com ela no seu dia-a-dia e que são figuras importantes nos seus relatos como pai, mãe, irmãos, irmãs, tio(s), tia(s), primo(s) e prima(s).

d) Apresentar e compreender aspectos sobre a gestão da vida privada da colaboradora, formas do trabalho não remunerado de cuidado, organização social do cuidado e outras práticas cotidianas.

Essa pesquisa se insere, de forma bastante ampla, em uma base epistemológica compreensiva, porém sem mergulhar em ideias, conceitos e métodos de autores como Wilhelm Dilthey, Max Weber ou Michel Maffesoli, por exemplo. As disciplinas compreensivas não se entendem como uma ciência de verdades absolutas, mas como uma ciência de possibilidades e de significados; elas propõem um movimento de abertura do conhecimento, de formas plurais e diversas de saberes.

A Sociologia Compreensiva busca a compreensão, constituída pela interpretação das interações humanas e das dinâmicas sociais: “[...] a base da sociologia compreensiva é a atividade humana, e sua tarefa é compreender o sentido do agir tal qual este é para o ator” (Nascimento, 1996, p.83). Ela busca o sentido que o indivíduo coloca em sua conduta (Aron apud Silva, 2015, p.46), em suas ações, o que auxilia, de certa forma, na compreensão da vida social e suas especificidades (Silva, 2015, p.49).

A escolha da proposta metodológica foi guiada pela delimitação do interesse de pesquisa e também pela busca em alcançar os objetivos propostos. A metodologia é um conjunto de procedimentos que guiam o planejamento de uma pesquisa do início ao fim. Tais procedimentos, articulados entre si, conformam estratégias e buscam produzir conhecimento com base em dados coletados ou produzidos; em outras palavras, metodologia é um caminho a ser seguido (Demo, 1995, p.61).

Para alcançar tais objetivos, utilizei a história oral como proposta teórico-metodológica e me guiei pela combinação entre dois gêneros: a história de vida (Meihy, 1996, p.147), que é um relato pessoal sobre si e que visa apresentar um conjunto das experiências vividas, e a história oral temática (Meihy, 1996, p.162), que parte de um assunto específico e previamente estabelecido. Ambos os gêneros podem ser combinados em um projeto de pesquisa (Meyhi, 1996, p.165).

Ainda, a história oral também pode oferecer uma base para se pensar e discutir o estudo do conhecimento, a sua formação, organização e desenvolvimento. Ela se fundamenta na valorização do sujeito e do cotidiano de suas histórias para compreender suas agências como motores de vida. A história oral apresenta como necessidade a busca por compreensão da realidade das pessoas como forma para se construir um conhecimento humanizado e democrático. Nesse sentido, ela entende

também que o registro das histórias de pessoas comuns colabora com a ciência ao fazê-la entrar em contato com diferentes visões e possibilidades de explicação (Ribeiro, 2021, p.2).

A história de vida privilegia tanto os depoimentos, atribuindo-lhes especial atenção (Meihy, 1996, p.49), quanto a construção da narrativa no seu aspecto subjetivo. São as impressões e visões de mundo da pessoa colaboradora que devem ganhar destaque (Meihy, 1996, p. 55).

“O que percebemos da realidade é aquilo pelo qual a ciência se interessa” (DEMO, 1995, p.32). Assim, o intuito foi atribuir importância nas percepções da Marciele sobre a sua própria vida e sobre a realidade que se mostrava por meio da sua subjetividade (Zanatta; Costa, 2012, p.349). O destaque na subjetividade fez com que a importância não ficasse tão atrelada aos eventos ocorridos na vida da Marciele; eles foram importantes e marcantes, no entanto, o significado que ela atribuiu aos eventos ganharam destaque.

[...] mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada (Portelli, 1996, p.7).

Nesse contar histórias, não há apenas o que a pessoa fez ou o que aconteceu, há também o que a pessoa queria ter feito, o que ela queria que tivesse acontecido, ou, ainda, o que ela acreditava estar fazendo (Portelli, 1997, p.31).

Já a história oral temática contribuiu de forma estratégica nessa pesquisa não apenas para colocar o tema do trabalho de cuidado em pauta nas entrevistas, mas também porque ela tem como objetivo buscar esclarecer um tema por meio de um relato de uma pessoa (Carvalho; Ribeiro apud Ribeiro, 2021, p.4). Se entender condições e formas desse tipo de trabalho foi um dos pontos de relevância dessa pesquisa, entrevistar uma trabalhadora de cuidado era uma forma para auxiliar na compreensão do tema.

A história oral se orienta de forma multidisciplinar (Gonçalves; Lisboa, 2007, p.84) e se alia a uma escuta comprometida. Essa proposta teórico-metodológica atribui importância à realização de entrevistas com pessoas no intuito de se aproximar dos interesses de pesquisa (Alberti apud Gonçalves; Lisboa, 2007, p.85). Biografias e

trajetórias de vida são outras terminologias utilizadas para se referir aos procedimentos metodológicos da história oral (Gonçalves; Lisboa, 2007, p.87).

Para José Carlos Sebe Bom Meihy, a história oral abrange, ao mesmo tempo, uma entrada na vida privada de uma pessoa e um procedimento de extremo rigor ético. Dessa forma, existe um detalhamento técnico-conceitual na metodologia da história oral que a direciona para pensar esses aspectos éticos e profissionais durante as etapas de um projeto de pesquisa, “[...] não se advoga a possibilidade de uma ação neutra, distante e imparcial [...] o que se pede é uma postura profissional, disposta à escuta e ao diálogo” (Meihy, 1996, p.125).

Os métodos também devem interagir intimamente com a pesquisa. Assim, eles devem ter uma relação direta com a forma de perguntar e de responder (Mills, 1982, p.133). Como método para produção de dados (Ribeiro, 2021, p.2) foram realizadas entrevistas em profundidade.

As fontes orais, a memória e as lembranças são características da história oral e da história de vida muito questionadas com relação ao seu caráter científico, levantando questões sobre validade e verificação nas Ciências Sociais. Isso, no entanto, não foi uma preocupação nessa pesquisa, o que importou foi o relato de Marciele. “Não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro” (Portelli, 1996, p.4).

Nesse sentido, a motivação para narração consiste em expressar o significado das experiências vividas, dessa forma, “[...] recordar e contar já é interpretar” (Portelli, 1996, p.2). Ainda, a memória não é apenas um local no qual se depositam os acontecimentos, os fatos, ela é também um lugar onde acontece um processo contínuo de criação de significados, mostrando que existe um esforço para atribuir sentido ao passado e, assim, dar forma à vida (Portelli, 1997, p.33).

Além disso, pensando a partir da prática da imaginação sociológica, entendida como uma qualidade de espírito que deve ajudar na utilização da informação e no desenvolvimento da razão para perceber o que acontece e o que pode estar acontecendo no mundo (Mills, 1982, p.11), e por meio da ideia de ser artesã (Mills, 1982, p.134), refleti sobre a análise de dados e formas para alcançar os objetivos dessa pesquisa. As análises propostas se orientaram por um caminho de descrição, compreensão e interpretação.

Nesse exercício, entendi que deveria atribuir principal importância à apresentação da vida da Marciele; isso enredava o interesse de pesquisa e a proposta teórico-metodológica que carrega esse sentido de contar e relatar. Além disso, os seus relatos foram pontos de partida para algumas análises descritivas, entendendo essa como uma característica importante da história oral, e também análises compreensivas interpretativas, que buscaram apontar o que fazia sentido e como fazia sentido para a colaboradora.

O desenvolvimento do campo aconteceu durante um intervalo de tempo de dez meses, levando em consideração o momento em que conheci Marciele, em 2022, e os contatos mais frequentes com a realização de entrevistas mensais. Ao todo, foram cinco encontros face a face, três entrevistas oficiais com um total de trinta e oito folhas de transcrição das nossas conversas. As entrevistas foram realizadas sempre aos sábados, dia e horário escolhidos por ela, sempre depois do dia vinte e quatro do mês – data em que o movimento da loja diminuía (local onde foram realizadas as entrevistas e atual ambiente de trabalho) e ela me atendia sem interrupções.

Os dois primeiros encontros foram pré-entrevistas (Ribeiro, 2021, p.6), a ideia foi iniciar o contato com a colaboradora e ao mesmo tempo explicar aspectos gerais dessa pesquisa, como o objetivo de ouvir relatos da sua vida, mas que havia interesse específico em passar pelas suas experiências de trabalho. Para além disso, expliquei que outros assuntos poderiam ser abordados conforme fosse sua vontade de falar. Em nenhum momento, contei-lhe o que eu entendia sobre cuidado ou trabalho de cuidado.

Expliquei sobre a dinâmica das entrevistas, que seriam feitas perguntas e que ela não precisaria responder nada que não se sentisse confortável. Expliquei também sobre a gravação das conversas e que o intuito era exclusivo no sentido de ouvi-las novamente para transcrevê-las. Assim, Marciele confirmou sua participação nessa pesquisa.

A entrevista seguiu um estilo linha do tempo (Meihy, 1996, p.149), uma conversa por meio de uma ordem cronológica sobre sua vida, acontecimentos e experiências. Essa forma surgiu como um exercício natural ao propor um raciocínio do tipo passado, presente e futuro.

Marciele começou com a sua adolescência, com a saída da casa dos pais, contando sobretudo como foi esse momento. Passou por alguns movimentos migratórios: foi morar com os tios em uma cidade próxima a sua cidade natal, no

interior do Espírito Santo (ES), depois migrou para Angra dos Reis, Rio de Janeiro (RJ), e por último, retornou para o Espírito Santo e foi morar na região de Grande Vitória<sup>8</sup> passando por Serra, Vila Velha e Vitória.

Marciele se deteve de forma detalhada em suas experiências de trabalho e finalizou as entrevistas com um pouco do presente, a atualidade da sua vida; e, também, com um pouco do futuro, planos e sonhos que ela ainda quer realizar.

Embora a entrevista tivesse um roteiro semiestruturado de perguntas, ela era bastante flexível, em uma ideia de trazer respostas espontâneas (Boni; Quaresma, 2005, p.75). O processo de entrevista proposto abraçava gatilhos de memória; isso significava que se Marciele iniciava um relato respondendo uma pergunta e dele seguia para outra ideia, assunto ou relato; não havia problema. Essa flexibilidade colaborava com a ideia de que a entrevista também era uma conversa, e assim era construído – em conjunto com Marciele – um ambiente que a deixava mais à vontade.

A pesquisa fez uso de uma abordagem qualitativa, que se revela eficaz em campos exploratórios (Gonçalves; Lisboa, 2007, p.84) no qual essa pesquisa estava inserida. A importância da abordagem qualitativa está na busca pelos significados atribuídos pelos próprios sujeitos em suas experiências sociais (Martinelli apud Gonçalves; Lisboa, 2007, p.85).

A palavra compreensão e o seu sentido, como apontou Maria Lúcia Martinelli, também devem ser ressaltados numa abordagem qualitativa de pesquisa: “A palavra-chave da pesquisa qualitativa é compreender, razão pela qual neste tipo de abordagem não se valoriza apenas o dado, mas sim a história do dado, seu significado na experiência social do sujeito [...]” (Martinelli, 2008, p.36).

Além disso, tal abordagem pode demandar um contato direto com os sujeitos. Se o objetivo é conhecer a sua vida, é preciso conhecer essa pessoa sem desvinculá-la do seu contexto (Martinelli, 2008, p.37). Assim, uma aproximação que pode resultar da realização das entrevistas não é entendida como defeito de pesquisa (Velho apud Paulilo, 1999, p.136).

Todas as entrevistas foram transcritas com o objetivo de se passar do oral para a materialização do documento. Isso faz com que a história oral ganhe o selo da objetividade de qualquer outro documento escrito (Meihy, 1996, p.30), ainda que ela

---

<sup>8</sup> A região metropolitana de Grande Vitória é formada pelos municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória. São mais de 2 milhões de habitantes que somam pouco mais de 40% da população do estado.

permanença relativa e interpretativa. Durante o processo de organização dos dados, foram contabilizadas em torno de vinte experiências de trabalho remunerado em pouco mais de quinze anos.

Os processos de transformação da linguagem oral para a linguagem escrita podem pedir soluções próximas à literatura (Meihy, 1996, p.54). Nesse sentido, e juntamente com o intuito de preservar a oralidade como uma manifestação espontânea da colaboradora, foram realizadas transcrições que compreenderam uma passagem do que foi narrado oralmente para a escrita. Nelas foram deixadas repetições, vícios de linguagem e expressões (Ribeiro, 2021, p.7).

A história oral se apresenta como forma de captação de experiências das pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida – quanto mais elas contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento (Meihy, 1996, p.57).

Essa escolha foi feita para destacar a própria Marciele em uma ideia de fortalecê-la enquanto sujeito ativo, e preservar o seu protagonismo enquanto narradora (Ribeiro, 2021, p.5). Isso significou ressaltar os seus relatos, a forma como ela contou e apresentou a sua vida, as experiências vividas e o seu entendimento sobre as coisas e sobre a sua realidade. Assim, os trechos apresentam nossos diálogos e estão marcados com M para se referir aos relatos da Marciele, e com L para se referir a uma pergunta ou comentário feitos por mim, Lorena.

Marciele foi entendida enquanto colaboradora, portanto, parte ativa desse projeto (Meihy, 1996, p.126) que entende as entrevistas como dependente de dois lados pessoais e humanos para acontecer. Assim, tive como intuito deixá-la tomar algumas decisões, não como forma de responsabilizá-la, mas sim como forma de incluí-la. O aparecimento do seu nome foi o fator mais relevante nesse sentido.

Em mim, havia um embate interno sobre esse ponto especificamente. Meu objetivo era apresentar a sua história de vida, mas também prezar pela sua privacidade pensando na delicadeza de alguns temas que poderiam surgir ao longo da entrevista, como conciliá-los?

As duas opções foram colocadas para Marciele: utilizar o seu nome ou utilizar um nome fictício, e ela escolheu por utilizar o seu nome. Entendo o significado e a importância dessa escolha e, apesar da minha tendência em querer seguir de outra forma, respeitei e segui a sua decisão.

Ainda assim, por acreditar que algumas medidas podiam ser tomadas para a privacidade de Marciele, sem prejudicar o que essa pesquisa se propôs, localizações específicas foram retiradas dos relatos. Os bairros nos quais ela morou ou trabalhou, assim como o nome dos estabelecimentos e de pessoas foram ocultados sob os dizeres [bairro] ou [nome], por exemplo. Para realçar os seus movimentos enquanto uma mulher migrante, os nomes das cidades nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro foram mantidos na pesquisa, com exceção do nome da sua cidade natal.

### **1.3 Direcionamentos e organização dos capítulos**

Estudar o trabalho de cuidado a partir das Ciências Sociais permite colocar luz sobre o tema como um pilar da vida social. Ao mesmo tempo, contribui para ressaltar aspectos das relações que são construídas entre os indivíduos de uma sociedade, o que pode colaborar para a compreensão do mundo cotidiano das pessoas.

Os estudos sobre cuidado apareceram por meio de agendas feministas de investigação que apontaram há anos que tarefas do cuidado têm um papel imprescindível para a reprodução social e a geração de bem-estar para as pessoas (Borderías; Carrasco; Torns, 2011, p.9).

Assim, essa pesquisa deve ser entendida a partir de uma lente de gênero que rejeita o feminino como uma característica que o distingue de forma natural e universal, e compreende que em determinado momento histórico, um grupo de indivíduos atribuiu significado ao que era feminino, classificando e diferenciando grupos de pessoas e impondo-lhes uma forma específica, entendida como correta e única de ser e estar no mundo.

O cuidado, como tema, ganhou receptividade frente à comunidade acadêmica, impulsionado, principalmente, por dois motivos: o cuidado foi endossado pela tradição anglo-saxã, que o legitimou como um objeto de estudo no mundo do conhecimento científico; e o termo despertou interesse em estudiosos e especialistas que se interessavam em políticas de bem-estar (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.30).

Apesar da emergência do tema e das análises da categoria, cuidado, enquanto um conceito, continua em um processo de construção teórica. Trata-se de um conceito multidimensional e transversal, e isso faz com que existam, ainda, muitos debates sobre suas delimitações e definições (Batthyány, 2020, p.12). Nessa pesquisa cuidado foi destacado como categoria central.

Ainda, essa pesquisa colocou ênfase no entendimento do cuidado enquanto um tipo de trabalho. A definição proposta por Helena Hirata guiou a pesquisa nesse sentido; para a autora, cuidado é uma relação social – em princípio sexuada – que acontece entre a pessoa que exerce o trabalho, o prestador, e a pessoa que recebe o trabalho, o beneficiário, sendo indissociável das dimensões trabalho, ética e política<sup>9</sup>. Assim, trabalho de cuidado é definido da seguinte forma:

[...] um trabalho material, técnico e emocional moldado por relações sociais, de sexo, de classe e de raça/etnia entre diferentes protagonistas: os(as) provedores(as), e os(as) beneficiários(as) do cuidado, assim como todos aqueles e aquelas que dirigem, supervisionam ou prescrevem o trabalho. O cuidado não é apenas uma atitude atenciosa, ele abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em trazer uma resposta concreta às necessidades dos outros. Pode também ser definido como uma relação de serviço, de apoio e de assistência, remunerada ou não, que implica um senso de responsabilidade pela vida e pelo bem-estar do outro. (Hirata, 2022, p.30).

Trabalho de cuidado faz referência a qualquer atividade ou conjunto de atividades que promovem o cuidado, independentemente de ser uma atividade paga, uma atividade não paga, formal, informal, realizada no mercado de trabalho, fora, ou no domicílio, dentro.

É importante destacar ao mesmo tempo o trabalho realizado dentro dos domicílios pelas mulheres de forma não remunerada – ainda hoje entendido como uma obrigação familiar – e o trabalho como uma fonte significativa de emprego remunerado para as mulheres, sobretudo as latino-americanas (Oit apud Guimarães; Hirata, 2020, p.15).

[...] é preciso mudar o atual *status* desfavorecido e precário dos(as) trabalhadores(as) do cuidado – em um sentido amplo – no mundo inteiro, *status* esse associado à falta de reconhecimentos do trabalho doméstico e de cuidado não remunerado enquanto trabalho no seio dos grupos domésticos, que repercute sobre as condições de salário e a falta de direitos (Hirata, 2022, p.25).

Além disso, outros referenciais teóricos e estudos empíricos sobre cuidado e trabalho de cuidado também tiveram importância significativa para as reflexões ao longo dessa pesquisa, como por exemplo, as ideias e os estudos de Nadya Guimarães, Eleonor Faur e Arlie Hochschild. Nesse sentido, essa pesquisa também

---

<sup>9</sup> A autora clamou por uma definição multidimensional da relação social do cuidado. Ela se posiciona a partir de um campo que, em conjunto com outras pesquisadoras na França, trouxe novas teorizações com base nas críticas com relação à separação e hierarquização da razão e dos sentimentos, do público e do privado, dos fatos e dos valores, do objetivo e do subjetivo, do coletivo e do individual, do masculino e do feminino (Hirata, 2022, p.31).

fez uso de fontes secundárias, com base nessa ampla gama de leituras, assim como de dados de pesquisas nacionais e de organismos internacionais, no intuito de agregar e apresentar informações, estudos e debates para situar questões e/ou achados.

Nessa pesquisa foram consideradas tanto atividades diretas quanto atividades indiretas, conforme preferem descrever algumas autoras<sup>10</sup>. Atividades diretas estão conectadas com qualquer ação que resulta uma situação face a face, no intuito de satisfazer uma necessidade física ou moral de uma pessoa; já as atividades indiretas são aquelas entendidas como uma ação prévia, uma ação necessária para o cuidado. Essas tarefas são comumente denominadas como atividades domésticas e se referem à limpeza do domicílio, à preparação de alimentos, ao ato de dar banho (Faur; Pereyra, 2020, p.339). Ambas são entendidas como provedoras de cuidado nessa pesquisa.

Parte da literatura especializada coloca e entende o trabalho de cuidado como algo positivo, exaltando aspectos como o preocupar-se com e o sentimento amor nas atividades executadas. Esses aportes são importantes, porém, não devem direcionar as análises apenas nesse sentido.

São cuidados de manutenção de vida [...], um trabalho gratuito ou mal retribuído, pouco valorizado simbólica ou economicamente, devorador de tempo e energia, que limita a autonomia das mulheres e sua disponibilidade para outras atividades ou dimensões de vida (Cresson apud Hirata, 2020, p.28).

Para além das abordagens sociológicas, outras áreas de conhecimento propuseram reflexões na tentativa de delimitar fronteiras e evidenciar problemas. Antes de me posicionar enquanto pesquisadora na pesquisa, permiti-me passar de forma mais fluída por leituras variadas, por me entender também como leitora. No início, ao invés de fixar um ponto de partida nos estudos e dali seguir um caminho na direção de afunilamento, fiz o contrário; segui um caminho de ampliação, aumentando significativamente o meu leque de leituras e de interesse com o intuito de ter contato com uma variedade de autores, pesquisas, dados e informações a respeito do cuidado.

Nessas leituras, deparei-me com propostas que tiveram como objetivo classificar estudos e investigações. Elas buscaram salientar características e objetivos

---

<sup>10</sup> Esse tipo de divisão normalmente é feita por algumas autoras à luz do trabalho de cuidado não remunerado.

em comum de pesquisas variadas, em uma tentativa de organizá-las de uma forma categorizada em vertentes ou *miradas*. Realizar uma revisão bibliográfica nesse sentido foi um exercício significativo para compreender os diversos aspectos e ênfases colocados sobre o cuidado, o que contribuiu para entender a amplitude, fertilidade e também confusão sobre o tema. Portanto, os capítulos iniciais desta dissertação – capítulos 2 e 3 – fizeram parte desse movimento de ampliação que permitiu expandir os horizontes de compreensão, formando, sobretudo, uma base para contextualizar o tema trabalho de cuidado.

Os capítulos foram organizados da seguinte forma após a Introdução (capítulo 1): o capítulo 2, “Uma perspectiva histórica sobre o surgimento do trabalho de cuidado e seus estudos”, abordou o surgimento desse tipo de trabalho, destacando um longo processo sócio-histórico com muitas mudanças, com a criação de uma nova identidade feminina e com a transferência das atividades necessárias à sobrevivência para dentro dos domicílios.

Nesse capítulo também foram apresentados, brevemente, alguns estudos de pesquisadoras que inauguraram as investigações sobre cuidado por volta dos anos 1980. Por último, foram apresentadas, de forma bastante resumida, algumas vertentes e classificações de estudo conforme proposto por Karina Batthyány. Nesse ponto, o intuito não foi propor uma análise comparada entre as diferentes vertentes, mas apontar a diversidade e a pluralidade que existe nos estudos sobre cuidado.

No capítulo 3, “Trabalho de cuidado no Brasil”, foram abordadas algumas características sobre as ocupações e os perfis profissionais das cuidadoras e das empregadas domésticas no cenário brasileiro. Dados de pesquisas nacionais e eventos que entendi como significativos também foram apresentados.

No capítulo 4, “A história de vida da Marciele”, foi apresentada a vida da colaboradora e os seus relatos, junto a análises descritivas e compreensivas interpretativas. Diferente dos capítulos anteriores, esse capítulo propôs um movimento de afunilamento; focando nos relatos, no contexto de vida e nas experiências da Marciele.

Em seguida, foram realizadas as considerações finais que encerram essa pesquisa e esta dissertação.

## 2 UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE O SURGIMENTO DO TRABALHO DE CUIDADO E SEUS ESTUDOS

### 2.1 Surgimento do trabalho de cuidado

Refletir sobre o trabalho de cuidado a partir de uma perspectiva histórica colaborou de algumas formas para essa pesquisa. Primeiro, entendendo que ela pode auxiliar na prática da imaginação sociológica que se fundamenta na necessidade de conhecer o sentido social e histórico do indivíduo na sociedade. Assim, a imaginação sociológica tem como proposta capacitar o seu possuidor na compreensão de um cenário histórico mais amplo, em termos do que isso pode significar na vida íntima dos indivíduos, colaborando na compreensão da história e da biografia e as relações entre elas dentro da sociedade (Mills, 1982, p.12).

Segundo, a perspectiva histórica também colabora para uma elaboração teórica sobre cuidado, ressaltando mudanças que ocorreram tanto em ideias e conceitos, quanto nas práticas e formas de organização ao longo do tempo. Ainda assim, em se tratando de práticas e formas de organização, é importante advertir e ressaltar que não se pode homogeneizar todas as experiências das sociedades históricas como uma experiência única (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.16).

Esse caminho mostrou principalmente como as atividades e responsabilidades do trabalho de cuidado foram confinadas no âmbito doméstico e associadas à uma nova identidade feminina.

A organização social do trabalho de cuidado e o lugar que ocupa na sociedade atual são produtos de um longo processo histórico que começou a tomar forma durante a transição para o capitalismo liberal (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.15, tradução própria).

Nos domicílios pré-industriais, homens e mulheres participavam de atividades voltadas para a sobrevivência, era um ambiente que conformava um universo bastante complexo de tarefas e responsabilidades. O domicílio acumulava funções produtivas e reprodutivas, o que significava que nele se realizava tanto o trabalho mercantil quanto o trabalho doméstico e o trabalho de cuidado. Essas atividades podiam variar a partir dos contextos econômicos, seguindo marcas de gênero e de idade (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.17).

Estudos sobre a história do trabalho doméstico mostraram que as atividades que hoje são consideradas genuinamente domésticas, como lavar roupa, preparar

alimentos ou cuidar de crianças, formavam uma parcela muito pequena das tarefas necessárias, e ainda não carregavam uma marca de rotina (Ehrenreich; English apud Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.17).

Os homens podiam participar ativamente em processos alimentares, realizando tarefas conectadas à preparação da comida como buscar e cortar lenha, o sacrifício de animais ou a conversação de alimentos. A fiação de tecidos e a costura de algumas peças de roupas para uso próprio eram atividades executadas tanto por homens quanto por mulheres, em idades muito variadas. A distribuição das tarefas necessárias para sobrevivência também contava com o trabalho das crianças; elas acompanhavam homens e mulheres desde cedo em seus trabalhos.

Especialistas sobre a história da maternidade ressaltaram que as mulheres, nas sociedades pré-industriais, já enfrentavam dificuldades na execução das atividades domésticas e na criação e cuidado com as crianças por conta dos seus trabalhos como camponesas, feirantes, vendedoras, lavadeiras e empregadas domésticas (Duby; Perrot apud Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.21). Ter uma rede de apoio na família ou na vizinhança era fundamental para a realização das tarefas domésticas e de criação das crianças.

O processo de industrialização retirou do ambiente doméstico e do trabalho familiar as funções produtivas (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.19), e essas atividades foram se tornando, com o passar do tempo, cada vez mais mercantilizadas. A mão de obra feminina começou a ser importante nas fábricas, sobretudo nas têxteis, contribuindo de forma significativa para o seu desenvolvimento.

Com isso, no final do século XIX, com o intuito de reter essa mão de obra, foram criadas algumas práticas flexíveis. Surgiram salas de amamentação para que os recém-nascidos fossem alimentados pelas trabalhadoras em horas fixadas (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.21). A permanência das crianças também passou a ser autorizada nesses ambientes de trabalho (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.22).

Com a expansão das fábricas, as horas de trabalho e a sua jornada aumentaram significativamente, resultando em problemas principalmente nas regiões que utilizavam a mão de obra feminina de forma mais intensa. Conciliar esse tipo de trabalho com as atividades domésticas ou com a criação das crianças se tornava mais e mais difícil.

Nesse sentido, no final do século XIX, algumas mulheres se mobilizaram e inicialmente foram apoiadas por associações de trabalhadores masculinos. Eles

buscavam melhores condições de trabalho reivindicando, por exemplo, diminuição de jornada, criação de leis de maternidade e criação de sistemas de proteção à infância (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.22).

Esse cenário mostrava, ainda que de forma distinta e muito embrionária, o início de um debate sobre a responsabilização social do trabalho de reprodução e a contribuição de homens e mulheres nessas atividades (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.16).

Os homens que se dedicavam ao trabalho produtivo agora realizavam até setenta e duas horas de trabalho por semana (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p. 19). Isso fez com que as associações de trabalhadores masculinos reconhecessem publicamente que as longas jornadas de trabalho realizadas pelas mulheres nas fábricas eram incompatíveis com a realização das atividades domésticas, tarefas que passaram a ser entendidas como exclusivamente femininas por tais associações (Borderías apud Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p. 22).

Entretanto, grande parte das associações de trabalhadores, de uma forma geral, entendeu que a expulsão das mulheres casadas das fábricas era a solução para esse problema, pois resultaria no fim dessa jornada dupla enfrentada pelas mulheres. Ao mesmo tempo, essas associações começaram a atribuir um novo valor à permanência da esposa no domicílio, ficar em casa e se dedicar integralmente às atividades e responsabilidades do domicílio se transformava em um novo *status* (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p. 22).

Com o avanço do processo de industrialização, surgiu uma ideologia da domesticidade. Tal ideologia atuou definitivamente na transferência de qualquer atividade voltada à sobrevivência para a esfera privada da vida, o que contribuiu para mudar por completo as características do trabalho familiar: as atividades domésticas, de criação das crianças, o trabalho de cuidado, tornaram-se o centro do trabalho familiar doméstico.

Ao mesmo tempo, as mulheres foram colocadas como responsáveis naturais pelas atividades do trabalho de cuidado e o papel da maternidade foi ressignificado; Agora, ele começou a conflitar diretamente com outras atividades produtivas exercidas por elas (Knibiehler apud Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p. 19).

As novas concepções de maternidade que surgiram na transição para a sociedade moderna não só deram origem a novas percepções e novas regulamentações relativamente ao cuidado dos filhos, mas também à construção de novas identidades femininas (Bock apud Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.20, tradução própria).

O discurso médico teve papel central ao atribuir o fenômeno da mortalidade infantil às práticas que eram comuns. Assim, no final do século XIX, com o objetivo de diminuir a mortalidade infantil, foi atribuído um novo valor à infância. O aumento no tempo de trabalho dedicado ao cuidado das crianças foi um resultado direto dessa mudança (Knibiehler; Fouquet apud Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.18).

Práticas como o aleitamento realizada pelas amas de leite ou os serviços domésticos que cuidavam e educavam crianças passaram a ser questionadas. Essas atividades começaram a ser entendidas como fruto da ignorância das mulheres e poderiam causar “[...] debilidade material e espiritual na população” (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.20). Surgiu, dessa forma, uma conexão direta entre higiene e mortalidade, entre nutrição e saúde e isso resultou no estabelecimento de normas rígidas para a higiene privada.

Novas teorias sobre agentes patogênicos refletiam, de forma direta, a intensificação da limpeza da casa, dos alimentos e das roupas, contribuindo, de forma significativa, para a prolongação e intensificação das atividades domésticas e para o aumento do trabalho de cuidado com crianças dependentes (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.25). Havia um aparato composto por médicos, estadistas e filósofos que atuaram para solidificar essas novas ideias e práticas.

Dessa forma, as mulheres e as mães passaram a ser responsabilizadas por garantir e executar todas essas novas práticas. Elas também precisavam educar as crianças a partir de valores específicos da igreja e do Estado, e foram denominadas como “[...] donas de casa a serviço do Estado” (Donzelot apud Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p. 20).

Assim, surgiu o papel da dona de casa, uma figura que se tornou responsável pela execução das atividades domésticas numa tentativa de substituição da mão de obra assalariada que existia; uma das mudanças mais importantes na contemporaneidade (Cowan apud Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.20).

A boa mãe era a dona de casa que aplicava os novos parâmetros de higiene e de limpeza em seu domicílio. Ela se tornava responsável por toda uma população abundante e saudável (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.20). Tais práticas contribuíram para a melhoria dos níveis de vida da classe trabalhadora, para a diminuição da mortalidade infantil e para o aumento da expectativa de vida (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.25). Entretanto, elas também foram responsáveis pela

criação de modelos culturais que influenciaram diretamente o aumento no tempo de trabalho despendido no âmbito doméstico que deveria ser executado pelas mulheres.

Promessas por parte do mercado afirmavam que os avanços tecnológicos, a partir do processo de industrialização como a eletrificação dos domicílios, produção e mecanização de aparelhos domésticos, resultariam numa diminuição de horas de trabalho doméstico. No entanto, estudos apontaram o contrário, indicando um aumento de horas. Em 1920, eram gastas cinquenta e duas horas semanais com trabalho doméstico nos Estados Unidos; em 1960 eram gastas cinquenta e seis horas semanais (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.25).

A educação se voltou a fim de contribuir para a formação dessa nova figura materna. No final do século XIX, havia um currículo específico para esse fim, inscrito nesses novos parâmetros sobre nutrição e higiene, integrando o sistema público e privado de educação para as meninas (Ballarin apud Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.26).

O tempo colaborou para enraizar essas ideias, e com o passar dos anos essas atividades foram sendo menos atribuídas ao trabalho e mais entendidas como amor materno, ganhando camadas de invisibilidade. O pensamento econômico colaborou, nessa direção, ao associar trabalho à ideia de mercado e à ideia de salário, resultando na desvalorização econômica do trabalho doméstico (Folbre apud Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.23).

Nos primeiros censos, em grande parte dos países, as mulheres que realizavam trabalhos domésticos foram classificadas como trabalhadoras domésticas. Somente com o passar das primeiras décadas no século XX que essas mesmas mulheres começaram a formar um grupo considerado inativo ou improdutivo (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.23). Agora as mulheres que se dedicavam integralmente ao domicílio eram consideradas “[...] ‘dependentes’ de um ‘ganhador de pão’[...]” (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.22) e a economia passou a considerar o trabalho doméstico como não portador de valor econômico.

As atividades e responsabilidades do trabalho doméstico e do trabalho de cuidado passaram a ser atribuídas de forma natural às mulheres a partir dessa nova identidade feminina que mesclava os papéis da dona de casa – um papel que havia sido criado –, e da mãe – um papel que havia sido ressignificado.

Apresentar o surgimento do trabalho de cuidado a partir de uma perspectiva história colabora para pautar falsos essencialismos e naturalizações, mostrando como

a desvalorização desse tipo de trabalho foi uma construção social. Problemas e debates sobre o trabalho de cuidado não são características da atualidade; já na transição das sociedades históricas surgiram conflitos intimamente relacionados à redefinição das relações de gênero (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.16).

Interessa, ainda, ao sistema capitalista que a conexão entre produtivo e reprodutivo permaneça invisibilizada, somente assim se torna possível deslocar custos de reprodução social<sup>11</sup> de uma sociedade para a esfera doméstica (Batthyány, 2020, p.13; Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.51).

## 2.2 Os estudos sobre cuidado e trabalho de cuidado

Historicamente, a esfera privada da vida era considerada irrelevante. Pesquisas sobre a história do trabalho atendiam interesses sobre o que acontecia fora, no mercado de trabalho. O âmbito doméstico, durante bastante tempo, não teve importância (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.14).

O interesse em um campo mais próximo ao que hoje se denomina trabalho de cuidado surgiu com algumas tendências historiográficas: a segunda onda da escola de *Annales* e um novo interesse pelo mundo privado; a história da família, tanto a questão sobre natalidade e fertilidade quanto a história dos sentimentos; a história da infância e a história das mulheres, com particular interesse nas continuidades e rupturas nas práticas de maternidade, higiene doméstica e cuidados na infância; a história da medicina interessada nos estudos sobre saúde infantil, e, por último, a construção da cidadania moderna, que, a partir de uma concepção feminista, desmascarava as amarras do papel da mulher na nova divisão sexual do trabalho<sup>12</sup>, responsável por conectá-la diretamente ao trabalho reprodutivo (Borderías; Carrasco; Torns, 2011, p.15).

---

<sup>11</sup> A reprodução social aponta uma integração entre a produção de bens, serviços e a produção da vida. A teoria da reprodução social junta principalmente três aspectos: a reprodução biológica — dar à luz, as atividades que mantêm e cuidam de não trabalhadores sejam crianças que no futuro serão trabalhadores ou adultos que já foram trabalhadores, e atividades que mantêm, cuidam e regeneram o trabalhador, permitindo com que ele possa retornar ao trabalho, ou seja, uma variedade de atividades domésticas e atividades do cuidado (Bhattacharya, 2019, p.103).

<sup>12</sup> O termo divisão sexual do trabalho reflete uma relação entre uma distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho incluindo variações no tempo, no espaço, os associando também à divisão do trabalho doméstico. Para além de constatar desigualdades, o termo mostra que elas são sistemáticas e dão suporte no processo de hierarquizar atividades e sexos dentro de um sistema de gênero (Hirata; Kergoat, 2007, p.596).

O trabalho de cuidado foi construído historicamente entre suas dimensões trabalho, ainda que de forma não remunerada, emoção, responsabilidade e desempenho, e inscritos em um sistema de relações familiares e de gênero (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.26).

Foi a partir da Sociologia, em 1980<sup>13</sup>, com estudiosas italianas como Laura Balbo, Franca Bimbi e Chiara Saraceno, que os estudos sobre *lavoro di cura*, trabalho de cuidado, surgiram. O intuito nessas primeiras investigações foi dar voz às limitações sociais que as mulheres enfrentavam nos Estados de bem-estar social<sup>14</sup> (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.33).

Os estudos do cuidado floresceram em um entendimento enquanto trabalho, apesar de essas autoras não serem sociólogas do trabalho, elas eram especialistas nos temas família, vida cotidiana e políticas sociais. O interesse em comum nessas pesquisas foi a vontade em apontar o trabalho invisível realizado pelas mulheres naquelas sociedades (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.32).

As primeiras investigações já demonstravam a necessidade de se relacionar cuidado e tempo, assim como a necessidade de evidenciar o perfil feminino na realização do trabalho de cuidado, e o fator vida cotidiana como um novo cenário de análise (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.33).

Chiara Saraceno também propôs analisar a vida cotidiana das mulheres nas sociedades de bem-estar social, demonstrando as suas estruturas sexuadas e os seus problemas. Ela destacou a dificuldade das mulheres que prestavam atividades remuneradas no âmbito público, na tentativa de conciliar as tarefas do cuidado em casa, par e passo à invisibilidade do trabalho que sofriam as donas de casa, que eram vistas como cuidadoras, e não como mulheres que exerciam algum tipo de trabalho (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.33).

Estudiosas francesas criaram o Grupo de Estudos sobre a Divisão Social e Sexual do Trabalho (GEDISST) em 1983, no Centro Nacional de Investigação Científica em Paris, França, interessadas em investigar sincronidade vinculando tempo e trabalho de cuidado. O GEDISST desenvolveu análises que demonstraram a

---

<sup>13</sup> Existem ideias sobre cuidado que datam muito antes da década de 1980 e que surgiram a partir de obras literárias da Antiga Roma ao final da era pré-cristã com fonte nas fábulas-mito greco-latinas e, posteriormente, por meio de propostas filosóficas ainda no início do século XIX (Zoboli, 2004, p.22).

<sup>14</sup> O Estado de bem-estar deve garantir bem-estar básico para os cidadãos por meio de direitos sociais. Isso envolve considerar diferentes formas entrelaçando atividades estatais às ações da família e do mercado nessa provisão. As variações internacionais nesse sentido agrupam Estados em tipos de regime (Esping-Andersen, 1991, p.108).

importância do vínculo relacional na execução das tarefas do cuidado. Os estudos de Danielle Chabaud-Richter, Dominique Fougeyrollas-Schwebel e Françoise Sonthonnax apontaram para as desigualdades encontradas no âmbito do trabalho de cuidado (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.34).

Entre as sociólogas anglo-saxãs, surgiu uma abordagem que alcançou grande reconhecimento na literatura especializada por meio da denominação *care*<sup>15</sup>, mesmo sem ter avançado de forma significativa em termos definidores do conceito.

A obra de Janet Finch e Dulcie Groves, “Um trabalho de amor: mulher, trabalho e cuidado”, foi reivindicada por Claire Ungerson como o trabalho fundador e basilar nos estudos do *care*. Nesse estudo existiu uma aproximação com os estudos identitários<sup>16</sup>, além de evidenciar sentimentos e emoções no trabalho de cuidado (Carrasco; Borderías; Torns, 2011 p.34).

Na área da Economia, o estudo do trabalho do cuidado teve uma história de marginalização e falta de reconhecimento enquanto objeto de investigação. O trabalho de cuidado foi, muitas vezes, entendido como um não trabalho, uma atividade sem caráter econômico, o que fez com que os estudos se desenvolvessem em uma área denominada Economia Feminista. Os estudos nessa área apresentaram um novo paradigma ao situar esse trabalho como aspecto determinante da reprodução social (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.30).

A Economia Feminista aportou ideias que incorporaram o trabalho de cuidado como parte fundamental no circuito macroeconômico, contribuindo para ampliar a renda dos domicílios de maneira qualitativa e quantitativa. Os modelos desenvolvidos integraram o cuidado ao modelo econômico, evidenciando a contribuição desse trabalho para a manutenção das condições de vida da população (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.50).

---

<sup>15</sup> Para se referir às autoras dessa vertente, as literaturas no português e francês, por exemplo, não fazem a tradução do termo *care*.

<sup>16</sup> Processos identitários não são apenas uma forma de nomear ou classificar, são também estratégias de transgressão e contestação de indivíduos e grupos tidos como subordinados frente aos indivíduos e grupos tidos como hegemônicos. Esse é um processo relacional e situacional, sendo produto de um determinado contexto histórico-social. O processo identitário não se resume à identificação de marcadores como cor, gênero, comportamento ou língua (elementos que, na contemporaneidade, são denominados equivocadamente com o termo identidade), eles servem para colaborar para a compreensão e análise de mudanças sociais, políticas e culturais que alteram a realidade social principalmente no que tange ao surgimento de novos atores sociais e novas demandas e direitos. Os estudos sobre processos identitários devem levar em conta: atores sociais, disputas materiais e simbólicas, normas (costumes, tradições, leis), discurso das relações de poder e os contextos sociais (Ennes; Marcon, 2014, p.302).

Ao longo dos anos iniciais de estudo à luz da Economia Feminista, houve uma ruptura no sentido de buscar reconhecer o trabalho de cuidado nos mesmos moldes e termos que outros tipos de trabalho. Dessa forma, passou-se a valorizar as atividades do trabalho de cuidado a partir de suas características próprias, como por exemplo, a importância do cuidado no bem-estar das pessoas (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.39).

Na década de 1990, os debates na Economia Feminista trouxeram discussões que se centravam em aspectos teóricos e conceituais, destacando conotações subjetivas e emocionais do trabalho de cuidado. Susan Himmelwiet, a partir do conceito do trabalho doméstico, destacou características e conotações próprias de sua definição que seriam relacionadas diretamente às atividades do cuidado, como a subjetividade e as emoções. A autora destacou a necessidade de superação entre os termos trabalho e não trabalho como forma de se referir e reconhecer as especificidades da experiência feminina. A autora também apontou para a necessidade da sociedade em se orientar por atividades do cuidado, e não por atividades do mercado (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.38).

O trabalho de Nancy Folbre analisou a diversidade das formas na realização do trabalho de cuidado, tanto no mercado de trabalho quanto no doméstico. A autora trouxe a ideia de que o trabalho de cuidado transcende o espaço não remunerado, demonstrando a fragilidade da fronteira entre público e privado. A autora também apontou que a desvalorização do trabalho de cuidado acontece porque ele é realizado, majoritariamente, por mulheres; ou seja, na verdade ser mulher é o que é desvalorizado em um sistema patriarcal (Carrasco; Borderías; Torns, 2011, p.38).

No ano de 2018, dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) apontaram que a força de trabalho global alocada no trabalho de cuidado remunerado era de 381 milhões de trabalhadores, representando 11,5% do total de empregos no mundo. Desse número, 249 milhões eram mulheres. Nas Américas, Europa e Ásia Central, a proporção era de 3/4 de trabalhadoras, a maioria estava na área da educação, seguida por saúde e serviço social. No trabalho doméstico, eram 70,1 milhões de trabalhadores dos quais 49 milhões eram mulheres (Oit, 2018, p.xxxviii).

Na América Latina, os estudos sobre cuidado surgiram a partir de investigações sobre trabalho não remunerado e como ele podia contribuir para geração de bem-estar das pessoas. O crescente aumento no número de mulheres no mercado de trabalho também criava tensões na busca por mão de obra para a realização do

trabalho doméstico e do trabalho de cuidado domiciliar, e isso também foi apontado como uma das razões para o surgimento dos estudos na região (Carrasquer apud Batthyány, 2020, p.11).

Karina Batthyány propôs, a partir de um exercício de categorização, diferentes *miradas* para os estudos sobre cuidado, analisando pesquisas desenvolvidas na região ou por autoras latinoamericanas, mas sem desconsiderar estudos importantes fora da América Latina. Tal exercício não foi exaustivo, impossível sê-lo frente às inúmeras pesquisas existentes. Porém, destacá-lo ajuda a elucidar algumas trajetórias de estudos e reflexões teóricas.

A autora definiu quatro vertentes a partir das suas análises: a) ética do cuidado; b) economia feminista e economia do cuidado; c) cuidado como direito e; d) cuidado como componente de bem-estar. Cada uma delas apresenta respostas diferentes para duas perguntas importantes sobre o tema: “o que é cuidado e quais atividades estão inclusas nesse trabalho?”, “qual é o aspecto mais importante sobre cuidado?” (Batthyány, 2020, p.14).

De forma breve, apresento a seguir a principal ideia de cada vertente. Nessa apresentação, faço menção a algumas autoras e suas ideias, sem o objetivo de fazer dessa uma revisão profunda e exaustiva da literatura.

#### a) Ética do cuidado

A ênfase nessa vertente está no entendimento de que o cuidado deve ser colocado como valor central da vida humana, o que exige além de conhecimento prévio e técnico, um processo que faz julgamentos e escolhas a todo momento. Nesse sentido, propõe-se a criação de uma ética, de alcance universal, voltada ao cuidado de forma a pautar e guiar uma sociedade.

Os estudos de Carol Gilligan, em “Uma voz diferente: teoria psicológica e desenvolvimento das mulheres”, apresentaram uma crítica à psicologia cognitivista ao tratar da existência de duas perspectivas que refletiam formas diferentes de lidar com problemas morais: uma maneira vinha da voz masculina, normalmente atribuída aos homens, que os guiava por uma base de justiça, direitos individuais e normas universais; e a outra maneira vinha da voz feminina, a voz diferente, normalmente atribuída às mulheres, que tinha como base conexões com o outro, as emoções e os sentimentos. A voz feminina era deixada de lado nas teorias que descreviam o desenvolvimento moral humano e as propostas éticas pautadas em direito e

princípios. O caminho para a transformação da estrutura patriarcal da sociedade propõe ouvir a voz diferente das mulheres por meio de reformulações éticas que as consideram sujeitos morais (Kuhnen, 2014, p.4).

A autora Joan Tronto retomou ideias sobre a ética do cuidado no ensaio “Uma ética do cuidado”, e propôs expandir a noção de ética restaurando o seu significado original enquanto “[...] conhecimento sobre como viver uma vida boa” (Tronto, 1998, p.15) de forma combinada a uma interpretação mais profunda sobre cuidado.

Assim, a ética do cuidado é um guia para se tomar as melhores decisões e deve ser pautada por quatro fases: *caring about*, significa estar ciente, prestar atenção na necessidade do outro; *caring for* é quando uma pessoa assume a responsabilidade de cuidar a partir da identificação de uma demanda ou atividade necessária; *caregiving* é o ato de cuidar em si, exige executar as atividades do cuidado e pode ser realizado por indivíduos ou instituições; e o *care receiving* é a pessoa ou grupo que recebe tais atividades, a atenção, o cuidado (Tronto, 1998, p.16).

Dessa forma, para oferecer serviços de cuidado de qualidade é necessário colocar ênfase e importância nessas quatro fases de forma articulada.

#### b) Economia feminista e economia do cuidado

O ponto central dessa vertente é a proposta para se mudar radicalmente o sistema socioeconômico colocando luz nas dimensões da reprodução social e das necessidades humanas (Picchio apud Borderías; Carrasco; Torns, 2011, p.50).

Essa perspectiva é importante para se pensar em sociedades mais igualitárias, e tem destaque nas análises propostas na região latino-americana por contribuir para colocar o tema nas agendas dos governos locais e dos organismos internacionais. Os estudos nessa vertente buscam tornar visível o trabalho de cuidado ao enfatizar tanto o trabalho remunerado quanto o trabalho não remunerado (Batthyány, 2020, p.15).

Alma Espino, em “Trabalho e gênero: um velho tema, novos olhares?”, debateu sobre as políticas trabalhistas da região latino-americana levando em conta as desigualdades entre homens e mulheres com relação ao trabalho. Mesmo que os governos da época estivessem reconhecendo a importância do trabalho não remunerado para a geração de bem-estar na sociedade, havia, ainda, um *déficit* de medidas concretas para conciliar os tipos de trabalho, tanto para homens como para mulheres, o que proporcionaria um maior equilíbrio entre o trabalho no mercado e as responsabilidades familiares (Espino, 2012).

Recuperar e revitalizar o debate sobre o trabalho doméstico não remunerado como uma necessidade no processo de acumulação capitalista dá lugar à ideia de economia do cuidado. A economia do cuidado é definida como todas as atividades e práticas necessárias para a sobrevivência cotidiana das pessoas na sociedade em que vivem, incluindo: cuidado direto a outras pessoas, o autocuidado, tarefas necessárias para a realização do cuidado como a limpeza da casa, planejamento, gestão e supervisão do cuidado (Enríquez, 2015).

c) Cuidado como direito

O enfoque à ideia do cuidado como direito propõe um debate sobre desigualdade e, ao mesmo tempo, atende a principal crítica feita por estudiosas feministas sobre a familiarização dos cuidados. A proposta coloca o cuidado como direito universal, defendendo que ele deve ser promovido ao longo da vida de uma pessoa.

Laura Pautassi, em “Cuidado e direitos: a nova questão social”, propôs ressignificar o debate sobre como incorporar o cuidado, em toda a sua complexidade, na lógica do direito. A autora apontou que para isso era preciso analisar o cuidado como obrigação e as suas implicações, principalmente, na vida das mulheres. Somente ao incluir o cuidado como direito universal, o que não significa uma maior promoção de oferta de serviços de cuidado, é que seria possível avançar em direção a mudanças significativas em uma sociedade (Pautassi, 2010, p.71).

Essa vertente também esbarra na ideia de cidadania social, ao entender que independentemente de ter família ou dinheiro, as pessoas precisam receber cuidado por meio de atividades de qualidade (Batthyány, 2020, p.23). São três circunstâncias que a proposta de cuidado como direito quer evitar: que o cuidado seja oferecido por meio de uma lógica de mercado a partir da disponibilidade de renda; que a ação de cuidar seja uma obrigação familiar; e, por fim, evitar condições precárias de trabalho. Os serviços e atividades devem ser de qualidade, oferecidos a partir de condições dignas de trabalho.

d) Cuidado como componente de bem-estar

Os estudos sobre cuidado como componente de bem-estar, na região latino-americana, são propostos principalmente em abordagens sociológicas, embora possam ser encontrados em estudos sobre políticas públicas. Essa *mirada* tem raízes

nas críticas feitas por feministas aos regimes de bem-estar e às tipologias criadas por Gosta Esping-Andersen, em “Os três mundos do capitalismo de bem-estar” (Batthyány, 2020, p.20).

A dimensão mais importante, a partir das análises convencionais, para avaliar o bem-estar em uma sociedade, estava na ideia da existência de um direito sobre a segurança econômica do trabalhador.

Os homens tinham a titularidade dos direitos sociais a partir de sua vinculação com o mercado de trabalho. Esses benefícios eram estendidos à esposa e filhos que acessavam indiretamente os serviços de saúde e os planos e previdência como dependentes dos chefes de família (Faur, 2014, tradução própria)

A crítica feminista colocou essa ideia em xeque, uma vez que esse modelo tinha como referencial o trabalhador masculino, chefe de família, assalariado, evidenciando que essas análises não davam importância ao papel desempenhado pelas mulheres. Ela adicionava, ainda, que a definição de bem-estar deveria incluir outros elementos como a existência de serviços públicos para a provisão de cuidado para as crianças, idosos e pessoas com necessidades especiais, a promoção do emprego feminino e o incentivo à distribuição de responsabilidade de maneira igualitária entre homens e mulheres no núcleo familiar (Sorj; Fontes, 2012, p.104).

O Estado não reconhecia o cuidado como um componente de bem-estar, o que colaborava para a invisibilização desse tipo de trabalho, e para colocá-lo como parte da identidade feminina, entendendo-o, ainda, como atributo natural das mulheres. Assim, para as feministas, o cuidado deve ser entendido como componente de bem-estar, sendo promovido por meio do trabalho de cuidado, que é executado majoritariamente pelas mulheres. Entendê-lo dessa forma também colabora para entender como funcionam os Estados de bem-estar social (Daly; Lewis apud Batthyány, 2020, p.20).

Shahra Razavi estendeu a noção de regime de bem-estar para o âmbito do cuidado, propondo uma análise dos Estados de bem-estar especificamente a partir da provisão dos serviços de cuidado, introduzindo o conceito de regime de cuidado social. Nos regimes de cuidado, a provisão do cuidado era compartilhada entre diferentes atores e agentes, distribuindo custos e responsabilidades numa arquitetura denominada pela autora como diamante do cuidado, que contava com a participação do Estado, da família, do mercado e das organizações comunitárias ou organizações filantrópicas (Razavi, 2007, p.21).

Na Europa, eram observados três tipos de regimes de cuidado social a partir das suas principais tendências: a) regime de cuidado liberal, que tinha o mercado como ator principal; b) regime do sudeste europeu, que tinha a provisão de cuidado familiar como modelo; e c) regime nórdico, modelo no qual o Estado era o principal provedor.

Na América Latina, em virtude das fracas políticas públicas, era desafiador identificar uma oferta clara de serviços de cuidado; as ações eram poucas e fragmentadas. Assim, similarmente ao que propôs Shahra Razavi, surgiu a ideia de organização social do cuidado para pensar e investigar como se dá a provisão de cuidado na região (Esquivel apud Batthyány, 2020, p.21). A organização social do cuidado aponta para uma inter-relação entre família, mercado, Estado e organizações.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, entendi que classificar estudos e investigações a partir de vertentes tem sido uma tentativa na construção de um quadro explicativo, um exercício que busca auxiliar o entendimento do tema, que é complexo. Essas *miradas* podem servir para melhor orientar uma pesquisa a partir de um determinado ponto de vista, mas, na realidade, elas tem fronteiras fluidas, que podem ser cruzadas facilmente.

É possível notar que uma investigação que se propõe a estudar o cuidado como componente de bem-estar também pode retratar ou enfatizar a importância do trabalho das mulheres para a economia, o que poderia fazê-la se voltar para a vertente da economia feminista. Ainda, tanto a ideia proposta na economia do cuidado, quanto no cuidado como direito tem como objetivo tornar o trabalho de cuidado visível, ou seja, delimitar um ponto de vista a partir de uma vertente é apenas um direcionamento dentre vários possíveis. As vertentes podem compartilhar algumas ideias e objetivos, e elas necessariamente não excluem umas às outras.

Dessa forma, essas vertentes auxiliam como ferramentas para o entendimento sobre cuidado, guiando o desenvolvimento de uma pesquisa e a apresentação das suas ideias, mas não devem operar de forma estanque. É um caminho possível, mas não é o único. Nesse sentido, para guiar quem realizará a leitura desta dissertação, aponto um caminho possível e situo essa pesquisa na *mirada* do cuidado como componente de bem-estar.

O significado de bem-estar é intrínseco a dois aspectos: de um lado, posiciona uma ideia filosófica em conjunto com uma postura ética e, do outro, posiciona as instituições políticas. Nessa pesquisa, o conceito de bem-estar é considerado

multidimensional e agrega uma série de questões que devem ser levadas em conta: bem-estar físico, bem-estar material, bem-estar social e bem-estar psicológico. O estudo do cuidado contribui para estender o entendimento sobre bem-estar, e pode ser resumido como o atendimento da necessidade de determinada pessoa (Daly, 2013). “A maioria das tarefas realizadas como trabalho doméstico concorre diretamente ou indiretamente para garantir o bem-estar, a boa saúde ou a cura dos indivíduos do grupo doméstico” (Cresson apud Hirata, 2022, p.29).

Ao propor esse caminho, parti da ideia de que as mulheres colaboram para promover bem-estar para a sociedade por meio do trabalho de cuidado. Assim, entendi que Marciele, quando prestava seus serviços e executava o seu trabalho, atendia as necessidades das famílias beneficiárias, colaborando para o seu bem-estar.

Assim, situar essa pesquisa dessa forma também propõe apresentar a organização social do cuidado e isso foi feito, de forma específica, no contexto de vida de Marciele. Os seus relatos passaram pelos aspectos do trabalho de cuidado mostrando práticas, arranjos e relações construídas nas formas de organização. Foi possível notar arranjos mais recorrentes, que geravam conexões mais fortes – como a mercantilização de serviços de cuidado na comunidade ou na família consanguínea –, e arranjos menos recorrentes, que geram conexões mais fracas – como os serviços oferecidos pelo Estado.

No próximo capítulo serão apresentados dados do cenário brasileiro, assim como algumas características sobre as ocupações e os perfis profissionais das cuidadoras e das empregadas domésticas no país.

### 3 TRABALHO DE CUIDADO NO BRASIL

#### 3.1 Características do cenário brasileiro

As pesquisas sobre trabalho de cuidado no Brasil surgiram por volta dos anos 2000, por meio das áreas da Gerontologia, da Saúde Pública e Enfermagem (Hirata, 2020, p.112), que começaram a investigar aspectos da formação profissional, formação educacional dos trabalhadores, remuneração e recrutamento desses profissionais (Guimarães; Hirata; Sugita, 2011, p.151).

Com o passar dos anos, os estudos foram se multiplicando por meio de investigações empíricas e reflexões teóricas num esforço coletivo de estudiosos e estudiosas brasileiras de trazer o tema à tona. Assim, surgiram os primeiros estudos sobre o cuidado no campo das Ciências Sociais, com as pesquisas de Lucila Scavone, Bila Sorj, Maria Lucia da Silveira e Neuza Tito (Hirata, 2020, p.114).

Para uma melhor compreensão sobre o trabalho de cuidado, é preciso pensá-lo como um todo. Entretanto, a literatura especializada propõe assumir uma diferenciação entre três campos de estudo que apontam para três focos diferentes: cuidado de crianças; cuidado de idosos e/ou pessoas enfermas e dependentes; e tarefas domésticas de limpeza e manutenção do domicílio, formando o que chamam de tripé do cuidado.

Em meados de 2022, conheci Marciele. Na época, ela trabalhava como cuidadora de uma idosa num bairro de classe média alta na cidade de Vitória, ES. Marciele, ao longo dos seus pouco mais de quinze anos de trabalho, passou pelas principais ocupações do tripé do cuidado: ela já trabalhou como babá, cuidadora e, faxineira. Marciele conseguia se mover de um campo a outro do trabalho, do trabalho doméstico para o trabalho de cuidado, sem esbarrar em grandes dificuldades. Ela sempre foi uma trabalhadora domiciliar; isso significava que ela nunca prestou serviços por meio de alguma instituição ou empresa.

Essa diversidade de experiências nas diferentes ocupações do cuidado na vida profissional de Marciele contribuiu para que a pesquisa não ficasse centrada em um único campo do cuidado. Assim, a pesquisa foi se movimentando junto com os relatos da colaboradora, passando pelas várias ocupações, explorando diferentes dinâmicas, atividades, situações e relações.

Poder atravessar os campos do cuidado mostra que existe uma fluidez entre as fronteiras do trabalho de cuidado e do trabalho doméstico, sobretudo por conta dos perfis dessas trabalhadoras: são tarefas executadas por mulheres, predominantemente pretas ou pardas; essas mulheres têm baixo nível de escolaridade e recebem uma baixa remuneração. São poucas as trabalhadoras asseguradas pelos mecanismos de proteção formal no Brasil, ou seja, não se regulamentam as situações de trabalho dessas profissionais (Guimarães, 2019, p.14).

A atividade de trabalhadora doméstica passou a ser reconhecida enquanto profissão, no Brasil, no ano de 1972, por meio da Lei do Emprego Doméstico (Lei n.º 5.859/1972). Na Constituição Federal de 1988, alguns direitos passaram a ser atrelados a essa profissão, com exceção da jornada de trabalho fixada em lei, estabilidade e indenização por tempo de serviço. Determinadas diferenciações internas aconteceram no âmbito do trabalho doméstico de acordo com o vínculo que se estabelecia com as famílias: havia as mensalistas, aquelas que trabalhavam o mês todo com um único empregador e podiam morar no local de trabalho, e havia as diaristas, aquelas que prestam serviços em diferentes domicílios (Sorj; Fontes, 2012, p.107).

Em 2013, a profissão da trabalhadora doméstica, reconhecida como trabalhadora em domicílio, foi regulamentada por meio da Emenda Constitucional n.º 72 de 2 de abril, mais conhecida como PEC das Domésticas. Com isso, surgiu uma lista institucional que elencava as atividades executadas por essas profissionais. Entre os direitos assegurados por lei estão: limite para as suas jornadas de trabalho, salário mínimo, adicional por trabalho noturno, aposentadoria e seguro desemprego.

Já em relação às cuidadoras, embora sejam socialmente aceitas e estabelecidas há bastante tempo, a sua ocupação enquanto profissão, “[...] categoria que emana da vida cotidiana, dos significados outorgados e dos juízos de valor formulados pelos próprios atores” (Hughes apud Guimarães, 2019, p.13), é recente, fazendo com elas ainda busquem por reconhecimento profissional no contexto brasileiro<sup>17</sup>.

Em 2002, passou a vigorar uma nova Classificação Brasileira de Ocupações e lá foi introduzida a palavra cuidador como uma nova profissão que surgia a partir das

---

<sup>17</sup> O Projeto de Lei n.º 11/2016 (PL 1385/2007) visava criar e regulamentar a profissão de cuidador (cuidador de pessoa idosa, cuidador infantil, cuidador de pessoa com deficiência e cuidador de pessoa com doença rara). Ele foi vetado em 2019 durante o governo Bolsonaro.

pesquisas sociodemográficas nacionais (Guimarães et al., 2020, p.78). Outras dinâmicas também colaboraram para o reconhecimento institucional dessa atividade laboral, como a estatística e a linguagem.

Assumindo que a trajetória e a intensidade no uso de certas palavras sinalizam o que se passa na consciência social, acompanhar como progredem os modos de categorizar e nominar pode nos ajudar a dimensionar a presença e o relevo social do trabalho remunerado de cuidado, deixando-nos entrever as estratégias de auto-identificar-se [sic], de reconhecer e ser reconhecido (Guimarães, 2019, p.10).

O sentido do que é uma profissão tem passado cada vez mais por uma área de conhecimento especializada e institucionalizada (Gonçalves apud Teixeira, 2015, p.101). Dessa forma, a ocupação de cuidadora tem se atrelado, cada vez mais, a essa ideia fazendo com que as mulheres busquem estudo e uma formação profissional. Isso tem contribuído para hierarquizar e segmentar o cuidado no mercado de trabalho, sobretudo nas instituições de longa permanência (Hirata, 2022, p.32).

Os cursos de cuidadora variam bastante, eles podem ser oferecidos por agências privadas, casas de repouso ou hospitais, com uma carga horária que pode variar entre vinte e cinco horas e duzentos e quarenta horas, como o curso oferecido pela Fiocruz na cidade do Rio de Janeiro, uma formação com número limitado de vagas (Hirata, 2022, p.79).

Quando o assunto é cuidado de pessoas idosas e/ou enfermas, dependentes, as cuidadoras disputam e dividem espaço no mercado de trabalho com profissionais da saúde como auxiliares e técnicos de enfermagem. Esses profissionais de saúde se destacam por conta dos diplomas e certificados e são profissionais mais requisitados em instituições de longa permanência (Guimarães; Hirata; Sugita, 2011, p.167) uma vez que podem realizar atos técnicos, administrar medicamentos e injeções.

Apesar do termo cuidador ser reconhecido como profissão, o que colaborou para a definição sobre conteúdo e natureza do trabalho, tal reconhecimento não foi suficiente para a sua regulamentação por parte do Estado, o que significa que, na atualidade, não existe garantia de emprego e direitos trabalhistas associados às cuidadoras; o que beneficiaria sobretudo aquelas que trabalham em domicílios (Guimarães, 2019, p.8).

Ainda, com um movimento em direção à pejotização<sup>18</sup>, muitas cuidadoras de idosos estão sendo enquadradas como prestadoras de serviço por meio do registro como Microempreendedor Individual (MEI), um movimento que visa transformar a trabalhadora informal em um MEI legalizado, o que garante à pessoa que trabalha por conta própria alguns direitos, como licença-maternidade, auxílio-doença e aposentadoria. Apesar disso, persiste nessa modalidade de contratação a ausência de outros direitos importantes, como férias e décimo terceiro, beneficiando sobretudo os empregadores que, por meio desse dispositivo, evitam encargos trabalhistas (Araújo, 2019, p.50).

Quando as cuidadoras domiciliares têm a carteira de trabalho assinada, comumente elas ficam sob o registro de trabalhadoras em domicílio ou trabalhadoras domésticas. Isso as aproxima da figura da empregada doméstica e vai contra a sua luta por reconhecimento. Por conta da estigmatização da condição de empregada doméstica no Brasil, existe uma busca ativa por parte das cuidadoras, uma diferenciação simbólica (Guimarães, 2019, p.16) para que sejam vistas e entendidas como uma ocupação diferente.

Essa busca também mostra uma tentativa em se afastar de papéis das obrigações familiares e de servidão que são comumente atrelados à figura da empregada doméstica. As trabalhadoras domésticas, sobretudo as mais jovens, têm atribuído um caráter temporário à execução desse trabalho, elas não são empregadas domésticas, elas “estão” empregadas domésticas. Assim, essas mulheres têm, cada vez mais, procurado por uma qualificação profissional (Teixeira, 2015, p.93). Esse aspecto, o “estar” empregada doméstica, contribui para intensificar e precarizar o trabalho doméstico na atualidade (Hirata, 2022, p.38).

[...] quando o trabalho doméstico não atende a esses requisitos sociais e tradicionais para a consideração da atividade ocupacional como sendo profissão, acaba assumindo um sentido social de subalternidade (Teixeira, 2015, p.102).

O documento “Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2023”, do IBGE, tem como objetivo sistematizar e apresentar um conjunto de informações sobre a realidade social do país. Para a

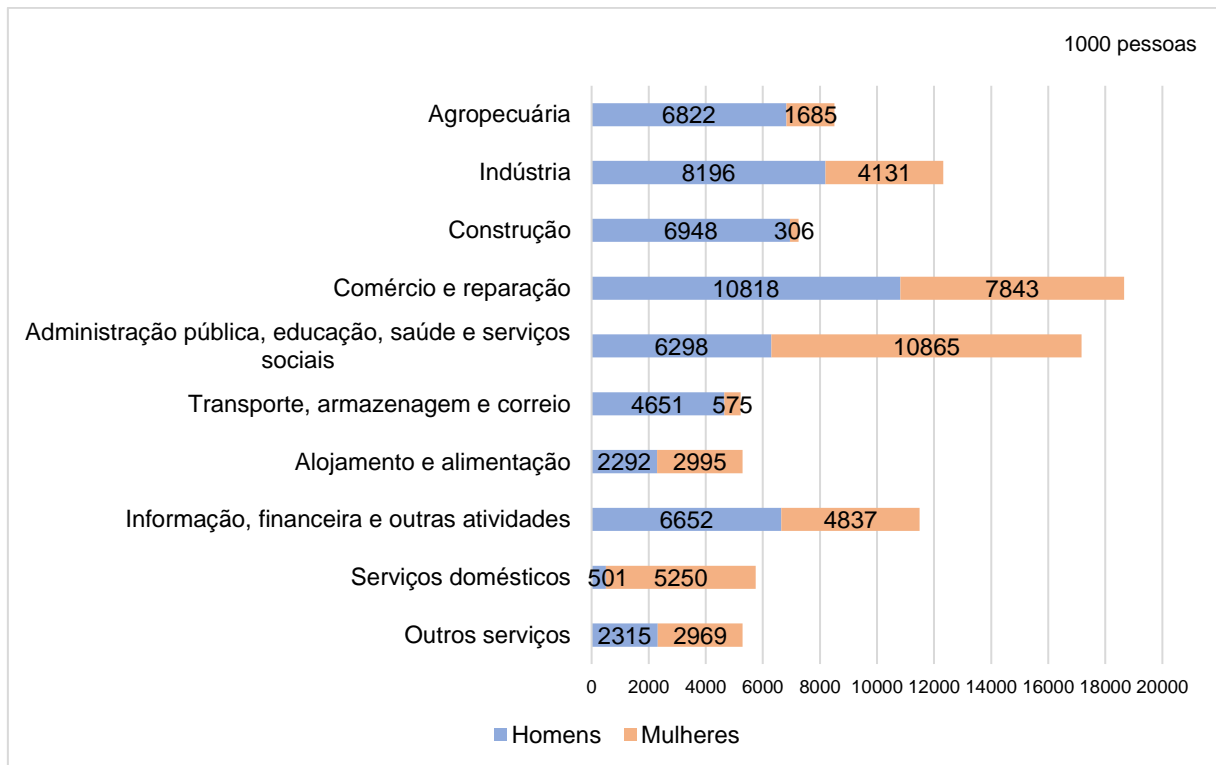
---

<sup>18</sup> O termo se refere a uma prática na qual uma pessoa trabalhadora assume um caráter de pessoa jurídica, fazendo com que ela não tenha acesso a direitos trabalhistas em eventuais contratações, uma vez que nessa condição o que passa a existir é uma relação entre empresas e não uma relação entre empresa e trabalhador.

criação dos indicadores, foram utilizadas distintas bases de dados nacionais. Dentre os quatro eixos de análise propostos, o eixo economia e mercado de trabalho utilizou dados da PNAD-C e do Sistema de Contas Nacionais do Brasil para mostrar o comportamento da economia, destacando tendências e indicadores do mercado de trabalho que evidenciam o perfil dos trabalhadores.

A população ocupada<sup>19</sup> contava com 97 milhões de pessoas no ano de 2022. Desse total, 44,7% eram brancas e 54,2% eram pretas ou pardas. O grupamento serviços domésticos registrou pouco mais de 5,7 milhões de trabalhadores, dos quais 5,250 milhões eram mulheres (Figura 1).

**Figura 1 – População ocupada, por sexo, segundo os grupos de atividade – Brasil  
2022**



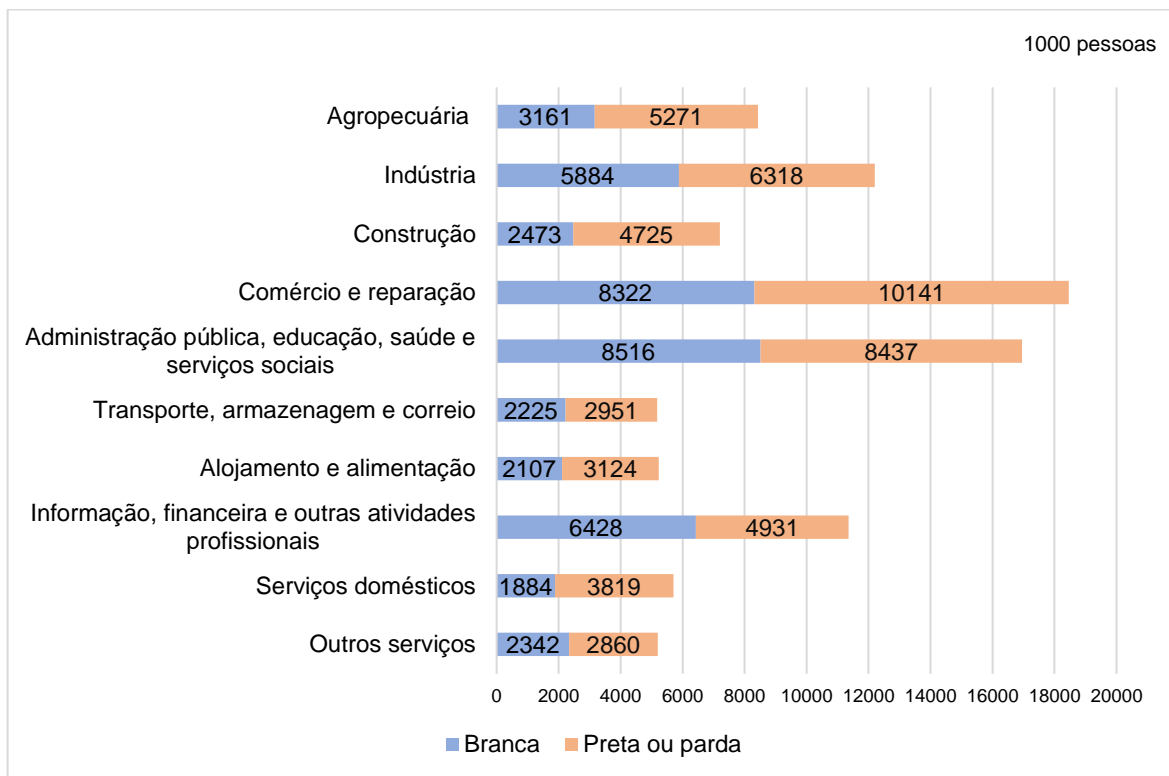
Fonte: Síntese (2023, p.23).

<sup>19</sup> Pessoas de quatorze anos de idade ou mais que na semana de referência trabalharam pelo menos uma hora completa em trabalho remunerado com dinheiro, produtos ou benefícios como moradia, alimentação ou em trabalho não remunerado. Pessoas que tinham trabalho, mas estavam temporariamente afastadas naquele período por conta de férias ou licença, por exemplo, também foram contabilizadas (Síntese, 2023, p.143).

O que chama a atenção nesse dado é a proporção da mão de obra das mulheres alocada em tais atividades. Nesse grupamento elas representam 91% de trabalhadoras.

Na população ocupada por raça ou cor, a maior representação de pessoas pretas ou pardas estava no grupamento serviço doméstico; 66,4% eram pessoas pretas ou pardas (Figura 2). Ainda, as atividades desse grupamento apresentaram rendimentos inferiores à média em todos os anos da série (Síntese, 2023, p.24).

**Figura 2 – População ocupada por cor ou raça, segundo os grupos de atividade – Brasil 2022**



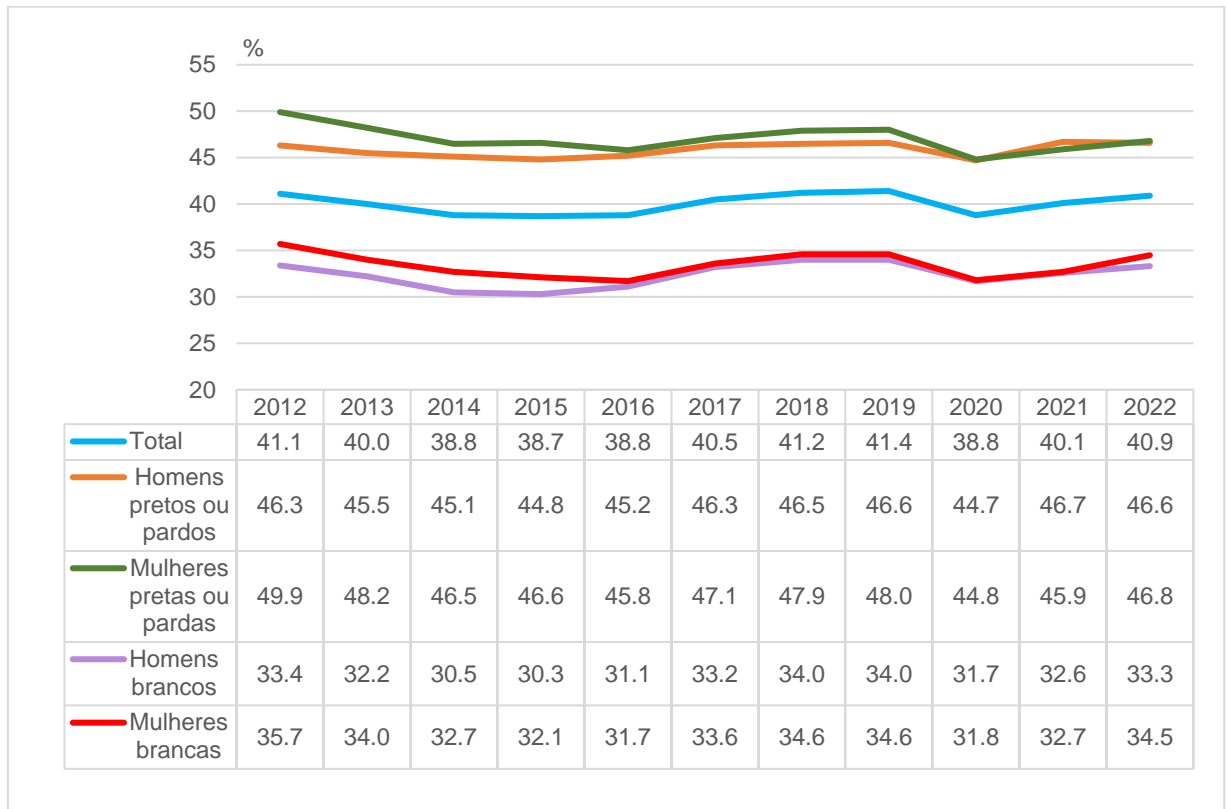
Fonte: Síntese (2023, p.24).

Já a proporção de pessoas em ocupações informais no ano de 2022 foi de 40,9%. Homens e mulheres pretas ou pardas representaram proporções acima dessa média ao longo da série, mostrando que essa é uma característica estrutural do mercado de trabalho brasileiro desfavorável a esses trabalhadores e trabalhadoras. As mulheres pretas ou pardas representaram, naquele ano, 46,8% de pessoas nas ocupações informais de trabalho no país (Figura 3).

Estudos anteriores apontavam algumas dessas características (Guimarães et al, 2020, p.82) que se mantiveram ao longo dos anos. O trabalho de cuidado domiciliar

no Brasil está no grupamento serviços domésticos, ele tem cor ou raça, gênero e forma; ele é, majoritariamente, prestado por pessoas pretas ou pardas, em maior proporção por mulheres, e elas também estão, em sua maioria, na informalidade.

**Figura 3 – Proporção de pessoas em ocupações informais por cor ou raça – Brasil  
2012/2022**



Fonte: Síntese (2023, p.29).

Os dados das Figuras 1, 2 e 3 apontam para desigualdades historicamente constituídas no Brasil, como a maior proporção de pessoas de cor ou raça preta ou parda na posição de trabalhadores domésticos, grupamento majoritariamente composto por mulheres sem carteira de trabalho assinada (Síntese, 2023, p.29).

A organização social do cuidado mostra como se produz, como se organiza e como se distribui cuidado por meio do trabalho de cuidado. No Brasil, existem diversas formas de fazer isso, mostrando que não há um padrão institucional a nível nacional na provisão desses serviços. Assim, homogeneizar o cenário brasileiro nesse tema é perder de vista a natureza desigual dos acessos e dos tipos de serviços (Sorj; Fontes, 2012, p.105).

A organização social dos cuidados evidencia a desigual distribuição de responsabilidade no tema cuidado, a ideia inter-relaciona um olhar macro, que se refere aos prestadores, e micro, que se refere às relações cotidianas (Daly; Lewis apud Batthyány, 2020, p.22).

As normas de gênero associam mulheres ao cuidado de forma natural e isso reflete na forma como o Estado delega as responsabilidades aos diferentes agentes (Esquivel apud Batthyány, 2020, p.22). As mulheres são mais cobradas para prestação desse serviço, o que contribui para reforçar a divisão sexual do trabalho.

As políticas de Estado enfatizam (ou não) determinadas necessidades acerca da cidadania e ao fazê-lo, colocam em circulação imagens do masculino e do feminino, da maternidade e da paternidade, e assim moldam perfis de sociedade, de família, de relações sociais e de gênero, (re)construindo certas concepções sobre os sujeitos aos quais se dirigem (Faur, 2014, tradução própria).

No contexto brasileiro, a organização social do cuidado mescla provisões por meio do mercado via serviços domésticos; por meio do Estado, a partir das creches, pré-escolas, centros-dia ou instituições de longa permanência e da família, com a divisão sexual do trabalho não remunerado nos domicílios (Sorj; Fontes, 2012, p.105). Isso faz com que a organização social do cuidado comporte mais de um princípio regulador, que é distribuído de maneira desigual entre gênero e classe social.

Duas características, no entanto, são predominantes no país: o Estado é o poder regulador e estabelece quem são os atores, reconhecendo e legitimando espaços e ações na provisão dos serviços de cuidado e; a família, quando existe, sempre participará nas atividades do cuidado, o que pode variar é o nível de envolvimento (Guimarães; Hirata; Sugita, 2011, p.164).

Assim, os relatos de Marciele contribuíram para apresentar a organização social do cuidado no seu contexto de vida em dois sentidos: um deles mostrando Marciele enquanto prestadora, enquanto uma trabalhadora do cuidado por meio das diversas ocupações que ela assumiu ao longo dos anos no mercado de trabalho, e; em outro, mostrando Marciele enquanto beneficiária, exclusivamente quando se tratava do cuidado da sua filha, trabalho prestado por uma tia que se tornava babá, executando atividades e responsabilidade de cuidado para essa criança, um combinado entendido como trabalho e que envolvia pagamentos recorrentes.

Uma última característica da realidade brasileira é que, nos contextos populares, de menor renda, existe uma alta incidência de famílias monoparentais

femininas, nas quais os homens não assumem a paternidade e as obrigações familiares (Guimarães, 2019, p.32), e isso também contribuiu para uma mudança nas últimas décadas no modelo homem/provedor e mulher/cuidadora.

Marciele mostrou que ocupava uma função híbrida, um novo modelo no qual acontecia uma mistura entre essas funções, ela era uma mulher/provedora carregando, ao mesmo tempo, o sentido da maternidade e do cuidado em relação ao descritivo mulher; e o sentido chefe de família em relação ao descritivo provedora.

### **3.2 Avanços no sentido de desinvisibilizar o trabalho de cuidado**

Para finalizar este capítulo, elenquei dois acontecimentos que entendi como relevantes no ano 2023 como formas de avanço na desinvisibilização do trabalho de cuidado.

O primeiro evento foi marcante, pois proporcionou uma aproximação do tema com a sociedade brasileira a partir do Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM, que é uma porta de entrada para muitas universidades no país. O tema de redação do exame é sempre algo muito esperado e debatido, de forma geral, e no ano passado foi: “desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”. Esse tema sacudiu o noticiário, usuários das diversas redes sociais teceram comentários e fizeram memes<sup>20</sup> sobre o assunto.

Em uma rede social, uma usuária postou uma foto com Silvia Federici, que estava no Brasil naquela semana para participar da Festa Literária Internacional de Paraty, a FLIP, em debates e com a apresentação de um novo trabalho. No texto da postagem, a usuária contou que questionaram Silvia Federici sobre o que ela achou do tema da redação. A resposta da autora foi que era positivo que os jovens fossem instigados a pensar soluções para os problemas que são enfrentados pelas mulheres em decorrência do capitalismo.

Como o trabalho de cuidado passou por um longo processo sócio-histórico que o transferiu para a esfera privada da vida, vinculando suas atividades como características naturais das mulheres, como obrigações do feminino, adicionando

---

<sup>20</sup> Fenômeno em que determinada imagem, frase ou áudio se torna bastante conhecido ao se espalhar pela internet através dos usuários em várias redes sociais. Pode ser uma piada, uma brincadeira, mas também está presente nas campanhas publicitárias fazendo parte das formas de linguagem da internet no século XXI.

camadas de invisibilidade, acredito que colocar o tema em discussão é uma parte importante para impulsionar reflexões e oxigenar o debate, e, por isso, destaquei esse evento em questão.

O segundo evento foi uma medida concreta, um compromisso público. O governo federal iniciou a elaboração de uma Política Nacional de Cuidados (PNC), marcando a sua construção com base na criação de estruturas como a Secretaria Nacional da Política de Cuidados e Família, no âmbito do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, e a Secretaria Nacional de Autonomia Econômica e Políticas de Cuidados, no âmbito do Ministério das Mulheres.

Para a elaboração da PNC, criou-se um grupo de trabalho interministerial que conta também com a participação de membros convidados permanentes, como o IBGE, a Fundação Oswaldo Cruz e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Em dezembro de 2023, foi aberta uma consulta pública por meio de uma plataforma *online* para definição do marco conceitual da política, com o intuito de estabelecer seus princípios, diretrizes e objetivos.

Os princípios incluem a universalidade, integralidade, transversalidade e responsabilização social. Os objetivos visam assegurar o direito ao cuidado, promover a corresponsabilização social pelos cuidados, garantir a autonomia e independência das pessoas que necessitam de cuidados, e incentivar o bem-estar e a qualidade de vida de todos. As diretrizes orientam a promoção da equidade no acesso aos cuidados, o fortalecimento da autonomia e independência das pessoas que requerem cuidados, o desenvolvimento da capacidade de cuidado das famílias e comunidades, a promoção da participação social no cuidado, e o estímulo à inovação e ao desenvolvimento de tecnologias para o cuidado (IPEA, 2023).

O processo de construção da PNC envolve a preocupação central com o tratamento dado às trabalhadoras remuneradas e não remuneradas do cuidado, o que inclui também as trabalhadoras domésticas (Brasil, 2023).

[...] os resultados que se espera entregar para a população brasileira incluem, dentro outros, a garantia do direito ao cuidado a todas as pessoas que dele necessitem, a promoção do trabalho decente a todas as trabalhadoras e trabalhadores remunerados do cuidado e o reconhecimento e a redistribuição do trabalho doméstico e de cuidados não remunerado, exercido historicamente pelas mulheres no interior de seus domicílios (Brasil, 2023).

Assim, a construção da política visa criar ações específicas para aspectos do trabalho de cuidado, ao priorizar temas como oferta de serviços, benefícios, formação e regulação, buscando reorganizar e compartilhar a responsabilização social pelo trabalho de cuidado, que tem como intuito garantir o bem-estar das pessoas.

Nas últimas décadas, o cuidado tem ganhado contornos de um problema social em todo o mundo, a partir de fenômenos como o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, o envelhecimento populacional e a existência de novos modelos de política social. Tais fenômenos desvelam tensões e chamam atenção para um trabalho que é bastante executado pelas mulheres por meio de uma mão de obra gratuita (quando não remunerado) ou mal paga (quando remunerado). Nos países desenvolvidos, esses fenômenos apontam para o surgimento de uma crise dos cuidados.

Essa crise nada tem de novo para as famílias das classes trabalhadoras e não brancas nas quais as mulheres pobres e racializadas sempre tiveram que dar conta de tudo ao mesmo tempo, ou seja, do trabalho doméstico não remunerado e do trabalho fora de casa e remunerado (Glenn apud Hirata, 2022, p.120). Nos países subdesenvolvidos, nas classes populares e nos grupos racializados, não se fala em crise. Isso somente emerge enquanto uma questão pública na medida que famílias classe média começam a ser afetadas (Hirata, 2022, p.120).

Dessa forma, no Brasil, é mais adequado falar e enfatizar a existência de uma sobrecarga desse tipo de trabalho (Vieira, 2020, p.2522) em virtude de como o cuidado é organizado, produzido e distribuído, ou seja, é a atual organização social do cuidado que se mostra como um problema.

Essa sobrecarga recai na família e é, na maioria das vezes, assumida por mulheres e por trabalhadoras do cuidado. Essas últimas passam do trabalho remunerado ao trabalho não remunerado, executando as mesmas atividades e responsabilidades, o que aponta para a característica do *continuum* do trabalho de cuidado. Essa característica também esteve presente nos relatos e na apresentação da vida da Marciele, que foi o foco do próximo capítulo.

## 4 HISTÓRIA DE VIDA DE MARCIELE

### 4.1 Aspectos do trabalho de cuidado remunerado

Uma das primeiras coisas que Marciele me contou foi que o seu objetivo era estar sempre empregada, independentemente da ocupação, e isso apareceu em seus relatos com a expressão: “não ficar parada”. Por isso, ela se movia de um trabalho a outro dentro dos diferentes campos do cuidado. Ela não demonstrava nenhuma dificuldade pessoal ou profissional, de babá ela poderia ser contratada como faxineira e vice-versa.

As famílias beneficiárias não demonstravam receio no cruzamento desses campos do cuidado, o que denotava que o objetivo delas era ter as suas necessidades atendidas. Assim, Marciele atravessava essas fronteiras, o que contribuía para diversificar tarefas, responsabilidades e, dessa forma, ela ganhava cada vez mais experiência nessas diferentes ocupações.

M: Todo lugar que eu chego assim, vamos supor eu chego hoje e eu já começo procurar um empreguinho que eu...quando penso que não, dois, três dias depois eu já começo trabalhando [...] eu nunca escolhi serviço, eu saía de um, entrava no outro, meu negócio era não ficar parada [...] as pessoas me ofereciam um serviço aqui, se eu tivesse parada eu trabalhava [...] De tudo um pouco eu já fiz.

Marciele não trabalhou apenas no campo do cuidado. Ela já foi atendente de lanchonete, atendente de conveniência vinte e quatro horas de posto de gasolina, já trabalhou como operadora de caixa em um bar badalado. Se fosse preciso, ela trabalhava como ajudante de pedreiro, ela me contou que sabe rejuntar e virar massa. Ela também tem conhecimento para executar tarefas no computador. Ela se referiu a esse trabalho como serviço de empresa e me contou que já trabalhou com isso também.

Marciele nasceu no interior do estado do Espírito Santo, numa cidade pequena, com população em torno de vinte mil habitantes. Ela é filha de um casal de lavradores e tem oito irmãos, cinco homens e três mulheres. Aos dezesseis anos de idade, Marciele tinha abandonado os estudos por imposição do pai, imposição que ele colocava a todas as filhas mulheres; sua rotina, nessa época, era de muito trabalho na roça da família.

Marciele sonhava com uma vida muito diferente daquela que tinha, aquele cenário e as situações cotidianas ressoavam a vida da sua mãe, uma vida que Marciele não queria para si. Depois de muitas brigas e desentendimentos com seu pai, em uma visita ao conselho tutelar, Marciele foi informada que já tinha idade para seguir sua vida e fazer escolhas à sua maneira. Morar naquela casa tinha se tornado insustentável e foi assim que Marciele saiu da casa dos pais aos dezesseis anos de idade.

M: [...] eu tinha vontade de continuar estudando, eu tinha vontade de arrumar um trabalho, entendeu? ter meu próprio dinheiro [...] eu não queria me casar porque eu venho de uma família grande, a minha mãe sempre sofreu muito com meu pai em questão assim, de ser muito submissa então eu sempre tive um...uma visão distorcida de relacionamento, de casamento [...] por meu pai ser muito rígido, proibia a gente de tudo até mesmo de estudar, eu sempre quis ser tudo contrário: estudar, ter minha casa, ter carro, poder sair, passear, viajar, tudo o que eu nunca pude fazer e nem meus irmãos, entendeu?

Nesse momento, Marciele continuou no interior do estado e foi morar com a família consanguínea, com os tios. Pouco tempo depois, ela decidiu migrar para Angra dos Reis, RJ. A vontade de estudar se mostrou uma constante nos relatos de Marciele, perguntei se ela conseguiu retomar os estudos e terminar a escola naquela época logo quando saiu de casa: “Não. Porque aí depois que eu saí da casa do meu pai que eu fui entender: ou você trabalha para você sobreviver ou você corre atrás dos seu sonhos porque as duas coisas ficaram difíceis, entendeu?”.

Em Angra dos Reis, RJ, ela conseguiu um trabalho como babá, mesmo sem ter nenhuma experiência prévia com cuidado de crianças. Marciele foi recepcionada por uma rede de apoio, formada pela família consanguínea na cidade. Lá moravam duas irmãs e outros parentes como tias, primos e primas que a ajudaram no início dessa jornada. Sua prima era cozinheira na casa de uma família que tinha uma babá que estava de licença maternidade. A empregadora estava desesperada para substituir a empregada e foi assim que Marciele conseguiu o emprego.

O trabalho era o cuidado de uma criança que tinha em torno de quatro anos de idade e envolvia uma extensa rotina. As atividades incluíam levar e buscar o menino na escola, levá-lo na natação, limpar o quarto da criança, cuidar das suas roupas, lavá-las, arrumar os seus brinquedos, alimentá-lo, dar banho: “[...] eu entrava no serviço sete da manhã e saía onze da noite...não tinha como estudar. Ou eu trabalhava ou eu estudava”. Era impossível conciliar trabalho e a escola naquele momento.

Marciele trabalhava de forma exclusiva como cuidadora da criança, ela não dividia sua rotina com outras tarefas que não refletissem o cuidado do menino. Isso acontecia porque ela não era a única prestadora de serviços naquele domicílio, a família beneficiária era uma família de classe alta composta por mãe e filho. Essa mulher-chefe de família trabalhava fora, no mercado de trabalho<sup>21</sup> e contava com a contratação de outras mulheres além de Marciele: havia uma cozinheira (prima de Marciele), uma faxineira e uma passadeira, uma função que geralmente se limita ao passar das roupas que podem ser as roupas pessoais, uniformes e também roupas de cama, mesa e banho<sup>22</sup>.

Essa experiência também se destacou por conta da regularização da situação trabalhista de Marciele; ela teve sua carteira de trabalho assinada e, por conta das muitas horas que ela dedicava ao trabalho, ela me contou que ganhava bem, fato que era celebrado na época, porém, ao relatar tal experiência, Marciele refletiu dizendo que aquela maneira de viver não permitia desenvolver outros aspectos da vida para além do trabalho: “Aí ela me pagava e assim, eu não entendia de lei, não entendia de nada, eu achava aquilo um máximo, que eu ganhava bem, entendeu? mas também não sabia que eu não tinha vida”.

Marciele contou que gostava de trabalhar lá, contou que aprendeu muito nesse emprego e que, no início, foi difícil porque sofreu uma rejeição da criança que não estava acostumada com sua presença, mas isso se resolveu com o passar do tempo. Foram 6 meses de trabalho nesse domicílio e depois Marciele seguiu para outros trabalhos na cidade. Foram dois anos morando em Angra dos Reis, RJ.

Marciele voltou para o estado do Espírito Santo, e foi morar e trabalhar na região da Grande Vitória. Questionei se ela sente saudade daquela época, da cidade, da rotina que levava e ela me disse: “Não [...] só trabalhava lá”.

A decisão de voltar para o estado partiu de uma de suas irmãs em função de uma questão familiar por parte do marido e Marciele viu isso como uma oportunidade: “[...] surgiu a oportunidade para vir aqui para Vitória”. Essa decisão foi acompanhada também pela sua outra irmã, as três retornaram para o Espírito Santo, mas seguiram

---

<sup>21</sup> Marciele relatou que a rotina de trabalho dessa mulher-chefe da família era longa em termos de horas. Ela mencionou que chegava depois da empregadora ter saído (sete horas da manhã) e ia embora antes dela retornar (onze horas da noite).

<sup>22</sup> A Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017/2018 apontou que do total de domicílios brasileiros apenas 1,6 % das famílias podem contar com a contratação de mais de um empregado (Guimarães; Hirata apud Camarano; Fernandes; Silva, 2023, p. [208]).

separadas, cada uma foi morar em uma cidade e, assim, Marciele se mudou para Serra. Nesse recomeço, havia também na região, primos, tios e outros parentes, uma outra rede de apoio que poderia ampará-la.

A longa jornada de trabalho relatada em Angra dos Reis, RJ, não se mostrou um episódio isolado na vida de Marciele. Foram contadas em torno de vinte experiências de trabalho durante nossas entrevistas, foi bastante comum notar a duplicidade das jornadas e isso foi enfatizado por Marciele em seus relatos.

A ocupação de faxineira, trabalho doméstico remunerado, foi um dos trabalhos mais exercidos nos últimos quinze anos por ela. Essa ocupação se mostrava como um trabalho versátil, no sentido de se encaixar facilmente no quebra cabeça do seu dia a dia e na sua rotina intensa: se, durante o dia, Marciele estivesse dedicada às faxinas; durante a noite, ela poderia ser caixa de um bar, atendente de posto de gasolina ou cuidadora de idoso.

L: [...] de dia você não estava descansando?

M: Não!

L: Você estava em outro trabalho.

M: Em outro trabalho, era dupla jornada.

L: [...] dormia quando?

M: Tipo assim, meu organismo acostumou, entendeu? assim, se eu dormisse uma hora, duas horas, para mim era suficiente, entendeu?

L: [...] mas em termos de cansaço?

M: Na época em que eu fazia faxina meu corpo estava habituado, não tinha cansaço. Igual estou te falando, eu fazia faxina de dia e a noite eu trabalhava de cuidadora. Teve um período que eu fazia faxina e eu era caixa, atendente de lanchonete. Eu fiquei trabalhando um período de...em loja de conveniência de posto. Depois eu fui trabalhar no caixa do bar [nome]. Trabalhei ali em [bairro] também, de caixa do posto de gasolina, então assim...era aquela rotina diária, não tinha feriado não tinha sábado, não tinha domingo. Era segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo, segunda e vai embora. Então o corpo...

L: Ele acostuma...

M: É.

L: Mas chega uma hora que a gente fica doente, né?

M: Não, graças a Deus eu nunca fiquei não.

L: Tipo assim, dá uma gripe forte que você não consegue nem levantar da cama.

M: Eu costumava dizer que pobre não tem direito de ter...não tinha gripe...ia assim mesmo...graças a Deus. Assim, eu não...não vou dizer que eu não ficava gripada, eu ficava, mas eu não tinha como ficar em casa, entendeu?

A busca por sobrevivência, por se manter viva, se traduzia na movimentação intensa de Marciele nas atividades laborais que executava, o mote não ficar parada se concretizava nas situações de sobreposição de empregos, duplas jornadas e inúmeras horas trabalhadas, situações necessárias para complementação da renda devido à baixa remuneração.

Além disso, Marciele tinha sonhos que ela chamava de metas e objetivos, a utilização dessas palavras chamaram a minha atenção. Ela me contou: “porque eu tinha uma meta e um objetivo: se eu não fizesse ninguém ia fazer para mim”. Foi constante em seus relatos a ideia e a importância que ela dava para autonomia, uma ideia de ser capaz de dar conta de si (Biroli, 2015, p.86). Ela era a única responsável por se manter viva e alcançar as suas metas que, na época, eram construir uma casa, terminar os estudos e ter uma profissão.

Por enquanto, a correria e as longas jornadas de trabalho faziam com que pouquíssimo tempo lhe sobrasse para se dedicar a outros aspectos da vida para além do trabalho. Descansar e se recuperar da sua rotina extenuante quase não apareceram nas suas narrativas até aqui; os temas lazer e vida pessoal ainda não apareceram nos relatos de Marciele, e nessa fase ela era uma jovem de dezoito anos de idade.

M: [...] eu trabalhei nesse bar durante um ano e pouco, eu entrava sete da noite e tinha dia que eu saía de lá oito da manhã. Tinha dia que eu saía cinco da madrugada. E trabalhava seis por um, trabalhava seis dias e folgava um. Aí lá eu era caixa, operadora de caixa.

L: Nossa, deve ser uma loucura, né? trabalhar em bar à noite.

M: Eu gostava. Eu estava na balada, eu não saía então para mim aquilo lá era uma diversão.

Marciele engravidou logo após a sua mudança para Serra. O envolvimento com o pai de sua filha foi um episódio breve, esse homem não registrou a criança e não assumiu nenhuma responsabilidade parental do tipo material-financeira, tampouco com relação ao dispêndio de tempo no cuidado direto que uma criança demandava.

Nessa época, ela contou que trabalhava em um domicílio na cidade de Vila Velha, um trabalho que ela gostava bastante. No entanto, ela não contou que estava grávida e pouco tempo depois foi demitida.

M: [...] porque eu já tinha entrado lá grávida. E aí eu escondi a barriga e fui trabalhar [...] precisava trabalhar. Aí eu fiquei lá, fiquei acho que uns três meses só trabalhando com ela. E aí ela chegou um dia e falou comigo: ‘olha, não dá mais para você trabalhar aqui’, mas nem falou nada. Aí me mandou embora.

L: Mas você sabia que era por causa disso.

M: Sim.

Marciele permaneceu pela região de Grande Vitória, fazendo diversos bicos e morando de favor com os primos. Por volta dos seis meses de gestação, eles a mandaram embora de casa; ela me contou: “[...] expulsa de casa pela segunda vez”. Mesmo não se referindo à saída da casa dos pais – no passado, na sua adolescência

– como uma expulsão, aqui o seu relato trouxe esse acontecimento como uma segunda vez.

Assim, Marciele retornou para o interior do estado na casa de outros parentes, finalizando a gestação por lá e, logo após o nascimento da sua filha, com apenas quarenta dias, as duas retornaram para Serra, ES. Marciele se tornou mãe solo<sup>23</sup>. Dessa forma, ela precisava prover em termos financeiros, materiais, emocionais e de cuidados para a criança. Essa se tornava mais uma das suas metas de vida, dos seus objetivos.

Marciele refletiu sobre a ambiguidade do trabalho de cuidado na sua primeira experiência após o nascimento da menina. Ela tinha que trabalhar e, por isso, não podia cuidar diretamente da sua filha. Porém, o seu trabalho era justamente o cuidado de uma outra criança.

M: [...] arrumei um trabalho quando minha filha fez dois meses. Eu já trabalhava de novo.

L: Aí você conseguia, deixava ela com quem? Conseguiu uma creche?

M: Arrumei uma babá...deixava ela às seis da manhã e pegava oito da noite, todo dia [...] foi um período muito, muito, muito difícil. Aí fiquei morando com a minha irmã até minha filha fazer um ano mais ou menos. Trabalhava nessa casa. O mais engraçado é que eu deixava minha filha e cuidava do filho da mulher... *lágrimas*

Este foi o único momento ao longo de todas as entrevistas que Marciele se permitiu narrar o seu sofrimento. Relembrar esse período mexeu com as suas emoções e trouxeram lágrimas que se intercalaram com o seu relato. Marciele chorou ao me contar as dificuldades enfrentadas naquela época e ao lembrar a inconformidade com aquela situação: ter que deixar a filha sob os cuidados de uma pessoa e ir trabalhar cuidando de uma criança. Interrompi a conversa por um breve momento.

Marciele estava sempre em busca de melhores condições nos arranjos de trabalho e procurava se desvencilhar de dificuldades encontradas ao longo do caminho que motivavam a decisão de saída de algum trabalho: a baixa remuneração foi um fator em um relato, a falta de transporte público no trajeto trabalho-casa foi um outro fator em outro relato, a exploração – falta total de remuneração – foi um fator apontado em um terceiro relato.

---

<sup>23</sup> Uma mulher que exerce a maternidade assumindo todas as reponsabilidades que existem e são necessárias com relação à criação e ao cuidado de um(a) filho(a). Ser mãe solo não é sinônimo de ser mãe solteira.

M: Só que a mulher lá me enganou porque ela me levou para trabalhar na casa dela, ser doméstica e cuidar do filho dela e ela não me pagava. E aí eu saí. Perdi meu dinheiro, mais de um mês de trabalho. Porque ela não me pagou porque quando venceu um mês ela falou: 'ah, vou te pagar tal dia' ...segundo mês...quando eu vi que ela não ia me pagar eu saí [...]

Desentendimentos com a família beneficiária também aconteciam e motivavam a sua saída: “[...] eu saí porque eu me desentendi com o esposo dessa mulher, me desentendi com ele...na verdade, ele era assim, aquele patrão abusivo, entendeu? que ficava meio que assediando, entendeu?”.

Os bons resultados do trabalho de Marciele passavam no boca a boca. A família beneficiária recomendava e indicava o seu trabalho principalmente dentro de um mesmo círculo familiar: “[...] e eu sempre trabalhava assim, vamos supor: trabalhar para o filho, para a mãe, para a irmã e era aquele vínculo, não tem?”. Essa forma de se fazer contatos exprime ideia de conexão e de relacionalidade, que é o estado de possuir relação com outras pessoas (Fernandes, 2011).

Toda contratação começava com uma conversa prévia antes da realização do serviço, um combinado que estipulava as tarefas que deveriam ser feitas. Marciele me contou que as tarefas de uma faxineira se referiam, especificamente, a três atividades: limpeza do chão, tirar poeira e limpeza de vidros: “Tudo o que é poeira por fora. A gente não limpa por dentro, a gente não limpa dentro de armário, a gente não limpa dentro de geladeira, entendeu? nem dentro de guarda-roupa, nada disso”.

Apesar disso, na prática, as rotinas de trabalho podiam ser bem diferentes. Marciele contou que atender uma determinada tarefa fora do combinado poderia resultar em ter que atender todas, sempre: “[...] é aquele negócio assim, porque você é meio boazinha e você acaba fazendo e depois que você faz uma vez, aí já vira rotina...entendeu?”

Durante as nossas entrevistas, denominei como tarefa extra tudo aquilo que era solicitado e estava fora da conversa inicial, do combinado e do arranjo feitos. As tarefas extras podiam ser solicitadas em qualquer cenário de trabalho e de variadas formas; elas podiam tanto permanecer num mesmo contexto de atividades, fazendo referência a uma única ocupação, quanto podiam extrapolar as fronteiras e, assim, cruzar os diferentes campos do cuidado. “[...] tinha lugares que você passava que tipo assim, pelo tempo que você estava lá, pela confiança que a família depositava em você, você acabava que fazia tudo”, compartilhou Marciele.

Uma experiência de trabalho bem-sucedida dentro de um domicílio, baseada num maior tempo de contratação ou na confiança desenvolvida na relação empregador-empregada, poderia gerar uma cobrança maior por parte da família beneficiária. Assim, era comum que determinados pedidos fossem feitos diretamente à Marciele para atender necessidades individuais específicas.

Isso apareceu em uma outra narrativa sobre uma das experiências como faxineira: “teve uma casa que eu trabalhava que tinha uma menina que quando dava o horário da escola dela, ela pedia pra mim: ‘[...] amarra meu cabelo, prepara minha comida’ e eu fazia”.

Para além da fluidez que existe entre o trabalho de cuidado e o trabalho doméstico por conta dos perfis profissionais dessas trabalhadoras, existe ainda uma outra característica: há uma transparência nas fronteiras das ocupações de babá, cuidadora e faxineira, o que indica também uma transparência entre os campos do cuidado, o que pode colaborar para o cruzamento dos limites de trabalho.

O uso da palavra transparência não deve trazer à tona o seu sentido de clareza e, assim, significar que essas fronteiras são facilmente identificadas, bem delimitadas e que não suscitam dúvidas. Transparência deve trazer, na verdade, o sentido de que algo existe, mas não é enxergado, não é notado; essas fronteiras estão ali, mas por conta dessa característica elas não são vistas e podem ser prontamente ignoradas.

Além disso, algo que é transparente permite a passagem da luz e pode mostrar o que está por trás. Também nesse sentido, tais fronteiras transparentes acabam mostrando o que há do outro lado, apontando para uma continuidade de trabalho, uma infinidade de tarefas e atividades que são necessárias dentro dos domicílios. Sendo assim, obedecer ou respeitar essas fronteiras é uma possibilidade, pois elas existem; porém, ignorá-las é outra alternativa, pois elas podem não ser enxergadas.

Por meio dos relatos de Marciele, foi possível identificar três aspectos que potencializavam tal característica de transparência e tinham como resultado o cruzamento dos campos do cuidado. Na prática, esses aspectos colaboravam no seguinte sentido: mesmo que ela fosse contratada como faxineira – em um combinado prévio que determinava a execução de atividades de limpeza – eventualmente ela poderia realizar uma atividade característica de uma outra ocupação. Dessa forma, a partir dos vários contextos de trabalho narrados, foi possível compreender situações e relações que faziam com que essas fronteiras fossem cruzadas no dia a dia.

Foi comum notar que era a família beneficiária que fazia com que tarefas atravessassem essas fronteiras quando solicitavam o atendimento das suas necessidades – primeiro aspecto identificado. Marciele justificou tais ações dizendo que os empregadores se confundiam: “[...] às vezes o patrão confunde muito o que você é paga para fazer. Então você acaba fazendo tudo”. Marciele concluiu que, apesar daquele combinado inicial entre empregador-empregada, “[...] sempre sobrava uma coisinha”.

Essa relação fazia com que Marciele cruzasse campos do cuidado e, de certa forma, remeteu-me à ideia de atualização da experiência de servidão (Guimarães, 2019, p.16). As primeiras pessoas que exerceram atividades domésticas foram as mulheres negras escravizadas na casa dos seus senhores (Teixeira, 2015, p.17).

Embora as empregadas domésticas hoje não sejam somente mulheres construídas como negras, em termos de imaginário social construído, a personagem da empregada doméstica é muito acionada como uma personagem negra, pois as atividades de servir ainda permanecem como atividades simbólicas de negros (Teixeira, 2015, p.18).

Após a abolição, essas mulheres ex-escravas se tornaram as primeiras trabalhadoras domésticas. O seu dia a dia ainda guardava semelhança com a rotina anterior, não havia regulamentação quanto ao horário de trabalho, e às vezes não havia remuneração (Teixeira, 2015, p.79). A relação empregador-empregada ainda funcionava por meio de mecanismos de dominação (Dalpoz, 2021, p.12).

Marciele contou que atendia as tarefas extras porque ela queria deixar algo a mais para as famílias com as quais trabalhava.

M: [...] onde eu passei eu sempre tentei deixar isso, entendeu? [...] tipo assim, eu sempre tentava deixar mais do que eles estavam pagando, entendeu? para se um dia eu precisar, as pessoas vão sempre lembrar de mim e falar: ‘não, aquela pessoa ali você pode contratar, uma pessoa que você pode ter confiança, é uma pessoa que está sempre disposta a te ajudar, é uma pessoa educada’, entendeu? porque é ruim você passar num lugar e amanhã ou depois você precisar e a pessoa falar: ‘não, fulano, Deus me livre’...

Vários podiam ser os motivos desse querer deixar algo a mais, mas destacarei dois: um deles era a estratégia; motivo apontado pela própria Marciele, como um mecanismo para ser bem-recomendada no boca a boca, que era o que a mantinha no mercado de trabalho, sempre conseguindo as várias faxinas.

O outro motivo era o fato de ela se doar intensamente, o que podia apontar diretamente para a ideia de atualização na experiência de servidão. O *substatus* do serviço doméstico, em conjunto com o seu não reconhecimento como trabalho, faz

com que a relação empregador-empregada permaneça hierarquizada e desigual, operando, ainda hoje, numa chave atrelada à obediência. Dessa forma, Marciele falava sobre isso, sobre querer deixar algo a mais, e agia assim, atendendo grande parte das solicitações que recebia.

Isso, no entanto, não significava que Marciele não tinha agência, ela mostrou situações nas quais ela tomou a decisão de sair do trabalho mostrando resistência, mas como o seu objetivo era não ficar parada, como ela buscava se manter viva, isso significava que ela precisava receber o seu pagamento e, assim, precisava trabalhar. Marciele avaliava as situações, tomava suas decisões, mas, ao mesmo tempo, ela tinha uma margem limitada de ação.

Valia a pena alertar os empregadores sobre o fato de que aquela tarefa não havia sido combinado anteriormente, de que aquela atividade cruzava as fronteiras entre os campos do cuidado e correr o risco de perder o emprego? A possibilidade de ser demitida era eminente e isso era avaliado quando tarefas extras eram solicitadas: “[...] eu estou precisando, entendeu? então tipo assim, se eu reclamar, talvez eles podem querer me mandar embora. A necessidade sempre falou mais alto, a verdade era essa”.

O medo da demissão existia, uma coisa era Marciele estar em constante movimento, sair ou trocar de trabalho quando quisesse, outra coisa era ser mandada embora e assim ficar mal recomendada no boca a boca e com um histórico de demissão.

M: As pessoas sabem que é errado fazer isso porque tipo assim, é desvio de função. Eu sei disso também. Vamos supor hoje, tipo assim, se eu fosse trabalhar hoje como faxineira, eu ia saber separar isso porque hoje eu tenho uma maturidade [...] entendeu? então tipo assim, eu sei que eu estou ali para limpar então eu vou fazer o meu trabalho de limpeza.

O saber-fazer<sup>24</sup> (Certeau, 1998, p.136) de Marciele era essencial na execução do seu trabalho. Este foi o segundo aspecto identificado.

M: [...] eu trabalhei numa casa de uma pessoa que ela tinha uma idade mais avançada, ela não conseguia virar o colchão, então eu trocava roupa de cama...é meio assim, o meu olhar. Eu tinha que ter uma compreensão que a pessoa não tinha mais facilidade para fazer isso e como ela não tinha outras empregadas, era só eu como faxineira, eu fazia, entendeu? [...] tinha uma casa que a gente trabalhava, eu era faxineira, e tinha uma idosa que tinha

<sup>24</sup> Uma nova configuração do saber, um esquema que coloca o discurso como organizador de uma maneira de pensar refletido numa maneira de fazer sobre campos específicos. Incluem maneiras de saber que não têm legitimidade à luz de uma racionalidade produtivista como artes do dia a dia na cozinha. É um saber sobre o qual os sujeitos que o têm não refletem sobre e não se apropriam dele. Eles apenas dão o seu testemunho (Certeau, 1998, p.143).

alzheimer então tipo assim, às vezes alguns momentos ali eu tinha que parar porque eu via a idosa em determinado perigo. Perigo ali que talvez eu estivesse limpando ela passava, podia escorregar, cair. Aí eu tinha que largar meu serviço, pegar na mãozinha dela, levar lá, entendeu?

Marciele analisava o seu ambiente de trabalho para compreender se deveria ou não executar uma tarefa extra: quantas diárias ela fazia naquela casa por mês, por semana? Como era a composição familiar daquele domicílio? Como era o quadro de empregados daquela família? Uma outra pessoa, da família ou contratada, poderia desempenhar aquela tarefa que não estava no combinado?

Tudo isso era analisado e levado em consideração por ela para executar uma tarefa extra, fosse solicitada por alguém, fosse a partir do seu próprio olhar e entendimento de que aquilo era algo necessário. Nesse sentido, entravam em ação saberes e competências interpessoais muito específicas que não eram reconhecidas, um saber-fazer discreto que somente era notado quando falhava (Arango, 2011, p.96).

Ao relatar suas experiências sobre esses cenários e o cruzamento dessas fronteiras, houve apenas uma lembrança de um combinado que misturava os campos de trabalho doméstico e do trabalho de cuidadora, um acordo previamente conversado e estabelecido entre empregador-empregada. Marciele foi contratada para cuidar de uma idosa num esquema de doze por trinta e seis horas por meio de plantões noturnos nos quais a cuidadora deve ficar acordada e atenta para prover cuidado quando necessário. Nesse mesmo domicílio, ela também tinha como tarefa a limpeza dos vidros da casa.

A contratação e o arranjo foram feitos pela família beneficiária e envolvia quatro cuidadoras, Marciele e outras três trabalhadoras. Cada uma delas estava incumbida de uma tarefa doméstica específica para além do cuidado daquela idosa. Então, por exemplo, uma delas realizava a limpeza do chão da casa; enquanto outra era encarregada de preparar a comida.

No início, Marciele trabalhava informalmente nesse domicílio, mas, ao demitir uma dessas trabalhadoras que entrou na justiça alegando cumprir plantões noturnos, o empregador enfrentou uma medida judicial que determinou que todas as trabalhadoras deveriam ter suas situações regularizadas. Assim, Marciele passou a ter a carteira de trabalho assinada.

## 4.2 Complexo das relações no âmbito do trabalho de cuidado

A pluralidade das relações sociais (Guimarães, 2019, p.2), no âmbito do trabalho de cuidado, mostra não apenas as relações de trabalho, mas também relações afetivas, de solidariedade (Biroli, 2015, p.82) e de interdependência (Fernandes, 2011).

Dentre todas as experiências relatadas por Marciele, houve uma que se destacou pela sua recorrência nas narrativas: a relação que ela construiu com a família beneficiária para a qual prestou serviços ao longo de nove anos de trabalho. Relações afetuosas podem ser construídas no âmbito do trabalho doméstico, mas é preciso enfatizar que ele também é um terreno fértil para reprodução de desigualdades (Teixeira, 2015, p.202).

Marciele foi contratada como faxineira pela mãe-senhora dessa família e acabou sendo recomendada para os seus filhos. Os domicílios se localizavam todos em um mesmo prédio pequeno, as famílias se dividiam por andares: “[...] eram quatro casas, entendeu? aí vamos supor, eu ia dois dias para a mãe e o resto da minha semana eu ia na casa de cada filho”.

Aqui, no cenário de trabalho nesses domicílios, existia um emaranhado na relação de Marciele com a família beneficiária que ia além de uma relação empregador-empregada, baseada na prestação dos serviços e no pagamento. Esse emaranhado não apenas confundia como também despertava outros sentimentos e comportamentos de ambas as partes, pelo que contou Marciele.

Esse foi o terceiro e último aspecto identificado. Tarefas extras que não tinham sido combinadas também aconteciam nessa experiência, mas para Marciele isso não se tornava uma questão. Ao se referir às atividades que eram executadas para além daquelas combinadas na sua rotina de trabalho, nessa família beneficiária especificamente, ela mencionou que fazia de coração.

M: Pedia eu fazia, por exemplo, a senhora lá, hoje ela está com oitenta...acho que ela tem oitenta e nove. Então tipo assim, o período que eu trabalhava lá eu corria o cabelo dela, ela me pedia para fazer. Tipo assim, de quinze em quinze dias passava a tinta no cabelinho dela e assim, eu não esquentava [...] a dona da casa estava fazendo almoço, aí faltava um alho: ‘Marciele, você pode...vai lá no mercado comprar um alho para mim?’. Eu largava meu serviço e ia lá no mercado.

L: E isso tudo era favor...

M: Favor.

L: Ninguém te dava uma...

M: Não, eu também não fazia questão.

L: Um trocado a mais...o que que você achava desses favores, assim? Você achava que faziam parte? [...] ou você se sentia: 'ai, nossa, ela está abusando de mim hoje [...]'.  
 M: Igual eu te falei, eu fiquei lá nove anos, entendeu? então tipo assim, era, é... era o lugar que eu trabalhava, mas que eu me sentia à vontade [...] então tipo assim, eu fazia de coração.

O colorir o cabelo da mãe-senhora era uma tarefa que importava para além da sua execução técnica, ela denotava também uma atenção demandada pela família beneficiária e atendida por Marciele.

Marciele fez uma oposição de ideias no sentido de que trabalhar e se sentir à vontade não eram coisas que se misturavam no contexto das suas experiências: “[...] era o lugar que eu trabalhava, mas que eu me sentia à vontade”, e era isso que fazia com que o trabalho nessa família beneficiária, especificamente, fosse entendido de uma forma especial, por Marciele se sentir bem lá.

Então, o tratamento que ela recebia da família beneficiária influenciava os sentimentos que permearam a construção dessa relação. Ações e atitudes por parte da família beneficiária tinham um sentido nativo de ajuda, sendo sustentadas pela reciprocidade. Marciele ajudava a família beneficiária e a família beneficiária lhe ajudava.

M: [...] a nora dessa senhora, né, que é a [nome], ela é médica. Aí preciso marcar uma consulta, marcar um exame, ela trabalha na rede pública, né, ela sempre me ajuda, até hoje! então tipo assim, é aquilo que eu falo, tem coisas que o dinheiro não compra [...] tinha o médico da minha filha e eu precisava levar a minha filha para o trabalho, ele não importava, eu levava nessa casa que eu fiquei nove anos. Dava o período de férias da minha filha, minha filha ia para lá ficava quinze dias lá de férias. Aí ia para o clube [nome]. Quando eles iam para Guarapari, ia para Guarapari. Tinha festa de aniversário eles levavam ela junto. Final de ano, natal, ela ia nas festas de natal com eles. Então por isso que eu estou te falando...eu tinha um vínculo com eles assim, entendeu? Então por isso que eu nunca achei ruim [...] não tinha dia, não tinha hora, quando eles precisavam eu estava sempre à disposição.

Marciele afirmou que entendia que ela não era parte daquela família. Entretanto, ela aludiu ao parentesco ao referenciar uma forma de filiação voluntária (Borneman apud Fernandes, 2011), trazendo à tona outro aspecto ambíguo acerca das relações que são construídas no âmbito do trabalho de cuidado: “[...] tipo assim, não é que eu fazia parte da família, mas assim eu chegava lá eu comia o que eu queria, entendeu? [...] eles eram tipo assim, meio que me adotaram assim, e eu fiquei. Fui ficando. Eu fiquei lá nove anos”.

Destaco desse relato a tentativa de Marciele em identificar as relações construídas no seu trabalho a partir de outras referências que ela conhecia e vivia.

Essa identificação tinha como objetivo diferenciar as relações entre si, colaborando para um movimento que fazia com que Marciele se aproximasse ou se afastasse, e tomasse ações justificando comportamentos e sentimentos.

Ainda, havia uma outra ação e atitude dessa família beneficiária que colaborava para esse emaranhado que era o fato de ela poder dormir no trabalho, um evento destacado por Marciele que tinha uma importância enorme. Marciele realizou os estudos do curso técnico em enfermagem entre os anos de 2018 e 2021. Depois de frequentar o curso no período noturno, ela podia voltar e dormir na casa da mãe-senhora. Assim, ela passava a semana toda em Vitória, trabalhando durante o dia nos domicílios da família – alternando as diárias entre a casa da mãe-senhora e os filhos dela – e voltava para a sua casa na Serra aos finais de semana.

M: [...] eu meio que sentia assim, eu tinha muita liberdade na casa, entendeu? então tipo assim [...] teve um período que quando eu comecei a estudar enfermagem, eu comecei estudando lá em Vitória, né. Eu fazia a noite [...] eu comecei na [nome] [...] como o estudo era praticamente do lado do meu serviço, eu saía da escola dez horas da noite aí [...] ao invés de eu vir embora, que eu morava aqui na Serra, eu ia para o meu serviço e dormia lá a semana inteira [...] eu tinha a chave, eu...

L: Acordava no outro dia e...

M: E já estava lá.

O que Marciele via e identificava como liberdade eu entendi com outros contornos, o que me despertou a seguinte pergunta: será que ela estava num regime mensalista nessa família? Não é apenas o fato de dormir no domicílio do empregador que separa as trabalhadoras mensalistas das trabalhadoras que são faxineiras, há também outras características como o número de dias trabalhados no mesmo domicílio ao longo de uma semana.

Marciele demonstrou que sabia o que era o regime mensalista e especificamente ela disse que se reconhecia como faxineira nessa família uma vez que se dividia entre os vários domicílios, entre a casa da mãe-senhora e dos seus filhos. O poder dormir para Marciele – que somente acontecia na casa da mãe-senhora – era entendido como um dos favores que a família beneficiária lhe concedia.

O valor recebido por uma trabalhadora no regime diarista pode ser maior do que o valor recebido por uma trabalhadora no regime mensalista. Entretanto, esse fato não se compara à desproteção (Ipea apud Teixeira, 2015, p.56), à falta de regulamentação que recai sobre as faxineiras e diaristas, resultando em horas excessivas de trabalho, tarefas executadas fora do horário combinado e à falta de cobertura com relação a férias, auxílio-doença ou aposentadoria. Mas não era dessa

forma que Marciele entendia a sua situação, dinheiro tinha sim uma importância muito maior.

L: [...] eu sempre pergunto esse negócio de carteira assinada, você se preocupava muito com isso de carteira assinada? [...]

M: Não. Não, porque tipo assim, eu depois que eu me tornei mãe, a minha prioridade era o dinheiro. Então quanto mais você trabalha legal menos você ganha. Quanto mais você trabalha de uma maneira autônoma, mais você ganha.

L: Então você não estava nem pensando em benefício, no futuro eu vou aposentar, vou ter férias...

M: Não.

A informalidade foi uma constante nas experiências de trabalho de Marciele inclusive na família beneficiária na qual ela passou nove anos trabalhando, lá ela também não teve sua carteira de trabalho assinada. Apesar disso, os compromissos de pagamento naquele cenário sempre foram respeitados.

Ela me contou que o pagamento acontecia no dia certo, da forma combinada, mensalmente. As tarefas extras não eram pagas, mas a família beneficiária a bonificava, eventualmente, de outras formas, como lembrou Marciele sobre um episódio com um dos filhos da mãe-senhora:

M: [...] durante um período que eu trabalhei na casa dele, se eu não me engano, acho que foram dois anos, ele pagava o meu INSS. Eu fazia duas diárias na casa dele, aí ele pagava o meu INSS. Todo final de ano ele me dava um décimo terceiro.

L: Certo, além do salário?

M: Além do salário.

Questionei se, a partir do momento em que Marciele finalizou os estudos, ela foi solicitada para assumir outras funções como cuidadora da mãe-senhora, por exemplo, já que ela era uma idosa com oitenta e poucos anos. Ela me contou que não: “não, faxineira [...] depois que eu me formei de cuidadora eles não me contrataram”. Marciele não me contou como ou porque saiu desse trabalho e eu não questionei.

Foi nessa família beneficiária que Marciele encontrou a condição mais digna de trabalho por meio dos arranjos propostos, da rotina de atividades, do combinado de pagamento e da relação construída. Isso refletiu nos anos que ela permaneceu nesse trabalho e como ela relembrou e narrou com bastante afeto essas histórias que têm um teor emocional.

O registro na carteira de trabalho para Marciele não era algo que ela buscava porque o que mais importava era o agora, o tempo presente assumia outros contornos

no seu contexto de vida. Trabalhar de forma autônoma, o que para Marciele era o contrário de trabalhar registrada, era a forma de ganhar mais dinheiro e era isso que importava.

Camila Fernandes dissertou sobre uma economia generificada de tempo, a noção de tempo se articula ao gênero mostrando as batalhas intensas enfrentadas especialmente por mulheres. Dessa forma, a autora dividiu o tempo entre três noções: o correr atrás, que é um tempo de luta e se refere, precisamente, ao trabalho remunerado prestado no mercado de trabalho, o tempo para si que pode consistir em lazer e o tempo para o outro que se refere aos cuidados de outras pessoas, crianças ou idosos. O correr atrás é composto por ações que formam a tentativa para se alcançar uma vida melhor (Fernandes, 2011).

Diz respeito às formas de viração, os arranjos e as composições feitas por pessoas de classe popular na luta pela conquista de um emprego, no desenvolvimento de um 'negócio próprio', em 'fazer dinheiro', em 'estudar', em cultivar projetos de lazer ou de construção e melhoria das moradias (Fernandes, 2011).

Nessa pesquisa o correr atrás permeou grande parte da vida de Marciele, sendo recorrente nos seus relatos por meio do termo não ficar parada que ela repetiu em vários relatos mostrando a correria que era a sua vida. Para Marciele, a lógica formal do tempo, a ideia de tempo linear, não era suficiente para dar conta das coisas que ela precisava enfrentar diariamente. Por isso que olhar para frente, no sentido de pensar o seu futuro com férias remuneradas ou aposentadoria não fazia muito sentido e ela não se preocupava com o registro formal na carteira de trabalho.

Aquelas metas e objetivos que ela apresentou no início – construir uma casa, terminar os estudos e ter uma profissão – habitavam um mundo das possibilidades. Isso somente mudou após um evento que aconteceu no ano de 2013. Marciele me contou sobre uma forte chuva que destruiu parte dos seus pertences na sua casa, ela também viveu uma sensação de perda total ao ver outras famílias e a comunidade com suas casas alagadas por completo. Esse relato mostrou a importância do significado que esse evento teve em sua vida. Foi a partir desse acontecimento que ela quis redirecionar suas formas de agir e de se planejar – ela falou em “[...] saber administrar” – para alcançar metas e objetivos.

M: [...] aí em 2013 teve uma chuva [...] e alagou tudo aqui na Serra e eu estava voltando do serviço e eu comecei a pegar o alagamento lá em [bairro]. Eu fui chegar em casa era meia noite nesse dia. Teve lugar que eu passei que a água estava aqui em mim *gesto com a mão cortando o pescoço*. Cheguei em casa, eu morava de aluguel, tinha dado goteira e minha cama estava toda

molhada. E assim, eu vi pessoas aqui no bairro com água aqui assim no pescoço. E aí eu botei aquilo no meu coração, que daquele dia em diante eu ia trabalhar para ter um cantinho meu. E tipo assim, eu ia priorizar as coisas que eu queria para minha vida porque trabalhar todo mundo precisa trabalhar, mas a gente tem que saber administrar, entendeu? então daquele dia em diante eu comecei a trabalhar para poder ter a minha casa, entendeu? para ter um canto para chamar de meu, um teto para dar para a minha filha e eu comecei a buscar as coisas que queria, que realmente iam contar [...] Ai foi assim, primeiro eu falei eu tenho que ter o meu canto, tenho que ter a minha casa. Aí eu fui, eu consegui fazer um pouquinho da casa [...] eu consegui fazer ali um sobradinho, né, que eu fiz quarto, sala e cozinha. Falei agora eu tenho que correr atrás de ter uma profissão que eu não vou passar a minha vida toda sendo faxineira. Não que eu tenha alguma coisa contra, não. Aí eu fui estudar para poder fazer meu curso, conseguir tirar minha habilitação, conseguir comprar a minha moto, entendeu? então tipo assim, cada conquista que eu tinha eu falava o trajeto está sendo difícil, mas as recompensas eu estou vendo, entendeu? tipo assim, [...] chegar no final do mês e saber que eu não estou devendo nada para ninguém, ninguém está batendo na minha porta para me cobrar. A minha filha está comendo, está bebendo, está vestindo, se precisar de um remédio não tem que ficar pedindo suporte para ninguém, entendeu? eu sempre tive isso comigo, eu vou me manter e manter a minha filha. Então assim, trabalhava muito. Tipo assim...muitas pessoas falavam: ‘essa daí só pensa em dinheiro’, mas não era verdade [...] era o meu meio de sobreviver e a minha filha.

E foi assim, depois de muitas moradias proporcionadas como favores, “[...] vivia na casa de um e de outro”, ou por aluguel, que Marciele realizou o seu objetivo de comprar um terreno e construir a casa própria: “eu comprei o terreno do meu tio, né, aí fui pagando. Depois eu fui construindo, aí construí uma casinha”.

Financeiramente, a vida de Marciele me remeteu a muitas outras, ela contou que recebia seu salário, pagava suas contas e pronto, o dinheiro acabava

M: [...] antes do meu pagamento chegar na minha mão eu já estava devendo ele todo, entendeu? [...] meu dinheiro era: trezentos para a babá, trezentos para o aluguel, cem para a conta de luz, cinquenta para água, duzentos para o mercado e acabava, entendeu? Pagava um cartão aqui, outro cartão ali. Pagava um negócio ali e acabava o dinheiro.

Apesar da utilização dessas palavras no seu relato, de já estar devendo, não entendi como se Marciele apresentasse um histórico financeiro de dívidas, para mim esse trecho se referia ao comprometimento do seu salário com seus gastos mensais para se manter viva; então, determinado valor era direcionado para aluguel, enquanto outra quantia deveria ser direcionada para os cuidados com a filha, por exemplo.

Depois da construção da sua casa, Marciele concluiu, no ano de 2021, os estudos do curso técnico e realizou mais um objetivo, o de ter uma profissão. Após a conclusão dos estudos, ela trabalhou uma única vez como cuidadora de uma idosa em um bairro classe média na cidade de Vitória, e foi durante essa experiência que a conheci, em meados de 2022.

Todas as suas experiências como cuidadora de idosos (com exceção dessa última) foram realizadas antes da sua formação profissional, o que aponta para o cenário de que a prática, ter experiência prévia, é um fator de maior relevância no recrutamento e contratação de cuidadores, deixando em segundo plano a formação profissional (Hirata, 2022, p.79). Isso pode ser notado nas experiências que Marciele relatou e que se passaram no contexto do cuidado domiciliar.

O trabalho de cuidadora no qual a conheci foi o último de Marciele no campo do cuidado. Meses mais tarde, no momento no qual fiz as entrevistas, ela estava trabalhando no comércio do seu marido, que era uma loja que vendia de tudo um pouco; desde conjunto de panelas, aparelhos de tecnologia e seus apetrechos, caixinhas de som, copos térmicos, celulares, sapatos, brinquedos e bonecas. Na loja havia um computador com acesso à internet e alguns serviços eram prestados aos clientes do bairro, como pagamento de contas e impressão de documentos.

Durante os relatos de Marciele, o léxico cuidado apareceu uma única vez para se referir ao trabalho doméstico remunerado especificamente: “[...] me contratou para cuidar da casa [...]”. Por sua vez, o termo foi utilizado de forma recorrente nas suas experiências de cuidadora de idosos, e apareceu em algumas narrativas enquanto babá. O prefixo cuid apareceu em torno de setenta vezes ao longo das nossas conversas, eles levaram aos termos cuidar, cuidava, cuidando, cuidadora.

Transitar entre cuidado de crianças e cuidado de idosos pode ser uma tarefa mais fácil do que transitar entre atividades diretas do cuidado e atividades indiretas do cuidado, por isso acredito que muitas faxineiras e empregadas domésticas não se reconheçam como trabalhadoras do cuidado. Essa característica, no entanto, não é particular do trabalho das faxineiras. No Brasil, parte das cuidadoras descrevem suas atividades como trabalho doméstico e não como tarefas do cuidado (Guimarães, 2016, p.69).

Apesar desse movimento, das atividades dos três campos que se cruzam nas práticas diárias, e até se misturam, não se deve pensar ou reconhecer que elas formam uma coisa só. Os campos do cuidado apresentam particularidades próprias, responsabilidades diferentes e tarefas específicas, que apontam para relações desiguais e socialmente assimétricas (Soares, 2012, p.45).

Embora o verbo cuidar tenha aparecido pouco de forma direta nos relatos de Marciele sobre suas experiências como faxineira, suas narrativas demonstraram que ele estava nas suas ações, na execução do seu trabalho. Marciele prestava cuidado

para a família beneficiária ao atender as suas necessidades durante a execução do seu trabalho.

Existe um movimento de se passar de trabalhadora doméstica a cuidadora, processo que pode ser denominado como reconversão identitária (Guimarães, 2019, p.13). As mulheres se utilizam de qualificações tácitas obtidas pelos anos de trabalho para se recriarem profissionalmente, transformando suas experiências em um saber profissional sistematizado.

Marciele passou por essa reconversão ao realizar o curso técnico em enfermagem. Ela também apontou em seus relatos que havia uma identificação de si mesma por meio do trabalho, ou seja, a sua ocupação colaborava na construção e na formação da sua própria identidade. Dessa forma, o estudo, além de ser uma das suas metas, também era uma alavanca para uma vida melhor, pois, a partir dele, Marciele alcançaria uma profissão e passaria a ser reconhecida por meio dela, abandonando o *substatus* da ocupação de faxineira: “[...] eu queria ter uma profissão, entendeu? eu falei eu não vou passar minha vida toda a pessoa perguntando o que que eu sou e eu sou doméstica, eu sou faxineira, não. Eu quero ter uma profissão minha, entendeu?”.

Existia também um motivo particular à história de vida de Marciele para a escolha dessa profissão, como ela me relatou: o falecimento da sua mãe aconteceu há alguns anos; ela morreu aos cinquenta e sete anos de idade, depois de vários problemas de saúde que ninguém da família notava. Logo após o seu falecimento, Marciele contou que começou a trabalhar como cuidadora de uma idosa e, por meio dessa rotina de trabalho, ela escolheu a profissão.

M: [...] depois que aconteceu isso, quando a minha mãe faleceu, eu entrei numa depressão e devido a essa depressão tipo assim, muitas pessoas se trancam dentro de casa, né? E choram e tal. Não. Eu comecei a trabalhar e eu tipo assim, eu não podia ficar dentro de casa, eu não aguentava, então eu trabalhava todo dia, todo dia. Aí eu comecei a cuidar dessa idosa que eu estou te falando e através do cuidado que eu tinha com ela eu me sentia acolhida, e aquilo ali me despertou e eu quis fazer enfermagem.

Marciele colocou numa balança suas experiências e comparou principalmente o trabalho de cuidadora com o trabalho de faxineira, contando-me sobre vantagens de um e desvantagens do outro.

M: Então a enfermagem é boa, eu não tenho nada que reclamar. Só que tipo assim, é uma profissão que é muito desvalorizada, entendeu? Vamos supor eu quando eu era faxineira, eu ganhava três vezes mais do que eu ganho como técnica de enfermagem [...] Então assim...hoje eu não estou mais trabalhando como técnica de enfermagem, entendeu? porque meu marido tem esse comércio aqui e aí acabei vindo trabalhar junto com ele, mas assim, quando eu trabalhava com faxina eu conseguia me manter e manter a minha

filha, tranquilo. Eu como técnica de enfermagem não tem como porque normalmente os plantões são de doze horas, entendeu? por mais que você tenha mais de um trabalho... mas aí tipo é muito puxado, entendeu? Você não pode... não tem como você ter mais do que dois [...] e faxina você pode ter cinco faxinas.

As possibilidades como técnica em enfermagem vinculavam Marciele ao trabalho registrado ou a plantões extensos de doze horas de trabalho, o que restringia a sua atuação no mercado de trabalho de modo que dificultava ou eliminava a possibilidade de executar outros trabalhos. Isso era muito diferente do que ela fazia como faxineira acumulando o atendimento em vários domicílios, além de mesclar esse trabalho com outros pela noite ou pela madrugada como ela contou.

O não registro – geralmente praticado como faxineira – a tornava autônoma, colaborando diretamente para aumentar sua renda que era resultado de um número maior de domicílios faxinados. Embora o trabalho como faxineira proporcionasse uma renda mensal que permitia a sua sobrevivência, resultado de uma extensa jornada de trabalho, Marciele ainda assim buscou ter e “ser” uma outra profissão, mostrando que era mais importante se esquivar do estigma da faxineira.

O trabalho de cuidado é também um trabalho emocional. As emoções podem reforçar laços interpessoais e vínculos com diversas estruturas sociais, elas “[...] são manifestações internas que geram uma reação exterior” (Soares, 2012, p.48). Acredito que o despertar para a profissão, que Marciele relatou anteriormente, tenha acontecido quando ela sentiu que o trabalho de cuidado era também um trabalho emocional.

Nós sentimos. Mas o que é um sentimento? Eu definiria o sentimento como emoção, como um sentido, assim como o sentido da audição e da visão. Em geral nós experimentamos isso quando sensações corporais se juntam ao que vemos ou imaginamos. Assim como o sentido de audição, a emoção comunica informação (Hochschild, 2012, p.17, tradução própria).

A autora Arile Hochschild cunhou o termo trabalho das emoções ao se referir aos sentimentos utilizados e expressados em determinadas interações sociais. Existe um sentimento ideal, um sentimento padrão para cada relação e a tentativa de administrar e manusear emoções na direção desse sentimento é um processo do trabalho das emoções. O trabalho das emoções é mais acentuado entre pessoas subalternas e entre as mulheres (Bonelli, 2003, p.357).

Angelo Soares, por meio da sociologia das emoções, investigou corpo e sexualidade no trabalho de cuidado, apontando também para uma dimensão

emocional desse trabalho (Soares, 2012, p.48). O autor propôs uma diferenciação entre dois tipos de trabalho emocional: o agir em superfície e o agir em profundidade.

O primeiro se conecta na exposição de uma emoção que não se sente verdadeiramente, é um sorriso que se coloca no rosto apenas para executar uma tarefa, uma tentativa de demonstrar uma emoção que é esperada naquela relação. Agindo em superfície, o indivíduo pode sentir uma dissonância emocional, um mal-estar pelo fato de expressar aquela emoção, mas não a sentir. No segundo, acontece um esforço real que busca alcançar aquele sentimento que está sendo esperado. O indivíduo se esforça na busca de determinados estímulos que o direcionem para despertar aquela emoção. Agindo em profundidade, o indivíduo pode sentir uma alienação emocional, que é uma fusão da sua identidade pessoal ao seu trabalho (Soares, 2012, p.50).

Quanto mais o trabalho de cuidado se aproxima e se assemelha àquele que deve ser encontrado na própria família, sobretudo, numa relação mãe e filho, maiores as chances de ele ser considerado bem-feito e de qualidade; assim, uma família beneficiária espera que uma emoção como o afeto seja um sentimento expresso na prestação desse trabalho, fazendo com que a dimensão emocional do trabalho de cuidado busque alcançar tais expectativas e sentimentos.

Marciele majoritariamente se manteve nesse espectro de sentimentos entendidos como bons e relações positivas, mostrando essa característica da dimensão emocional do trabalho de cuidado e o que é esperado dele. De queixas que ela teve sobre situações e cenários de trabalho, ela mesma enfatizou que foram apenas aquelas duas relatadas anteriormente.

M: Então tipo assim, eu não tenho nada a reclamar dessas pessoas que eu trabalhei, entendeu? a única que eu te falei assim, que eu fiquei bastante chateada, foi desse serviço que eu trabalhei que o rapaz me assediava, né, depois a gente teve uma discórdia. E dessa pessoa lá, né, que me contratou para cuidar da casa e depois eu estava cuidando do filho, fazendo tudo e por fim ela queria mesmo era me dar casa e comida...não me pagou.

Especificamente para a família na qual ela trabalhou durante nove anos, o sentimento é de gratidão.

M: [...] ao olhar a maneira como eles me tratavam, se você for olhar a grosso modo, digamos assim: 'ah, mas você foi tão explorada, Marciele, nossa, abusavam de você'. Mas entra aquela parte que eu falei, não tem, de sentimento, de gratidão também. Tudo o que eles faziam por mim, pela minha filha, eles não tinham obrigação nenhuma de fazer, né? então tipo assim, eu, o sentimento que eu tenho por eles é de gratidão, entendeu? pode ser que eles extrapolaram? mas também muitas vezes eles me ajudaram tanto e está

tudo certo, entendeu? [...] eu não tenho sentimento de estar mal satisfeita, não tenho.

Marciele escolheu reforçar esse sentimento e deixar de lado outras interpretações possíveis que pudessem aflorar outras emoções. Assim, Marciele mostrou que a dimensão emocional primeiramente passava pelas condições e arranjos do trabalho remunerado em si, que atendia as suas necessidades por meio da proposta de pagamento. Posteriormente, pela forma como ela era tratada pela família e, por último, pelos favores que lhe eram concedidos. Isso tudo fazia com que fosse possível atender as expectativas de sentimentos esperados por aquela família beneficiária.

Apesar dessa particularidade no contexto de Marciele, o trabalho emocional não deve ser pensado apenas num entendimento enquanto amor ou sentimentos entendidos como positivos. A literatura especializada traz também emoções como medo, tristeza e nojo como sentimentos que podem envolver o trabalho de cuidado.

O trabalho emocional, embora seja esperado no trabalho de cuidado, não é facilmente mercantilizado. Dessa forma, a moeda de troca nesse cenário no qual Marciele passou nove anos trabalhando não era especificamente o dinheiro, era a sensação de se sentir bem naquele ambiente, era poder levar a filha naquela casa caso fosse necessário, eram os favores e o tratamento que ela recebia de forma geral.

### **4.3 Gestão da vida privada e organização social do cuidado**

Marciele é mãe solo; ao mesmo tempo, é chefe de família, e isso fazia com que para ela não existisse outra opção, ela precisava sair de casa e procurar por um trabalho para obter uma renda, era isso que possibilitaria a sua sobrevivência e a de sua filha: “[...] as chefes de família não têm espaço nem tempo para questionar a necessidade do seu trabalho e fazem malabarismos para conciliar atividades laboral com o cuidado dos filhos” (Faur, 2014).

Creches e pré-escolas são arranjos importantes para se conciliar trabalho remunerado e a demanda familiar do cuidado. Entretanto, o seu acesso pode ainda ser limitado no país, dados da PNAD-C anual de 2022 indicaram que, dentre as crianças no grupo de idade de zero a um ano, 85,5% não frequentavam creche ou escola (IBGE, 2022). Assim, uma das demandas de Marciele era o cuidado da sua filha.

Essa atividade foi oferecida e atendida por meio da mercantilização de serviços de cuidado na comunidade ou na família. Marciele me contou que, há treze anos, da forma como ela precisava, não havia creche em horário integral e gratuita, o que significou que ela sempre precisou e pagou pelo serviço de babá: “eu sempre paguei babá”.

Esse trabalho foi desempenhado durante muito tempo por uma tia. Houve menção a uma outra babá, mas Marciele normalmente se referia a essa tia-babá quando contava algo sobre esse tema. Isso pode ser tanto um reflexo de tempo, dos anos de execução desse serviço pela tia, quando de importância. Esse arranjo era a principal forma como Marciele se tornava beneficiária do trabalho de cuidado.

Nadya Guimarães apontou que o trabalho de cuidado nas redes comunitárias ou familiares era denominado e reconhecido como ajuda. As mulheres da vizinhança e da comunidade faziam arranjos e, enquanto algumas delas se tornavam responsáveis no cuidado das crianças, outras trabalhavam no mercado de trabalho. Essas relações eram intermediadas por retribuições que não precisavam necessariamente ser monetárias, eram também bastante flexíveis variando ao longo do tempo, mas, sobretudo eram reconhecidas enquanto favor, enquanto ajuda (Guimarães, 2019, p.31).

Essa característica específica, do reconhecimento enquanto ajuda, não foi notada nos relatos de Marciele quando ela era beneficiária. Ela enfatizou, mais de uma vez, que pagava sua tia para ser babá, atribuindo um sentido de trabalho. Mesmo que o valor cobrado pela tia-babá estivesse abaixo daquele normalmente encontrado no mercado, isso não significava que aquela era uma quantia pequena para Marciele. E pela ênfase que ela deu ao tema, não parecia haver flexibilidade ou alguma variação ao longo do tempo.

Assim, parece mais adequado se voltar para este tema por meio da ideia de mercantilização das relações de parentesco e ajuda mútua, microeconomia do cuidado (Faur, 2014), que aponta mudanças nos arranjos interpessoais baseados na solidariedade quando se inclui a família mais extensa nas relações comunitárias.

No século XXI e em um contexto de pobreza, o cuidado familiar é pago. Há uma mercantilização das trocas que poderíamos denominar de ‘microeconomia do cuidado’. Quem fica com a responsabilidade de cuidado dos sobrinhos, por exemplo, participa de uma estratégia que tente aliviar sua própria situação de pobreza em um contexto no qual se empregar em outra atividade seria difícil. Assim, cuidar de crianças começa a ser visto como uma tarefa complexa, com responsabilidade e uma atividade que merece ser retribuída. As mulheres que trabalham e que contam com parentes para o

cuidado de seus filhos não hesitam em ressaltar, com orgulho, que esta ajuda é retribuída, que este acordo é uma troca monetária, por menor que seja (Faur, 2014, tradução própria).

A organização social do cuidado se relaciona de forma direta com o trabalho feminino, mostrando o esforço das mulheres para conciliar responsabilidade, dedicação à família e participação no mercado de trabalho. Dessa forma, as mulheres fazem escolhas dentro do possível, a partir de determinadas bases materiais (Faur, 2014).

Essa forma de se organizar também mostrava a maneira como a tia de Marciele encontrava para obter uma renda. Os arranjos nesse contexto eram feitos no sentido no qual a tia-babá permanecia e cuidava da criança durante o dia enquanto Marciele saía para o mercado de trabalho. Ambas as situações eram reconhecidas como trabalho e intermediadas pelo dinheiro.

Marciele conseguiu uma vaga de meio período numa creche pouco antes da filha completar cinco anos de idade. Assim, a tarefa de levar e buscar a criança na creche foi adicionada na rotina de trabalho da babá. A filha de Marciele passava meio período na creche e meio período sob os cuidados e responsabilidades da tia-babá.

L: Você acha que a família te ajudava em algumas oportunidades, assim? De arrumar emprego ou de cuidar da sua filha?

M: Ah, não.

L: Não.

M: Não, porque assim, a minha tia cuidava da minha filha porque eu pagava ela.

L: Porque você pagava, não era...

M: Eu trabalhava, eu ficava na casa do meu primo cuidando dos filhos dele. Tipo assim, eu trabalhava lá cozinhava, limpava, cuidava dos dois filhos dele vamos supor, ele me pagava...me dava uma ajuda de custo...

Marciele refletiu apontando numa direção na qual o dinheiro separava o que era ajuda do que não era. Essa reflexão parecia mais simples na relação construída com a tia-babá que era intermediada diretamente pelo dinheiro, as ações da tia se tornavam atividades de um trabalho fazendo com que tais tarefas e responsabilidades fossem remuneradas.

Já na relação construída com uma família beneficiária, essa reflexão parecia mais complexa. Marciele manteve a mesma lógica: ao prestar tarefas extras para uma família beneficiária que não eram intermediadas diretamente pelo dinheiro, tais ações eram reconhecidas por ela como ajuda.

O que ela não percebeu, ou pelo menos não demonstrou perceber, foi que, antes de executar favores para uma família beneficiária, ela prestava atividades do seu trabalho que era remunerado, ou seja, a ajuda prestada à família beneficiária acontecia dentro de um contexto muito maior, e acabava sendo indiretamente intermediada pelo dinheiro.

Não se esperava que Marciele pudesse determinar o que é ajuda com uma explicação definitiva; impossível cobrá-la de uma posição ou até de uma coerência que os fatos podem não apresentar. Esses cenários e entendimentos colaboraram para denotar o caráter complexo da ideia de ajuda no contexto do trabalho de cuidado. Assim, para Marciele, trabalho e ajuda se misturavam no cenário no qual ela era prestadora, mas trabalho e ajuda não se misturavam no cenário no qual ela era beneficiária.

Ajuda não é apenas a presença ou ausência de dinheiro intermediando uma relação, como apontado anteriormente ao abordar a sua identificação a partir da reciprocidade. Percebi também que existia uma característica emocional no entendimento e na descrição do que era ajuda.

A família beneficiária para a qual Marciele trabalhou (especificamente penso naquela que ela passou nove anos) era um cenário que remetia aos sentimentos entendidos de forma positiva como acolhimento, afeto, colaborando para denominar situações como ajuda enquanto a família consanguínea era um cenário que remetia a sentimentos entendidos de forma negativa como fofocas, mágoas. Portanto, aqui, Marciele não fez referência à ajuda.

M: [...] a própria família da gente desmotiva muito a gente, muitas, muitas vezes. É...quando eu fui para o interior [...] eu estava de seis meses. Quando a minha filha nasceu eu escutei muitas pessoas falando: 'você vai voltar para lá, você vai morar debaixo da ponte porque o que que você vai fazer, né? sua filha vai passar fome, vai passar necessidade'. E tipo assim, eu acordava de manhã e ia chegar em casa dez, onze da noite e as pessoas falavam: 'aquela dali ó, vive na prostituição'...entendeu? [...] a gente ouve isso e não são as pessoas que não te conhecem não, são as pessoas que estão ali [...] que sentam na sua mesa, que comem, que conversam...entendeu? isso aí deixa a gente muito abalada emocionalmente, mas assim por outro lado, tudo o que as pessoas falavam negativamente, da parte negativa, para me atingir, aquilo ali só me motivava a cada vez querer ser melhor, entendeu?

L: Então é essa outra família que você teve mais essa...essa família que te contratou durante nove anos que você criou uma relação [...]

M: Sim. Eu falo assim, que é uma via de mão dupla, eles me ajudavam e eu ajudava da maneira que eu podia. Então tipo assim [...] eu dependia financeiramente e eles precisavam dos meus serviços [...]

Marciele esperava atitudes por parte da família consanguínea, um certo tratamento que poderia envolver amor, acolhimento e respeito, por exemplo, entendido por ela como constituinte desse tipo de relação. Assim, ela esperava ser tratada dessa forma, mas isso não acontecia. Ao mesmo tempo, ela não esperava que numa relação com uma família beneficiária esse tratamento pudesse acontecer, pois aquilo não seria obrigação deles, mas ainda assim, acontecia.

Por isso, aparecem essas diferenças nas interpretações e sentimentos entre os cenários que envolvem a família beneficiária e a família consanguínea. Um tratamento entendido como positivo não acontecia no âmbito da família consanguínea, e acontecia no âmbito da família beneficiária.

Considero que Marciele fazia parte de uma cadeia de cuidado<sup>25</sup> local. O termo cadeia global de cuidado apareceu, pela primeira vez, nos anos 2000, a partir do trabalho seminal da autora Arlie Hochschild com a seguinte definição:

O capitalismo global afeta qualquer coisa que toca e virtualmente ele toca tudo incluindo o que eu chamo de cadeias globais de cuidado - uma série de vínculos pessoais entre pessoas de todo o mundo com base no trabalho, remunerado ou não, de cuidar e tomar conta. Em geral são as mulheres que formam estas cadeias, embora seja possível que algumas delas sejam feitas de homens e mulheres ou, em casos raros, somente de homens. Essas cadeias de cuidado podem ser locais, nacionais ou globais. Cadeias globais — como a de Vicky — normalmente começam num país pobre e terminam num país rico. Mas algumas cadeias começam em países pobres e se movem das áreas rurais para as áreas urbanas dentro do mesmo país. Ou começam em um país pobre e se estendem por outro menos pobre e assim conecta um lugar a outro. Cadeias também podem variar em número de conexões, algumas tem uma, outras duas ou três e cada conexão varia na força do seu vínculo (Hochschild, 2000, p.131, tradução própria).

A autora apresentou um relato de uma mulher (Vicky) filipina, mãe, migrante e trabalhadora do cuidado que prestava serviços como faxineira e babá em Los Angeles, nos Estados Unidos da América como uma cadeia global de cuidado. Essa escolha catapultou a atenção de maneira expressiva para as trabalhadoras em movimentos migratórios internacionais.

A autora apresentou essa ideia numa base de debate sobre globalização, especificamente sobre globalização do cuidado, apontando a transferência do amor no sentido Sul-Norte Global (geopolítico) enquanto uma mercadoria que pode ser comprada e explorada: “Países do primeiro mundo, como os Estados Unidos, estão

---

<sup>25</sup> Prefiro retirar a palavra global de termo cadeia global de cuidado ao pensá-la no contexto brasileiro, deixando apenas cadeias de cuidado principalmente ao não incluir movimentos migratórios internacionais nesse cenário específico.

importando amor materno como no passado importaram cobre, zinco, ouro e outros minérios dos países do terceiro mundo?” (Hochschild, 2000, p.135, tradução própria).

Acredito que isso contribuiu para que autores e autoras atrelassem a ideia da migração internacional, a ideia de cruzamento de fronteiras entre diferentes regiões ao conceito de cadeias de cuidado. Para Irma Arriagada, cadeias globais de cuidado são “fluxos de trabalho e de cuidado que se movem através das fronteiras” (Arriagada, 2020, p.59).

A migração é um elemento que diferencia a América Latina diante do cenário internacional; sobretudo porque aponta a crescente participação das mulheres que representam maioria percentual nos fluxos migratórios em busca de trabalho (Arriagada; Todaro, 2012, p.37). Esse contingente de trabalhadoras migrantes explica a importância de se pensar as migrações internacionais nas cadeias globais de cuidado, todavia penso ser importante lembrar que as cadeias de cuidado também se formam em nível nacional e local como proposto inicialmente por Arlie Hochschild e como apontava o contexto de Marciele<sup>26</sup>.

O que acredito deve ser ressaltado a partir da ideia de cadeias de cuidado é a formação de vínculos interpessoais e a conexão das pessoas por meio da interdependência. Ao trabalhar na casa de uma família beneficiária, Marciele estabelecia um vínculo e gerava uma dependência entre ela e essa família por meio dos serviços prestados. Ela os liberava ao realizar parte do trabalho necessário naquele domicílio e assim aquela família ganhava tempo e poderia fazer outras coisas, tarefas e responsabilidades. Ao mesmo tempo, Marciele estabelecia um vínculo e se tornava dependente da prestação de serviços de sua tia como babá da sua filha. Era dessa forma que ela se liberava, que ela conseguia tempo e disponibilidade para realizar outras coisas; tarefas e responsabilidades, que, no seu caso, envolvia o próprio trabalho remunerado do cuidado.

“A cadeia permite visualizar uma série de vínculos (pessoas) através dos quais se move algo, o cuidado” (Gil; Orozco, 2011, p.28). Essa cadeia na qual Marciele participava não atravessava fronteiras internacionais, mas cumpria uma lógica que

---

<sup>26</sup> Marciele é uma mulher migrante, mas não penso que essa característica deva ser determinante para conformar a existência de uma cadeia de cuidado no sentido: se existe um movimento migratório, há uma cadeia de cuidado; se não existe movimento migratório, não há uma cadeia de cuidado. Esta questão é mais complexa.

vinculava pessoas, marcava dependências e colocava o trabalho de cuidado em movimento, passando de um ponto ao outro dessas conexões.

Alguns aspectos e particularidades diferenciavam essa cadeia local das cadeias globais retratadas em muitas pesquisas. Muitas trabalhadoras – pela característica de serem migrantes internacionais e de terem feito esse movimento sozinhas – podem ter uma grande distância que as separa da sua família consanguínea, dos filhos, das pessoas que ficaram. Assim, voltar para casa pode acontecer em eventos e datas específicas, comemorativas ou então pode não acontecer.

Elas podem passar longos anos sem ver aqueles que ficaram pelo alto custo de uma viagem desse porte ou pela falta de regularização nos seus *status* migratórios, o que impediria a sua movimentação pelas fronteiras dos países. Então, numa cadeia global de cuidado, o retorno e o contato face a face com os que ficaram pode ser algo mais raro.

Marciele retornava para sua casa diariamente<sup>27</sup> por meio de um deslocamento via transporte público, ela recebia a filha por meio das mãos da tia-babá ou então ela buscava a filha na casa da tia-babá. Parte dos cuidados da criança, atividades diretas e indiretas, ainda acontecia por meio da Marciele nas poucas horas que elas ficavam juntas.

Nas cadeias globais de cuidado, é comum que as trabalhadoras façam remessas de dinheiro com parte dos salários recebidos. Não necessariamente esse dinheiro é para pagar o trabalho de cuidado executado por aqueles que ficaram, mas tem um sentido de arcar com os custos daquela família de uma forma geral, as remessas serviriam para manter a casa, comprar comida, pagar contas, estudos ou dívidas.

No contexto da Marciele, não existia remessa de dinheiro, uma vez que o seu núcleo familiar era composto por ela e por sua filha. Assim, todo o dinheiro que ela ganhava era gasto para garantir a sua sobrevivência e da sua menina; isso incluía o pagamento das contas, a compra de comida, pagamento do aluguel e o pagamento dos serviços da tia-babá. Marciele nunca fez, de acordo com os seus relatos, nenhum envio de dinheiro para a família que permaneceu no interior do estado do Espírito Santo.

---

<sup>27</sup> Ou semanalmente caso seja colocado em cena a experiência de trabalho na qual ela podia dormir na casa da família por conta dos seus estudos à noite.

Cadeias locais de cuidado podem abranger espaços geográficos distintos, refletindo espaços socioeconômicos muito diferentes. No contexto no qual Marciele era prestadora, essa cadeia envolvia diferentes cidades e diferentes bairros, seguindo um sentido periferia-centro. Já no contexto no qual Marciele se tornava beneficiária, a cadeia seguia o sentido periferia-periferia, uma vez que Marciele e a tia moravam na mesma cidade, no mesmo bairro e no mesmo terreno.

O fator proximidade era um dos motivos que facilitava a prestação de serviços de cuidado pela tia-babá. A tia era dona de uma *kitnet* na qual moravam Marciele e sua filha, as casas ficavam no mesmo terreno: “[...] a gente morava no mesmo quintal, né? minha tia morava embaixo e eu morava por cima da casa dela, que era aluguel [...] ela tem as kitnetzinhas”.

Ao mesmo tempo em que a tia era babá da filha de Marciele, ela também era a locadora da casa na qual Marciele morava, o que colaborava ainda mais para a complexidade dessa relação. Ao relatar os aspectos da sua vida financeira em trecho anterior da nossa conversa, Marciele disse: “[...] trezentos para a babá, trezentos para o aluguel, cem para a conta de luz, cinquenta para água, duzentos para o mercado [...]”.

Parte considerável do dinheiro que Marciele ganhava ficava para a tia-babá-locadora como pagamento dos serviços de babá e por conta do aluguel da casa. Era por meio desses arranjos que Marciele entendia e interpretava a relação com a tia classificando-a de forma mais para o lado do trabalho, dos negócios. Talvez por isso fosse difícil reconhecê-la enquanto ajuda em alguns sentidos. A relação familiar tia-sobrinha se misturava ao papel prestadora-beneficiária no trabalho de cuidado e era também atravessada pela situação locadora-locatária; ou seja, eram muitas nuances em uma única relação.

Na gestão da vida privada da Marciele existia ainda a prática do trabalho doméstico não remunerado com tarefas de limpeza e manutenção do seu próprio domicílio e do trabalho de cuidado não remunerado com o cuidar da filha.

Marciele relatou que era a única responsável na execução das atividades de limpeza; não havia a contratação de uma pessoa que executasse esse trabalho para ela, não houve menção da participação da filha em atividades domésticas de limpeza ou de organização. Em classes populares as crianças podem ser membros ativos e responsáveis por tarefas do trabalho doméstico ou do trabalho de cuidado, Camila Fernandes mostrou isso em seu campo:

[...] as crianças não se apresentam apenas como meras receptoras de cuidados, mas em justaposição, se situam como produtoras de cuidados. O universo empírico estudado apresenta uma expressiva presença de crianças na realização das atividades domésticas e no cuidado de outras crianças (Fernandes, 2011).

Marciele contou que o trabalho doméstico no seu domicílio podia ser realizado de duas formas diferentes. Uma delas era a execução de todas as tarefas de uma única vez, quando ela chegava em casa, depois da sua jornada de trabalho remunerado. Esta era uma estratégia para prolongar o tempo de descanso que viria posteriormente.

M: Então às vezes eu chegava em casa sete horas da noite, aí pensava [...] amanhã é domingo, único dia que eu tinha para descansar. Mas eu tinha acabado de chegar sete horas da noite, aí o que que eu fazia? pegava todas as minhas roupas jogava no...tanquinho, porque eu não tinha máquina, colocava para lavar. Já começava a lavar banheiro, passar pano, tirar poeira para no outro dia eu poder dormir um pouquinho a mais, eu poderia dar uma atenção a mais para minha filha...e aí quando eu ia acabar já eram onze horas, meia noite. Mas aí tipo assim, eu fazia o meu serviço de casa à noite para no outro dia eu ter um tempo a mais.

A outra forma era a realização dessas tarefas ao longo de vários dias; uma tarefa aqui outra lá, na medida do possível.

M: [...] um dia você dá aquela matadinha aqui, aquela matadinha ali. A minha filha também, eu tipo assim, eu via minha filha duas horas por dia. Aquele negócio assim: 'oi filha, mamãe chegou' e ó *barulho de uma mão batendo sobre a outra*.

É interessante que, quando perguntada sobre o trabalho doméstico no seu próprio domicílio de forma específica, automaticamente ela também se referiu aos cuidados da filha trazendo à tona novamente certa fluidez e transparência entre esses campos. Dessa forma, ela narrou como encaixava essa responsabilidade no seu dia a dia para dizer que atender as necessidades da filha passava pelas suas práticas e responsabilidades e que ela estava ali, presente, independentemente do pouco tempo que tivessem juntas.

Marciele apontou para a característica do *continuum*, uma repetição das atividades nas rotinas do trabalho remunerado e do trabalho não remunerado. Esse cenário denota uma experiência de dupla presença na medida em que mulheres passam de um espaço de trabalho a outro (Izquierdo apud Moreno, 2015, p.95). Essa experiência é exclusiva das mulheres no trabalho de cuidado: “Os estudos sobre o trabalho do cuidado trazem uma demonstração sobre o *continuum* entre o trabalho

assalariado e o trabalho doméstico para as mulheres e apenas para elas” (Hirata, 2022, p.34).

Entendi que o não ficar parada, a correria que era a vida da Marciele colaborava ainda mais para intensificar esse processo de *continuum* vivido por ela: acordar cedo e sair para trabalhar, fazer longas horas de uma jornada de trabalho, voltar pra casa tarde da noite, cuidar um pouco da filha, fazer as tarefas necessárias na sua própria casa, dormir, acordar cedo e sair para trabalhar.

Esse relato no qual ela detalhou a estratégia de executar todas as tarefas do trabalho não remunerado de uma única vez, pensando que, em seguida, aproveitaria um momento de descanso foi o primeiro no qual a ouvi falando sobre o tema e marcou a primeira menção sobre um tempo para si, que consistia em um tempo só seu focado no repouso.

Esse aspecto refletiu a passagem do tempo nas histórias contadas por Marciele mostrando que os anos foram passando nos seus relatos e assim, aquela correria foi dando espaço para outras formas de vida. Isso aconteceu não apenas pelo fato de Marciele estar envelhecendo, mostrando uma transformação da sua fase jovem para sua fase adulta, mas principalmente por ela ter realizado as suas metas: Marciele viu a sua filha crescer saudável, tendo o que comer, o que vestir como ela mesma contou. Marciele conseguiu comprar um terreno e construir a sua casa própria. Marciele terminou a escola e depois cursou o técnico em enfermagem conquistando a sua profissão.

Dessa forma, a correria era também um *modus operandi* necessário não apenas para a sobrevivência, mas também para alcançar tais objetivos. Assim, conforme eles foram sendo conquistados, Marciele começou a desacelerar, ela podia, e se permitia, fazer outras coisas e agir de outras formas e isso incluía o descanso.

M: [...] a idade chega para todo mundo. Eu acho que se fosse hoje que eu estou com trinta e dois anos, se fosse para fazer tudo que eu fiz com vinte e poucos anos até agora...não vou dizer que eu não faria, entendeu? mas talvez ia ser mais árduo, né? ia ser mais difícil [...]

Marciele me contou, brevemente, sobre outras práticas cotidianas como a religião. Hoje ela se declara evangélica, essa conversão foi recente e ocorreu há poucos anos, logo depois do seu casamento que aconteceu em 2021.

M: [...] foi assim ó *barulho de dedo estalando*. Na verdade eu conheço o meu marido há treze anos. Quando eu cheguei aqui em Vitória ele foi o primeiro namorado que eu tive [...] muita história...só que aí depois desses

desencontros a gente se reencontrou [...] casamos. A gente namorou uns três meses [...] decidimos casar.

Assim, os relatos da Marciele são atravessados pela sua fé. Tudo aconteceu da forma como tinha que acontecer, eram os planos de Deus: “[...] nós que somos evangélicos, a gente diz: tudo é no plano de Deus”.

A religião também é responsável pela forma como Marciele interpreta sua vida na atualidade, guiando suas reflexões sobre as coisas que lhe aconteceram. Sobre o relacionamento com o seu pai, ela refletiu:

M: É até engraçado você falar nisso tipo assim, se a gente tivesse fazendo essa, essa...batendo esse papo três anos atrás, tudo que ia sair daqui eu ia falar que eu sinto muita mágoa. Porque tipo assim, eu culpava muito a minha família e assim eu tinha remorso, raiva...era um *mix* de sentimentos. Mas hoje estou vivendo numa fase assim que eu estou, acho que eu estou amadurecendo [...] depois que eu me casei eu me tornei evangélica e muitas coisas que eu não tinha, que eu não conseguia compreender, hoje eu compreendo. Então tipo assim, igual eu falei com você [...] que a gente saiu de casa porque meu pai não dava oportunidade da gente estudar e eu culpava o meu pai por isso, entendeu? porque imagina, eu fui terminar o meu ensino médio eu já tinha, eu já tinha mais de vinte e três anos. Eu já era mãe. Então tipo assim...uma coisa que eu podia ter terminado lá na minha adolescência, né? eu depois...eu tive que lutar para conseguir estudar, mas aí eu vejo pelo lado do meu pai, né? [...] ele recebeu uma criação muito diferente, né? e assim, ele ainda tentou adaptar para a gente e assim, ele fez o que ele podia fazer; ele deu o melhor dele. Ele tentou criar os meus irmãos e até nós mesmas da maneira dele...só que o mundo, cada dia que passa as coisas vão mudando. Então hoje meu pai vê que [...] por mais que ele tentou, é, fazer com a gente de uma forma, o mundo era outro. Então ele deveria ter, talvez, buscado ajuda, ter a mente mais aberta. Por exemplo, eu com doze anos não assistia televisão, meu pai não deixava [...] a televisão ensinava coisa que não devia, entendeu? Era uma maneira que ele tinha de nós, de proteger nós, entendeu? só que o ensinamento que ele tentou passar para nós não fluiu [...] então assim, hoje eu falo assim, que se eu não tivesse o meu marido talvez eu...estaria cheia de mágoas ainda, entendeu? mas hoje eu estou tranquila, entendeu? o meu relacionamento com o meu pai hoje é maravilhoso, com meus irmãos também, eu não tenho nada que reclamar de nenhum deles, entendeu? [...] eu passei quase três anos sem poder ir na casa do meu pai, sem poder conversar com ele, então tipo assim, isso aí era tudo coisa que me gerava dor. Mas hoje, graças a Deus, eu estou tranquila.

Apesar de ter passado algum tempo sem visitar a família no interior, na atualidade, Marciele os visita duas, três vezes por ano. Além disso, ela mantém contato com eles pelo telefone celular que, antes, para ser utilizado, lá na sua cidade natal, era preciso ir a um local um pouco mais alto para pegar o sinal da companhia telefônica: “tinha que ir lá no morro”, ela contou. Só assim o seu pai conseguia utilizar o telefone celular.

Recentemente, um dos seus irmãos colocou sinal de internet na casa dele e assim o contato entre Marciele e a família no interior se tornou mais frequente por

meio de aplicativos como *WhatsApp*. Dessa forma, quando o pai quer utilizar o telefone, ele vai na casa desse filho para conseguir se conectar à internet.

Para além do contato com a família, Marciele mantém também contato com os amigos que ficaram. Assim, notícias e acontecimentos sobre a região são acompanhados por meio desse contato, que também passa pelo uso do telefone e da internet, e por meio das redes sociais que publicam informações.

Com as irmãs que moram na Grande Vitória, o contato é mantido da mesma forma. Embora elas morem mais perto umas das outras, elas passam meses sem se visitar. Então, é também por meio do contato pelo telefone que elas se mantêm próximas.

Questionei Marciele sobre o autocuidado e sua resposta apontou para um caminho que o conecta a sua prática religiosa. O autocuidado é objeto de estudo comum na área da saúde, por meio da medicina biomédica ou alopática. Já no terreno das Ciências Sociais, ele ainda foi pouco aprofundado, sendo inicialmente conceituado como uma atenção ao próprio corpo, como uma atenção a si mesmo.

Autocuidado<sup>28</sup> é um dos aspectos de se viver saudável, ele deve ser pensado como algo individual, uma atitude e uma prática que repercute no social, é uma estratégia necessária para se buscar bem-estar na vida cotidiana (Uribe apud Bermúdez; Montoya, 2015, p.262).

L: Que que você entende por autocuidado?

M: Hoje eu entendo que a gente tem que estar bem, a gente tem que se cuidar para poder cuidar das outras pessoas.

L: Mas estar bem como? Estar bem fisicamente, de saúde?

M: Acho que é tudo. O mais importante hoje em dia eu falo que é cuidar da nossa saúde mental. Eu acho, entendeu? [...] tipo assim, se a nossa saúde mental está boa, se está ok, o resto a gente consegue levar. O físico...vai [...]

L: E o que que você faz para se autocuidar?

M: Então...eu oro a Deus, não tem? Mas assim, não é fácil. Tem dias que a gente [...] eu falo para o meu marido direto, tem coisas que passam na vida da gente que te marcam para sempre. Então assim, é, uma mágoa às vezes lá do seu passado que aconteceu na sua infância, uma palavra que alguém falou, aquilo dali te marca. E aí assim [...] tem dias que você está para baixo, o seu emocional está abalado, parece que aquilo dali reflete o que você está vivendo, entendeu? E hoje [...] eu busco olhar para tudo o que eu vivo, não tem? Eu tenho uma filha que é saudável, eu vejo várias crianças que não têm saúde; então assim, diante de tudo que se passou na minha vida, a minha filha nunca passou necessidade de nada [...] então tipo assim, isso aí para mim já é um cuidado mais do que especial de Deus com a gente, entendeu? porque assim, teve dias de eu estar em casa passando mal, mas hoje eu tenho que trabalhar porque aquela pessoa está lá me esperando, eu tenho

<sup>28</sup> Saberes tradicionais, ancestrais e de outras medicinas não entram nessa definição de autocuidado, o que faz dele um conceito ainda muito enraizado no pensamento europeu, patriarcal e androcêntrico de saúde que pensa principalmente o corpo biológico, desassociando-o da mente, das emoções, do meio ambiente e dos animais (Bermúdez; Montoya, 2015, p.275).

que ir e eu vou, entendeu? e assim, Deus deu força, nunca deixou faltar nada e aí eu olho para tudo que eu passei [...] hoje eu estou bem, entendeu? então tipo assim, o dia que eu falo com o meu marido: 'hoje eu não vou para a loja' e eu fico em casa, vou assistir filme. Ou então uma terça-feira, uma quarta-feira, eu falo com ele: [...] 'ah, amor vamos um pouquinho lá na praia?', a gente vai para a praia. Eu quero sair, quero passear, a gente vai. Então tipo assim, eu falo assim que hoje [...] o que mantém a minha sanidade intacta é isso [...] buscar viver uma vida mais tranquila sem tantas preocupações assim, sem tanta correria e saber que minha filha está ali debaixo dos meus cuidados, entendeu? estou sempre instruindo ela, os caminhos [...]: 'tem que estudar, filha. Não pode se envolver com certo tipo de pessoa. Filtra bem as amizades que você traz para a sua vida, para o seu convívio. Olha para quem, para as pessoa que às vezes você conta as coisa da sua vida. Não confia em todo mundo'. Então para mim é isso. Eu assim, hoje eu estou muito feliz [...] eu encontrei uma pessoa que me compreende porque não é fácil porque muitas vezes nem eu mesma me compreendo [...]

As práticas de autocuidado da Marciele na atualidade refletem uma busca por saúde mental. Rezar a conecta ao divino e isso é importante porque Deus cuida dela promovendo condições que são necessárias para sua sobrevivência como a força.

Sinais de esgotamento físico e psíquico podem ser decorrentes das longas horas de trabalho. Essa atenção e preocupação da Marciele com sua saúde mental pode ser um reflexo de situações vividas no passado, afinal, ela contou: “[...] era aquela rotina diária, não tinha feriado não tinha sábado, não tinha domingo. Era segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo, segunda e vai embora [...]”.

A saúde mental também atravessou as análises de Angelo Soares na dimensão emocional do trabalho de cuidado, o autor apontou que tanto o agir em superfície quanto o agir em profundidade podiam trazer consequências para a saúde mental (Soares, 2012, p.50).

Na nossa última entrevista, entrei em assuntos como discriminação ou preconceito por conta da desvalorização que existe tanto no trabalho doméstico quanto no trabalho de cuidado no país. No Brasil, a discriminação assume forma no processo de racialização com base na cor de pele, o que colabora para estigmatizar e inferiorizar essas trabalhadoras que são em sua maioria mulheres pretas ou pardas.

Perguntei como Marciele se identificava em termos de raça ou cor pedindo que ela escolhesse dentre as categorias branca, amarela, parda, preta ou indígena como faz o IBGE na aplicação do censo demográfico. Marciele disse que se reconhece como uma mulher morena.

Pedi, então, para ela escolher alguma das categorias citadas anteriormente e ela escolheu preta e se justificou, mesmo que esse procedimento não peça uma justificava: “preto por causa do cabelo, entendeu? Meu cabelo não é bom”. Em

seguida questionei se ela considerava que o fato de ser uma mulher morena, preta, poderia ter influenciado, de alguma forma, em alguma situação vivida.

M: [...] eu nunca tipo assim, enxerguei por esse lado. Pode até ter ocorrido alguns momentos. Mas tipo assim, pela minha imaturidade talvez eu não consegui é...não consegui [...] enxergar aquilo ali como preconceito [...] talvez foi até bom, né? Porque talvez eu ia sofrer com isso...

Conforme ela foi buscando em sua memória, alguns eventos lhe vieram à mente.

M: É, pode ser que eu sofri. Por exemplo, trabalhei numa casa que a gente, que a comida era diferente. O copo tinha que ser separado...isso aí para mim é um preconceito, né? É, independente de cor, tipo assim, de classe [...] o patrão come uma comida, o funcionário tem que comer outra...é...eu acho isso daí um preconceito.

Marciele contou que os empregadores nunca tratavam diretamente com as novas empregadas sobre essas tais regras da casa. Essa tarefa era responsabilidade de uma empregada mais experiente e mais antiga naquele domicílio.

M: [...] será que é por causa da nossa cor? Ou porque a gente era humilde? Eles nunca, tipo assim, colocavam isso, digamos assim, em pratos limpos. Aí tipo assim, quando você era admitida para trabalhar, não era o patrão que passava essas regras para você, eram os funcionários mais antigos. Aí eles falavam: 'olha, fulano, isso daqui é seu. Esse aqui é seu prato, tá? Você pode comer aqui. Para tomar água, esse aqui é o seu copo'.

Marciele também é uma mulher migrante. Perguntei se ela já havia pensado sobre isso, sobre o fato de ser uma pessoa migrante, de ter saído da sua cidade natal, ter se mudado para o estado do Rio de Janeiro e depois retornado para o Espírito Santo. Ela balançou a cabeça em sinal de não.

Apesar disso, ela contou que percebeu que lá em Angra dos Reis, RJ, isso era bastante comum, que muitas pessoas eram iguais a ela nesse sentido, se referindo aos movimentos migratórios: “[...] o mais engraçado é que eu fui para um lugar onde muitas pessoas que moram lá, vamos dizer assim, 90% da cidade, era assim [...] pessoas como eu [...]”.

Questionei se Marciele considerava que o fato de ser uma mulher migrante poderia ter influenciado, de alguma forma, em alguma situação vivida e ela disse que sim. Ela contou que era reconhecida imediatamente por meio da fala, especificamente da pronúncia das palavras: “como eu sou do interior, estudei pouco. A gente tem um português muito errado então isso atrapalha bastante [...] até hoje”.

Assim, Marciele era marcada, identificada e chamada de roceira, que pode significar alguém que mora ou que trabalha na roça. Marciele relatou que essa característica da fala dificultava a sua integração naquela comunidade e também a procura por trabalho.

Para terminar nossa entrevista, perguntei sobre o futuro. Os estudos permanecem como um objetivo em potencial, Marciele comentou sobre a vontade de fazer um curso universitário: “[...] eu tenho vontade de fazer uma enfermagem mesmo, entendeu? ou então fazer um outro curso superior, entendeu? [...]”.

O retorno para o interior, para a sua cidade natal, é um sonho que, mesmo distante, já habita o seu imaginário. Ela contou que pensa no pai e nos tios mais velhos que moram lá e assim ela tem vontade de abrir uma casa de repouso no intuito de ajudar essas pessoas e de cuidar do próprio pai.

M: Tipo assim, se eu tiver oportunidade, tiver a condição de fazer isso, eu gostaria de fazer mais para frente, entendeu? porque assim, eu moro aqui em Vitória, mas se eu pudesse escolher morar em outro lugar eu escolheria [...] se eu pudesse morar num lugar que eu viva mais tranquila, né? e possa fazer algo que me dá prazer, né? que eu me realize, é lógico que eu quero. Então tipo assim, hoje se eu pudesse escolher eu tentaria montar essa casa de repouso que eu estou te falando lá no interior [...] para mim só serve ir para lá se meu pai estiver vivo, entendeu? se for para ajudar as pessoas que eu amo. Ir para lá se meu pai não estiver lá já não faz sentido. Tipo assim, já tem meio motivo para eu não ir porque minha mãe já não está lá, entendeu? então Deus me livre e guarde se acontecer alguma coisa com meu pai nesse meio tempo...aí esquece [...] mais três, dois tios meus que também assim, precisam de muitos cuidados e aí muitas vezes eu comento com o meu marido que eu quero montar uma casa de repouso lá no interior para poder ajudar essas pessoas que precisam, entendeu.

Para Marciele, o tempo e a vontade divina são elementos fundamentais e irão guiar a realização desses objetivos. Embora ela fale sobre isso, abordando-os como sonhos, ela acredita que os planos de Deus talvez sejam outros e isso prevalecerá. Assim, hoje Marciele foca e dedica as suas atuais horas do dia na criação da filha que é uma adolescente de treze anos de idade, no cuidado da sua família e no trabalho na loja que é a realização do sonho do seu marido: “[...] às vezes eu faço um plano, mas Deus faz outro...e aí é isso, estou esperando. Por enquanto eu estou aqui na loja apoiando meu marido, entendeu? trabalhando aqui com ele”.

Reassisti ao filme Roma (Roma, 2018), do diretor Afonso Cuarón, no processo final de escrita desta dissertação. A rotina intensa de trabalho da personagem Cleo abriu o filme, se passando nos seus quinze minutos iniciais, mostrando um movimento incessante para lá e para cá, executando as mais diversas tarefas no domicílio. Ela

começou o dia lavando o quintal; depois subiu para o segundo andar da casa armada com balde, pá e vassoura para limpar, arrumar os quartos e trocar as roupas de cama.

Outra empregada da casa (cozinheira) fez um alerta, avisando que era quase uma hora da tarde e assim Cleo foi para rua, correndo na verdade, em direção a uma escola. Ela foi buscar uma das crianças, o caçula de quatro irmãos. Mais tarde, Cleo recepcionou parte da família no portão segurando o cachorro, chegaram três crianças, a avó e um terceiro empregado (motorista) cheios de sacolas de compras.

Todos os membros da família se sentaram à mesa para comer, Cleo ficou de pé ao lado do caçula ajudando-o. A mãe da família chegou e se sentou à mesa, Cleo foi para a cozinha onde estavam sentados os outros empregados que estavam comendo e buscou a sobremesa preparada pela cozinheira. Cleo a serviu e a patroa pediu para ela levar os ternos do marido até a lavanderia ainda naquele dia.

Pouco depois, Cleo estava na parte de cima da casa, uma área aberta, local onde se lavavam as roupas da família. Lá ela estava esfregando as roupas uma a uma na mão e pendurando-as no varal. Duas das crianças apareceram nesse terraço brincando num estilo faroeste com arminhas de brinquedo e tentando acertar um ao outro com um tiro imaginário. Cleo os alertou de que não deveriam estar ali, eles a ignoraram e continuaram brincando.

A criança mais velha foi “morta” pela mais nova nessa brincadeira e ficou brava, ela disse que a brincadeira era dela e então, na verdade, o mais novo que deveria ter morrido. O caçula questionou o porquê daquilo e eles desistiram de continuar brincando, o mais velho foi embora e o caçula permaneceu no local com Cleo. Ele se deitou sob uma estrutura elevada de concreto que tinha um formato quadrado, estirou os braços e permaneceu imóvel durante um tempo. Cleo puxou conversa com ele, mas ele não respondeu, ela insistiu e ele disse: “não posso, estou morto”<sup>29</sup>. Cleo se direcionou para o lado oposto daquela estrutura de concreto e se deitou de forma similar. A criança perguntou o que ela estava fazendo e ela não respondeu. Ele insistiu e ela disse: “não posso, estou morta”. Em seguida ela concluiu: “olha só, gostei de estar morta” e os dois permanecem deitados por um tempo (Figura 4).

A carga horária de trabalhadoras domésticas ao redor do mundo está entre a mais longa (Ilo, 2013). Essa última fala de Cleo me remeteu ao primeiro dia de

---

<sup>29</sup> O caçula acabou atendendo a ordem do irmão mais velho ao morrer, mas, numa chave parecida com a ideia vida-morte-trabalho, ele reflete uma ideia vida-morte-brincadeira. Assim, a ausência de brincadeira é a ausência de vida. Logo, isso resultou na sua morte.

entrevista com Marciele quando ela me contou sobre sua extensa jornada de trabalho como babá durante sua experiência em Angra dos Reis, RJ.

**Figura 4 — “olha só, gostei de estar morta”**



Fonte: Roma (2018).

Cleo e Marciele registraram ideias de vida, morte e trabalho. Da rotina atarefada de Cleo para os poucos minutos em que ela se deitou e ficou parada, imóvel, ali ela estava morta, estava sem vida nos poucos instantes em que não estava trabalhando – não havia vida para além da execução do seu trabalho (o que a agradou por um breve momento).

Já a rotina de Marciele foi descrita com longas horas de trabalho e apontava numa direção de que não era possível fazer outras coisas. Os estudos não puderam ser retomados porque o trabalho consumia todas as suas horas e assim ela refletiu que não tinha vida: “[...] não sabia que eu não tinha vida” – aqui não havia vida por conta da execução do seu trabalho que no fundo também significava a mesma coisa, não havia vida para além da execução do seu trabalho.

O diretor do filme contou em entrevista, nos bastidores, que aquele era um retrato de sua própria vida; ele era uma daquelas crianças, aquela era a história da sua família. O filme, embora ficcional, narrava lembranças e experiências vividas a partir da memória do diretor. E assim, havia Libo, empregada doméstica e babá da família; pessoa que inspirou a personagem Cleo, e para quem o diretor dedicou o filme.

A história da vida da Marciele ou a história da Cleo, da Libo, são histórias das pessoas comuns, o seu conteúdo é a sua vida cotidiana. A primeira foi contada pela própria Marciele a partir das entrevistas realizadas nessa pesquisa; a segunda foi contada pelo diretor por meio do filme que foi escrito a partir da sua memória e de suas lembranças.

A arte também tem capacidade para instigar a prática da imaginação sociológica ao conectar história e biografia, impulsionando reflexões e análises. As questões sobre a vida da personagem Cleo eram problemas pessoais ou sociais? Se eram problemas sociais, como poderiam interferir no pessoal? Foi por proporcionar reflexões nesse sentido, que o filme não passou despercebido.

No entanto, é importante enfatizar que não tive como intuito mostrar diferentes formas de apresentação de vidas e histórias, comparando-as como se fossem a mesma coisa. A ideia, na verdade, foi destacar dois pontos: uma cena do filme que me lembrou um relato específico de Marciele; e como essa pesquisa e o filme recorreram à memória e às lembranças. Assim, entendo que a história de vida de Marciele foi apresentada por meio de uma pesquisa que se propôs uma investigação exploratória, com objetivo de apresentar como a colaboradora percebia a sua própria realidade. Esse projeto foi elaborado por etapas e planejado por meio de uma proposta teórico-metodológica com abordagem qualitativa, e método de produção de dados que utilizou entrevistas em profundidade para cumprir objetivos estabelecidos, o que difere do processo de produção cinematográfica.

Assim, por último, enfatizo duas palavras e seus significados nesse contar histórias por meio da proposta teórico-metodológica da história oral: representatividade e possibilidade. A história da Marciele se apresenta a partir de um contexto reconhecido e aceito sobre as condições precárias de trabalho, especialmente no Brasil, no âmbito do trabalho doméstico e do trabalho de cuidado. Nesse sentido, é preciso ressaltar também que uma história pessoal de um indivíduo também estará inscrita em um grupo mais amplo que lhe serve de contexto, e por isso, a história oral será ao mesmo tempo social (Meyhi, 1996, p.42).

A história de Marciele é representativa de uma maneira qualitativa, o que não faz referência a uma característica de regularidade, a uma característica de ser comum a todos; pelo contrário, é na verdade a sua capacidade de ser única que se destaca, portanto, ela pode se basear mais na exceção do que na recorrência.

Os indivíduos vivem subjetivamente diversas possibilidades que conformam um horizonte complexo e isso faz com que eles percebam coisas à sua maneira, pensem em destinos possíveis e se orientem de formas variadas pela vida, às vezes buscando a semelhança, às vezes buscando a diferença. Por mais que diferentes histórias a partir de relatos, memórias ou lembranças possam mostrar similaridades, a história oral não deve ser entendida como um esquema para apresentar experiências em comum; ela deve ser entendida como esse horizonte complexo das possibilidades e estas sim podem ser socialmente compartilhadas refletindo aspectos reais ou imaginários (Portelli, 1996, p.8).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cuidado é complexo. Isso reflete diretamente nos seus estudos, seja entendendo-o como uma relação, colocando ênfase no cuidado como um tipo de trabalho, delimitando-o como tema, conceito ou categoria. Apresentar uma perspectiva histórica sobre o surgimento do trabalho de cuidado foi importante para expandir os horizontes de compreensão e formar uma base para contextualizar o tema.

Homens, mulheres e crianças trabalhavam dentro e fora dos domicílios, era necessário tanto o envolvimento e apoio familiar quanto o envolvimento e apoio de uma rede da vizinhança para a realização de uma série de atividades voltadas para a sobrevivência.

Com a ideologia da domesticidade, essas atividades – que incluíam, além das tarefas do preparo da comida ou da confecção de roupas, as tarefas de manutenção do domicílio, do cuidado e criação das crianças – foram transferidas para a esfera privada da vida e isso mudou radicalmente o trabalho familiar.

Essa transferência fez com que aquelas práticas anteriores que contavam com o apoio da vizinhança se tornassem malvistas e fossem desencorajadas. Assim, as tarefas e responsabilidades foram sendo concentradas nos domicílios e nas mulheres que, ao mesmo tempo, passaram a enfrentar jornadas de trabalho mais longas nas fábricas que precisavam da mão de obra feminina. Conciliar os trabalhos que eram exercidos dentro e fora dos domicílios ficava mais e mais difícil.

De forma complementar a essa ideologia da domesticidade, a maternidade ganhou um novo significado passando a conflitar diretamente com as atividades produtivas que as mulheres executavam. Surgiu também um novo papel, o da dona de casa, que responsabilizava as mulheres pela promoção e manutenção de bons níveis de vida para a classe trabalhadora, ou seja, elas se tornaram responsáveis por garantir práticas saudáveis para maridos e filhos por meio das novas recomendações de higiene privada, de nutrição e dos afazeres domésticos; isso tudo passou a fazer parte de uma nova identidade feminina.

Dessa forma, o trabalho doméstico e o trabalho de cuidado assumiram formas rotineiras por meio de ações diárias, sendo impulsionados por médicos, estadistas e filósofos por meio de recomendações que resultaram no aumento do tempo despendido nessas práticas. O papel de dona de casa ganhou um novo *status*

representado por uma mulher – esposa e mãe – que se dedicava, integralmente, ao domicílio, à família, ao marido e à criação dos filhos.

O pensamento econômico também contribuiu para associar a ideia de trabalho à característica do salário, desvalorizando o trabalho doméstico e o trabalho de cuidado executados dentro do domicílio, associando-os mais ao amor materno. Os sentimentos estão presentes no trabalho de cuidado, fazem parte dele e mostram uma dimensão emocional na execução dessas atividades. No entanto, não podem resumilo.

Essa descaracterização de tais atividades enquanto trabalho favorece o sistema capitalista que precisa manter a conexão entre produtivo e reprodutivo apagada, numa tentativa de mostrar que não há custos para a reprodução social, ela simplesmente acontece naturalmente, todos os dias.

Dessa forma, acredito que para refletir sobre o trabalho de cuidado é importante lembrar essas várias camadas de invisibilidade. Essas atividades conformam um trabalho árduo que promove bem-estar para as pessoas e mantém toda uma sociedade bem cuidada e ativa.

Os caminhos percorridos ao longo dessa pesquisa buscaram mostrar alguns dos primeiros estudos realizados sobre a temática cuidado ou trabalho de cuidado a partir dos anos de 1980. Uma ampla gama de leituras me fez passar por variados referenciais teóricos e empíricos de diferentes autoras e autores e também por categorizações possíveis de pesquisas em vertentes de estudos.

Os aspectos quase inesgotáveis dos cuidados e sua interdisciplinaridade, bem como a existência de múltiplas abordagens possíveis do fenômeno, constituem obstáculos para a apresentação exaustiva dos debates pertinentes ao tema (Pereira; Fontoura; Pinheiro, 2016, p.15).

O que concluí dessa caminhada foi que existe uma amplitude nos estudos sobre o tema que o torna muito fértil. Um dos principais objetivos que se repetiu ao longo das leituras foi o de tornar o trabalho de cuidado visível, mostrando a importância que ele tem para a sustentabilidade da vida das pessoas.

Assim, acredito que avançar nos esforços para desinvisibilizar o trabalho de cuidado tem muitas formas e, no Brasil, passa por ações públicas e concretas, como a criação de uma Política Nacional do Cuidado, mas também pelo fomento ao debate. E acredito que é aqui que essa pesquisa também se encaixa, contribuindo para reflexões.

A proposta teórico-metodológica da história oral pode combinar os gêneros da história de vida e da história oral temática. Com relação ao gênero da história de vida, Marciele me contou a sua vida, a sua realidade, por meio dos seus relatos pessoais; este é um ponto relevante da pesquisa, estabelecido como objetivo principal. No que tange à história oral temática, ela também me contou sobre suas experiências de trabalho de forma mais específica, contribuindo para entender condições e formas do trabalho de cuidado domiciliar, outro ponto relevante nessa pesquisa.

Portanto, atribui igual importância tanto em apresentar a vida da Marciele, abordando-a de uma forma mais geral e trazendo assuntos que ela tivesse interesse em contar ou refletir sobre o seu universo particular, quanto em mostrar como acontecia o trabalho de cuidado no seu contexto de vida, apresentando condições desse tipo de trabalho, seus aspectos materiais, técnicos e emocionais.

Marciele trabalhou nos últimos quinze anos em diversas ocupações que promovem cuidado como babá, cuidadora e faxineira, mesclando esses trabalhos com outras ocupações como operadora de caixa, atendente de lanchonete ou atendente de conveniência de posto de gasolina. Especificamente, o trabalho como faxineira se fez recorrente porque ele apresentava uma característica que o permitia ser moldado, encaixado, nos diversos cenários de uma rotina complicada, com muitas ocupações e responsabilidades.

As baixas remunerações faziam com que Marciele precisasse ter mais de um trabalho ao mesmo tempo. Isso significava que, durante o dia, ela fazia faxinas e, à noite, trabalhava como cuidadora ou operando o caixa de um bar – exemplos que vieram dos seus relatos. Assim, as situações de informalidade eram recorrentes; uma característica necessária para obter uma renda suficiente para a sobrevivência – dela e da filha. Trabalhar de forma autônoma, que significava trabalhar de forma não registrada, era a forma de conseguir mais dinheiro e isso era o mais importante naquela época da sua vida.

No Brasil, existe certa semelhança no perfil das trabalhadoras domésticas e das cuidadoras. Além disso, as fronteiras do trabalho de cuidado e do trabalho doméstico compartilham uma característica de transparência. Nesse sentido, Marciele contou sobre cenários de trabalho que evidenciavam aspectos que potencializavam essa transparência, resultando no cruzamento dessas fronteiras. Assim, foi possível compreender como e porque uma empregada doméstica acabava cuidando de um

idoso ou de uma criança, ou o contrário, como uma cuidadora acabava executando uma tarefa doméstica.

Essa particularidade – de o trabalho doméstico promover cuidado no contexto brasileiro, e vice-versa – passa pelo costume e condições socioeconômicas das famílias beneficiárias que contratam apenas uma empregada. Essa atitude faz com que essa trabalhadora precise dar conta de várias demandas, tornando-se responsável única por muitas atividades.

A partir dos relatos de Marciele, dois dos três aspectos apresentados – que faziam com que as fronteiras do trabalho doméstico e do trabalho de cuidado fossem cruzadas – tinham relação direta com uma determinada família beneficiária. Dessa forma, entendo que a família beneficiária força limites de trabalho. Isso pode mostrar um padrão dessas famílias que atribuem maior importância ao atendimento das suas necessidades.

O hábito de uma família beneficiária solicitar tarefas que não eram combinadas anteriormente foi um desses aspectos. Essa família acreditava que o estar ali para trabalhar era condição suficiente para que as suas necessidades fossem direcionadas àquela trabalhadora. Embora houvesse um acordo inicial, uma conversa prévia sobre as atividades, na prática, o entendimento era que havia um pacote muito maior de tarefas que poderiam ser solicitadas ao se contratar uma trabalhadora do cuidado domiciliar, como uma disponibilidade sem limites.

O relacionamento entre prestadora e beneficiários foi um outro aspecto relevante. A forma de se relacionar mostrava como uma relação construída no âmbito do trabalho de cuidado podia ser permeada e movida por um emaranhado de diferentes interpretações, ações e sentimentos. Assim, esse aspecto, além de apontar o cruzamento das fronteiras, também colaborou para mostrar a complexidade das relações; além da relação de trabalho, Marciele e uma família beneficiária podiam construir também uma relação afetiva e/ou uma relação de solidariedade.

Marciele recebia favores de uma família beneficiária, algo que ela classificava como ajuda, e ela retribuía executando tarefas extras, algo que ela também classificava como ajuda. Tais tarefas extras eram caracterizadas pela não remuneração direta, sustentadas pela reciprocidade e pelos sentimentos positivos.

Ainda, Marciele entendia e identificava ajuda de formas diferentes, a depender do cenário. Enquanto nessa situação, na qual ela era prestadora, ela conseguia identificar favores e ajudas recebidas e dadas, em uma outra situação, na qual ela se

tornava beneficiária, essa possibilidade não existia. Por exemplo, a relação com a tia-babá que cuidava de sua filha assumia contornos muito específicos de trabalho, não sendo entendida como ajuda.

Assim, Marciele mostrou um conjunto de práticas inscritas em um contexto variado de arranjos: em um deles, o que de fato era combinado e era pago; em outro, o que era classificado como ajuda, portanto, não recebia remuneração de forma direta. Esses aspectos apontaram para uma rotina difícil de trabalho, que incluía uma doação intensa da sua parte, e se mostrava presa em um emaranhado de relações. Isso contribui para pensar o trabalho de cuidado como uma prática complexa e difícil, conectando-o mais às ideias propostas por autoras como Helena Hirata e Geneviève Cresson, por exemplo.

Dessa forma, acredito que – para além de mudanças legislativas, de inovações institucionais e de uma resposta pública – é preciso que a nossa sociedade passe por uma mudança profunda de ordem cultural na relação empregador-empregada no âmbito do trabalho de cuidado domiciliar; uma proposta coletiva e ao mesmo tempo individual, que contribua para a desinvisibilização desse trabalho e auxilie no processo de emancipação dessas trabalhadoras. As famílias beneficiárias precisam assumir um compromisso no sentido de valorizar o trabalho de cuidado, cumprindo os combinados e arranjos feitos e, assim, superar a relação baseada na obediência e servidão.

Nesse sentido, deve-se buscar transformar a comunicação entre prestadora-beneficiários. No momento em que uma nova necessidade for identificada e solicitada, o combinado inicial deve ser revisto e um novo arranjo de trabalho estabelecido. Isso não quer dizer que tal relação precisa assumir uma frieza ou um distanciamento, mas ela precisa e deve ser respeitada e conversada, reconhecendo o trabalho de cuidado como um trabalho que exige assumir responsabilidades e executar práticas diárias que demandam organização, planejamento e tempo.

O atendimento das necessidades das pessoas mostra que organização social do cuidado no contexto brasileiro é ainda muito familista e desigual, apontando que a provisão de cuidado é responsabilidade das famílias e recai, principalmente, sob as mulheres. Além disso, parte considerável do cuidado é conseguida por meio da mercantilização de atividades do cuidado, de uma forma geral, e isso acontece no nível do mercado de trabalho e também da família, vizinhança e comunidade. Mercado e família foram elementos mais presentes no prover e no receber cuidado a partir dos

relatos de Marciele, enquanto que o Estado apareceu de forma mais pontual, apenas em serviços muito específicos.

A mercantilização do trabalho de cuidado contribui para reproduzir desigualdades e injustiças (Biroli, 2015, p.82), o que mostra que é preciso chamar o Estado para além do seu papel regulador, ele precisa também assumir um papel ativo no provimento de cuidado, por meio de ações concretas e da construção de políticas públicas específicas.

Marciele atendia as necessidades das pessoas, ação que contribuía para promoção de bem-estar como proposto no início dessa pesquisa. Quanto ao bem-estar da Marciele e o atendimento das suas necessidades, ela se tornava beneficiária por meio de uma forma indireta, que, na verdade, retratava o cuidado da sua filha.

Esses serviços de cuidado prestados por uma outra pessoa eram fundamentais para a dinâmica da vida da Marciele, pois era somente a partir desse arranjo que ela podia integrar o mercado de trabalho. Através da contratação de sua tia como babá, Marciele conseguia ter tempo e disponibilidade, e se ausentava de atividades e responsabilidade do cuidado da sua filha por várias horas do dia. Era assim que ela podia exercer um trabalho remunerado.

Para além disso, ela contou que ela era responsável e atendia suas próprias necessidades de organização do domicílio e de limpeza. Ela também elaborava práticas de autocuidado a partir de possibilidades visando o seu próprio bem-estar. Assim, uma frase dita por Marciele nas entrevistas, reflete uma ideia que é bastante real e se adequa a este contexto: “[...] se eu não fizesse ninguém ia fazer por mim”.

A sua vida, durante bastante tempo apresentou esse *continuum*, característica na qual as atividades e as responsabilidades do trabalho de cuidado se mostram contínuas, passando do cenário remunerado ao cenário não remunerado. Marciele saía para o trabalho para cuidar de uma criança, para limpar o chão e os vidros de um domicílio e ela chegava na sua própria casa e cuidava da filha, limpava o chão, lavava o banheiro, colocava suas roupas para bater no tanquinho.

É possível comparar o bem-estar que Marciele proporcionava ao bem-estar que ela recebia? Eu acredito que não seja possível responder essa pergunta a partir dessa pesquisa. Essa pergunta pode ser o norte de uma próxima investigação que deverá focar em desvendar níveis de bem-estar, estabelecendo parâmetros de qualidade, quantidade e indicadores, comparando-os e entrevistando prestadoras e beneficiários a partir de suas vidas e práticas cotidianas.

Pensar nisso aponta justamente para o debate que vem surgindo no contexto brasileiro no formato da pergunta: quem cuida de quem cuida? Uma hipótese é que quanto mais uma pessoa dedica ao trabalho de cuidado, menos cuidado ela recebe. É preciso investigar e entender como acontece o provimento de cuidado de forma direta e específica para as trabalhadoras do cuidado. Somente então será possível propor ações e mudanças.

Percebo que, ainda, persiste uma ideia de que é possível fazer uma separação entre quem precisa e quem não precisa de cuidado. O texto inicial sobre a construção da Política Nacional do Cuidado reforça que o cuidado será entendido como direito humano universal; apesar disso, o seu objetivo diz o seguinte: “[...] a garantia do direito ao cuidado a todas as pessoas que dele necessitem [...]” (Brasil, 2023).

Assim, receio que isso poderá gerar ações que sejam direcionadas apenas para um grupo, entendido como aquele que precisa de cuidado. Na verdade, acredito que deve haver uma diferenciação que proponha diferentes entendimentos e níveis de serviços de cuidado que devem variar conforme o ciclo da vida. Isto é, a necessidade de cuidado de uma criança não é a mesma necessidade de cuidado de um adulto, porém, ambos precisam de cuidado, e a política deverá refletir essa ideia ao colocar o cuidado como um direito.

Resgatar a ideia das cadeias de cuidado – denominando-as e diferenciando-as como cadeias globais, cadeias nacionais e/ou cadeias locais –, ampara a ênfase sobre a interdependência, sobre os vínculos que são criados entre prestadoras e beneficiários, que é o que permite que o cuidado se mova de um elo ao outro dessas conexões.

Esse movimento pode ajudar a repensar a organização social do cuidado no contexto brasileiro, ao destacar que essas ligações são uma necessidade da condição humana para que as pessoas vivam bem, colaborando também para promover a ideia de corresponsabilidade nas relações que são construídas no âmbito do trabalho de cuidado.

Marciele teve uma vida bastante difícil até aqui, fortemente motivada pela ideia de sobreviver e de conquistar suas metas e objetivos. Na sua realidade, sobreviver e sonhar não combinavam: “[...] ou você trabalha para você sobreviver ou você corre atrás dos seu sonhos porque as duas coisas ficaram difíceis”. No contexto de Marciele, refletir sobre cuidado é refletir sobre trabalho e é também refletir sobre tempo, sobre

muito tempo gasto numa busca incessante por sobrevivência, no cuidado com os outros e sobre pouco tempo que sobra para outros aspectos da vida.

Os malabarismos da sua rotina diária envolviam a ideia de estar sempre empregada, uma ideia de não ficar parada. Este era o seu objetivo, era dessa forma, que ela se manteria viva. Por isso, durante muitos anos, a sua vida refletiu apenas jornadas duplas de trabalho, longas rotinas e os relatos sobre vida pessoal, descanso, lazer ou cultura quase não apareceram.

Gênero, cor ou raça e classe social atravessam a existência de Marciele e embalam os seus relatos até mesmo quando ela escolhe não falar. Raça ou cor acabaram se mostrando um desses assuntos. Marciele se autodeclarou inicialmente como uma mulher morena e ao relatar experiências pensando nesse tema, ela não percebeu – de maneira imediata e clara – situações ou cenários de preconceito e discriminação. Pelo menos ela não se lembrou precisamente dessas situações.

Pensar que essas situações não aconteceram, de acordo com Marciele, podia ser algo positivo: “[...] talvez foi até bom, né? Porque talvez eu ia sofrer com isso...”. Para ela essas foram experiências que não valem a pena serem lembradas porque lembrar é reviver – como ela própria dirá no fechamento da entrevista –, e reviver pode significar sentir tudo aquilo novamente.

Marciele refletiu também que, no final das contas, deu tudo certo na sua vida. Como uma mulher evangélica, os relatos da sua vida são contados por meio dessa lente de interpretação. Os problemas e dificuldades enfrentadas ao longo da sua vida foram sim narrados. Entretanto, o sofrimento não tem lugar em sua memória, ou em suas narrativas. Portanto, dificilmente ele se fez presente nos seus relatos e é assim que ela quer contar a sua vida.

Marciele alcançou seus objetivos e hoje ela conta sobre a importância de cuidar da saúde mental e de ter uma vida mais tranquila, uma rotina mais flexível que incluía outros aspectos da vida. Pensar dessa forma somente é possível hoje, foi com o passar do tempo e a cada conquista que Marciele se permitiu viver assim. Esse aspecto também aponta para a reconfiguração das relações entre vida profissional e familiar que está no centro da evolução recente do mundo do trabalho (Hirata, 2022, p.124).

Marciele atribuiu importância significativa ao estudo ao longo de toda sua vida. Ele, de certa forma, foi um dos motivos para a saída de casa aos dezesseis anos de idade, e a falta dele fez com que ela fosse marcada como uma mulher roceira, de

acordo com sua fala sobre a vida em Angra dos Reis, RJ. Estudar foi a forma que ela encontrou para mudar sua vida, alcançando uma profissão que, embora não seja exercida na atualidade, faz com que ela seja reconhecida dessa forma, como técnica em enfermagem. O estudo ainda se mantém como uma possibilidade no futuro, quando ela menciona que tem vontade de fazer um curso superior.

Marciele contou um pouco sobre a sua relação com a filha, sobre as coisas que ela a ensina sobre a vida. A busca por algo que traga satisfação é um ponto importante na conversa entre elas, assim como a tentativa de mostrar que dinheiro é importante e necessário, mas não é tudo. Se sobressai nos ensinamentos a importância da ideia de autonomia, novamente no sentido de ser capaz de dar conta de si (Biroli, 2015, p.86). Assim, há um incentivo num estilo só depende de você, afinal, foi o que Marciele aprendeu da vida.

M: [...] eu quero que minha filha tipo assim, primeiro eu quero que ela cresça, que ela faça algo assim, que deixa ela feliz [...] ela fala que ela quer ser médica, outra hora ela fala que ela quer ser *digital influencer*, mas assim, ela é muito sonhadora. Além da minha filha ser assim linda, maravilhosa, Deus fez ela perfeita, ela é muito inteligente, entendeu? Ela tem muita desenvoltura assim, para poder falar em público, coisa que eu não tenho ela tem. Ela fala nas redes sociais, ela faz *live* aqui na loja. Então tipo assim, com ela não tem tempo ruim. Então eu vou apoiar ela em qualquer profissão que ela escolher [...] o meu ponto de vista, eu quero algo que traga satisfação para ela. A pior coisa que tem é você fazer uma coisa que você já chega de cara emburrada, entendeu? não sei...

L: Certo, fazer forçado, né?

M: Ah, não. Ou então trabalhar só pelo dinheiro [...] desde que minha filha tem 9 anos [...] venho ensinando ela ali, que as coisas são difíceis [...] você pode trabalhar e você mesma conquistar [...] tudo que você quiser, só depende de você. Você tem a vida toda pela frente, você pode morar no melhor bairro [...] você pode estudar na melhor escola, você pode ter a profissão que você quiser, você pode ter o melhor carro, mas não espera dos outros [...] no mundo que a gente vive a gente tem que viver bem, a gente tem que buscar estar bem com a gente. Dinheiro não é tudo nessa vida. Carreira é bom, mas também não é tudo [...] a gente tem que buscar estar bem com a gente mesmo [...] falo isso com ela todo dia. É, tem que ter os pés no chão, saber o que que você quer para o seu futuro, entendeu? Porque na idade que você está você tem que sonhar porque se você não sonhar, você não tem força para correr atrás.

Esta dissertação, que partiu de uma pesquisa com uma proposta teórico-metodológica da história oral, deve ser entendida como um projeto compartilhado, o que determina um relacionamento entre a pessoa pesquisadora e pessoa colaboradora (Portelli, 1997, p.36). Assim, havia em mim um medo sobre o não falar, um medo que acredito ser comum entre pesquisadores e estudantes de pós-graduação que não têm prática com a aplicação de entrevistas.

Porém, não no sentido de ter alguma pergunta não respondida ou algum assunto desviado, e sim no sentido da pessoa se calar completamente, da pessoa se fechar durante o processo de entrevista. Mesmo estando disposta a participar das entrevistas, em algum momento, Marciele iria hesitar em contar a sua história?

Isso não aconteceu. Marciele não hesitou. Minha orientadora, Maria Cristina Dadalto, incentivava-me durante nossos encontros, dizendo que as pessoas querem falar, elas querem contar as suas histórias, as suas vidas, e compreendi que isso é verdade. Marciele contou sua história e eu me permiti ouvi-la para além dos seus relatos, senti que recebi muito dela nesse processo e que, de alguma forma, eu aprendia muitas coisas diferentes. O meu retorno para casa após nossos encontros de sábado era inquieto, eu voltava o caminho todo pensando nos eventos, nas situações e nas suas palavras.

O processo de entrevista na história oral precisa se abrir à ideia de aprendizado. Nesse sentido, entrevistar Marciele serviu como um ensinamento que foi para além da prática ou do treinamento metodológico, e da busca por produção de dados e informações acerca do trabalho de cuidado; foi também aprender sobre a sua realidade e, dessa forma, refletir sobre a vida.

A metodologia da história oral, mais especificamente o gênero da história de vida, não tem como objetivo contar a totalidade da vida da pessoa colaboradora, ela propõe mostrar uma versão. Marciele contou a sua vida à sua maneira, ela escolheu como responder determinada pergunta e como enfatizar determinado assunto.

Dessa forma, as narrativas da história oral nunca serão duas vezes iguais. Caso refizéssemos as entrevistas, as respostas e os relatos seriam outros. Marciele pode reinterpretar muitas coisas da sua vida assim como pode decidir mostrar um outro lado, outros acontecimentos e outros significados.

[...] nos está contando uma parte da história, que selecionou seu material de modo a apresentá-lo com o retrato de si que preferiria que tivéssemos e que pode ter ignorado o que poderia ser trivial ou desagradável para ele, embora de grande interesse para nós (Becker, 1993, p.102).

Mesmo ao me entender como interlocutora durante o processo de entrevista, vi-me, no momento da escrita, como uma atravessadora. A história de vida da Marciele passou da oralidade – uma versão contada por ela própria – para o papel – uma versão contada por mim. Isso pode parecer simples, mas não é, uma vez que a

oralidade se apresenta mais como um processo do que como um texto acabado, “[...] recontar é um trabalho perene, infindo” (Evaristo, 2022, p.7).

Assim, a entrevista é um lugar de escuta (Ribeiro, 2021, p.4), e transcrevê-la implica em um procedimento que pode abalar a estrutura de um relato, pois a repetição ou o silêncio dizem coisas que talvez a escrita não consiga reproduzir ou traduzir. Dessa forma, entendo que ouvir a história de Marciele pode não ser a mesma coisa que lê-la, e essa reflexão me fez agregar um dever ético de um esforço muito maior: apresentar a história de vida da colaboradora da forma como ela escolheu contá-la. Isso significou mostrar as suas dificuldades, mas, sobretudo, mostrar as suas conquistas; mostrar que suas metas e objetivos foram alcançados. Era isso que ela me contava.

Marciele colocou importância no processo de entrevista e isso era perceptível. Quando eu chegava no nosso encontro, ela me recebia e saía da sua função na loja, pedindo para alguém assumir a responsabilidade por um tempo, ela falava: “eu vou ali fazer uma entrevista com ela e já volto”. As pessoas arregalavam os olhos e franziam as testas.

Ela também sentiu falta do processo quando pulei um mês das nossas entrevistas. Ao reencontrá-la, ela me contou que ficou se perguntando o que teria acontecido, porque eu não tinha marcado um encontro naquele mês. Essas situações mostraram uma conexão com o processo de falar sobre si e lembrar os acontecimentos da sua vida e os significados atribuídos.

Para encerrar, fiz uma última pergunta para Marciele sobre a entrevista em si e o que ela tinha achado das nossas conversas. Para ela, mais do que lembrar, a entrevista significava viver novamente tudo aquilo.

L: O que você achou dessa nossa, dessas nossas conversas?

M: Eu gostei. Gostei. Foi ótimo [...] depois a gente fica a semana toda pensando: ‘nossa, é verdade, quanto tempo que não lembrava daquilo que aconteceu, né?’... É reviver.

## REFERÊNCIAS

- ARANGO, Luz Gabriela. **El trabajo de cuidado: ¿servidumbre, profesión o ingeniería emocional?** *In*: ARANGO, Luz Gabriela; MOLINIER, Pascale (Comps.). *El trabajo y la ética del cuidado*. Medellín: La carreta social y escuela de estudios de género, Universidad Nacional de Colombia, 2011, p.91-109.
- ARAUJO, Anna Bárbara. **Políticas sociais, emoções e desigualdades: enredando o trabalho de cuidado de idosos em uma política municipal**. Orientadora: Bila Sorj. 2019. 198 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas, Sociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, 2019.
- ARRIAGADA, Irma Acuña. Trayectorias de investigación y trayectorias vitales. *In*: BATTHYÁNY, Karina (Coord). **Miradas latinoamericanas al cuidado**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO. México DF: Siglo XXI, 2020. p.53-62. E-book em formato pdf. Disponível em <https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2020/12/Miradas-latinoamericana.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.
- ARRIAGADA, Irma; TODARO, Rosalba. **Cadenas globales de las migrantes peruanas em la provisión de cuidados en Chile**. Santiago de Chile: Onu Mujeres, 2012.
- BATALHA, Martha. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BATTHYÁNY, Karina. I.Recorridos latino-americanos de los cuidados. Introducción. *In*: BATTHYÁNY, Karina (Coord.) **Miradas latinoamericanas al cuidado**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO. México DF: Siglo XXI, 2020. p.11-52. E-book em formato pdf. Disponível em <https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2020/12/Miradas-latinoamericana.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.
- BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social?. Tradução Maíra Mee Silva, revisão técnica Mariana Luppi. **Revista Outubro**, v.32, p.99–112, 2019.
- BRASIL, Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. PARTICIPA + BRASIL. Marco conceitual da Política Nacional de Cuidados do Brasil. 2023. Disponível em <https://www.gov.br/participamaisbrasil/marco-conceitual-da-politica-nacional-de-cuidados-do-brasil>. Acesso em 22 de fevereiro de 2024.
- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- BERMUDÉZ, Suzy Q.; MONTOYA, Valentina. Autocuidado: tema de reflexión personal, social y de normatividad. *In*: **Memorias de Las Mesas de Trabajo del Seminario Internacional Género y Cuidado: Teorías, Escenarios y Políticas**. Bogotá: Pregraf Impresores S.A.S. Agosto, 2015, p.262–313.

BIROLI, Flávia. Responsabilidades, cuidado e democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.18, p.81–117, 2015.

BONELLI, Maria. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. **Cadernos Pagu**, v.21, p.357-372, 2003.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Tese**, v.2, n.1, p.68–80, jan/jul 2005.

CAMARANO, Ana Amélia; FERNANDES, Daniele; SILVA, Beatriz da. O cuidado enquanto ocupação. *In*: CAMARANO, Ana Amélia; PINHEIRO, Luana (Orgs). **Cuidar, Verbo Transitivo. Caminhos para a provisão de cuidados no Brasil**. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023, cap 6, p.202-234.

CARRASCO, Cristina; BORDERÍAS, Cristina e TORNOS, Teresa. Introducción. El trabajo de cuidados: antecedentes históricos y debates actuales. *In*: CARRASCO, Cristina; BORDERÍAS, Cristina e TORNOS, Teresa (Eds). **El trabajo de cuidados, historia, teoría y políticas**. Madrid: Los libros de la catarata, 2011. p.13-95.

CASO MIGUEL: a queda do menino do 9º andar que levou à condenação da patroa da mãe dele por abandono de incapaz. Garoto de 5 anos caiu após ser deixado aos cuidados da patroa da mãe. Sari Corte-Real, ex-primeira dama do município de Tamandaré, foi condenada a 8 anos e 6 meses de prisão, mas ainda pode recorrer. **G1**, 01 junho 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/06/01/caso-miguel-a-queda-de-menino-do-9o-andar-que-levou-a-condenacao-da-patroa-da-mae-dele-por-abandono-de-incapaz.ghtml>. Acesso em: 22 fevereiro 2024

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Edição Luce Giard. 3 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1998.

COSTA, Fernanda da. Morte de trabalhadora doméstica por coronavírus escancara falta de políticas para proteger a classe. **UFRGS, Jornal da Universidade**, Porto Alegre, 26 março 2020. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/morte-de-trabalhadora-domestica-por-coronavirus-escancara-falta-de-politicas-para-proteger-a-classe/>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

DALPOZ, Manuela Fonseca. “Ela é da família”: como a herança cultural escravocrata coloca em risco a saúde das trabalhadoras domésticas durante a pandemia de covid-19. **Palavra Seca**, v.1, n.2, set/dez, p. 9-33, 2021.

DALY, Mary. **Welfare**. Key concepts. John Wiley & Sons, 2013.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3 ed. São Paulo: Editora A, 1995.

ENNES, Marcelo Alario; MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: Repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, ano 16, n.35, p. 274–305, jan/abril 2014.

ENRÍQUEZ, Corina Rodríguez. Economía feminista e economía del cuidado. Aportes conceptuales para el estudio de la desigualdade. **Nueva Sociedad**. Tema Central. n.256, mar/abr 2015.

ESPING-ANDERSEN, Gosta. As três economias políticas do *welfare state*. **Lua nova. Revista de Cultura e Política**, n.24, p.87-116, Set 1991.

ESPINO, Alma. Trabalho e gênero: um velho tema, novos olhares? **Nueva Sociedad**, Artigo, junho 2012.

ESTATÍSTICAS SOCIAIS. PNAD Contínua Trimestral: desocupação recua em três das 27 UFs no terceiro trimestre de 2023. **Agência IBGE notícias**. 2023. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38408-pnad-continua-trimestral-desocupacao-recua-em-tres-das-27-ufs-no-terceiro-trimestre-de-2023>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

ESTATÍSTICAS SOCIAIS. PNAD Covid19: 22,7% das pessoas que realizaram testes para coronavírus até novembro testaram positivo. **Agência IBGE notícias**. 2020. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29770-pnad-covid19-22-7-das-pessoas-que-realizaram-testes-para-coronavirus-ate-novembro-testaram-positivo>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 2022.

FAUR, Eleonor; PEREYRA; Francisca. La organización social y política del cuidado de niños y adultos mayores en Argentina. Un análisis de similitudes y variaciones. *In*: BATHYANY, Karina (Coord). **Miradas latinoamericanas al cuidado**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO. México DF: Siglo XXI, 2020. p.339-359. E-book em formato pdf. Disponível em <https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2020/12/Miradas-latinoamericana.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

FAUR, Eleonor. **El cuidado infantil em el siglo XXI. Mujeres malabaristas en una sociedad desigual**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Tradução Paula Siqueira. Revisão Tânia Stolze Lima. **Cadernos de Campo**, n.13, p.155–161, 2005.

FERNANDES, Camila. “Ficar com”. **Parentesco, criança e gênero no cotidiano**. Orientador: Jair de Souza Ramos. 2011. [143 f]. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Antropologia, 2011.

FISHER, Berenice; TRONTO, Joan C. Towards a Feminist Theory of Care. *In*: ABEL, Emily K.; NELSON, Margaret K. (Eds). **Circles of Care. Works and identity in women’s lives**. Albany, NY: SUNY Press, 1990, p.36-54.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálisis**, v.10, n.esp, p.83-92, 2007.

GUIMARÃES, Nadya. Casa e mercado, amor e trabalho, natureza e profissão: Controvérsias sobre o processo de mercantilização do trabalho de cuidado. **Cadernos Pagu**, v.46, p.59–77, 2016.

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; SUGITA, Kumiko. Cuidado e cuidadoras: o trabalho do *care* no Brasil, França e Japão. Tradução Philippe Dietman. **Sociologia & Antropologia**, v.1, n.1, p.151-180, 2011.

GUIMARÃES, Nadya et al. El cuidado: sus formas, relaciones y actores. Reflexiones a partir de caso de Brasil. *In*: GUIMARÃES, Nadya A.; HIRATA, Helena (Comps). **El cuidado en América Latina. Mirando los casos de Argentina, Brasil, Chile, Colombia y Uruguay**. Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, 2020. p.75-88. E-book em formato pdf. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20200810034952/El-Cuidado-en-Am-Latina.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena. Introducción. Realidades nacionales, desafíos latino-americanos. *In*: GUIMARÃES, Nadya A.; HIRATA, Helena (Comps). **El cuidado en América Latina. Mirando los casos de Argentina, Brasil, Chile, Colombia y Uruguay**. Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, 2020. p.11-25. E-book em formato pdf. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20200810034952/El-Cuidado-en-Am-Latina.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

GUIMARÃES, Nadya. Os circuitos do cuidado. Reflexões a partir do caso brasileiro. *In*: congresso da associação dos estudos latinoamericanos, painel “O trabalho de cuidado: relações, significados, direitos. *Miradas latino-americanas*”. 2019, Boston, USA. **Os circuitos do cuidado. Reflexões a partir do caso brasileiro**. Boston, USA, 2019, p.1-37.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p.595-609, set/dez 2007.

HIRATA, Helena. Por uma arqueología del saber sobre cuidado em Brasil. *In*: BATHYÁNY, Karina (Coord). **Miradas latinoamericanas al cuidado**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO. México DF: Siglo XXI, 2020, p.107-124. E-book em formato pdf. Disponível em: <https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2020/12/Miradas-latinoamericana.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

HIRATA, Helena. **O cuidado. Teorias e práticas**. São Paulo, Brasil: Boitempo, 2022.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. **The managed heart: commercialization of human feeling**. Berkley; Los Angeles; London: University of California Press, 2012.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. Global care chains and emotional surplus value. *In*: HUTTON, Will; GIDDENS, Anthony (eds). **On the Edge: Living with global capitalism**. London: Jonathan Cape, 2000, p.130-146.

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual 2º semestre 2022**. Tabela 7140. Crianças de 0 a 5 anos de idade por grupo de idade e frequência à creche ou escola. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7140#resultado>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

ILO – INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **Domestic workers across the world: global and regional statistics and the extend of legal protection**. Geneva: ILO, 2013.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Política Nacional de Cuidados dá o primeiro passo para cuidar de quem cuida. Ipea assessorou a definição do Marco conceitual da política, aberto para consulta pública até 15 de dezembro**. 2023. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14116-politica-nacional-de-cuidados-da-o-primeiro-passo-para-cuidar-de-quem-cuida>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

KUHNEN, Tânia Aparecida. A ética do cuidado como teoria feminista. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. GT10 Teorias Feministas. 2014.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Pesquisa qualitativa: um caminho para a intervenção profissional. **O Social em Questão**. Ano XI, n.19, p.31–44, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução Waltensir Dutra. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MORENO, Renata Faleiros Camargo. Entre família, o mercado e o Estado: a organização social do cuidado infantil no Brasil. *In*: **Memorias de Las Mesas de Trabajo del Seminario Internacional Género y Cuidado: Teorías, Escenarios y Políticas**. Bogotá: Pregraf Impresores S.A.S. Agosto, 2015, p.90-106.

NASCIMENTO, Estelina Souto de. Reflexão sobre alguns fundamentos da sociologia compreensiva. **Revista Educação em Questão**, 6 (2), p.81-97, jul/dez 1996.

OROZCO, Amaia Pérez; GIL, Silvia López. **Desigualdades a flor de piel: Cadenas globales de cuidados. Concreciones en el empleo de hogar y articulaciones políticas**. Madrid: Onu Mujeres, 2011.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. **Serviço Social em Revista**, v.2, n.1, p.135-148, jul/dez 1999.

PAUTASSI, Laura. Cuidado y derechos: la nueva cuestión social, *In: MONTAÑO, Sonia; CALDERÓN, Coral (coords.)*. El cuidado en acción: entre el derecho y el trabajo, **Cuadernos de la Cepal**, p.69-92, 2010.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto; FONTOURA, Natália de Oliveira; PINHEIRO, Luana Simões. Economia dos cuidados: marco teórico-conceitual. **Relatório de Pesquisa**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Rio de Janeiro, p.1-42, 2016.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tradução Ingeborg K. de Mendonça e Carlos Espejo Muriel. **Tempo**, v.1, n.2, p.59–72, 1996.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica Dea Ribeiro Fenelon. **Memórias levando a teorias**, p.25-39, 1997.

RAZAVI, Shahra. **The political and social economy of care in a development context. Conceptual issues, research questions and policy options**. Switzerland: United Nations Research Institute for Social Development, 2007.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Narrativas e entrevistas em pesquisas qualitativas: história oral como possibilidade teórico metodológica. **Revista Ciências Humanas**. UNITAU, Taubaté, São Paulo, Brasil, v.14, e.15, p.1-10, 2021.

ROMA. Direção Afonso Cuarón. Produção de Afonso Cuarón, Gabriela Rodríguez e Nicolás Celis. México; Estados Unidos da América: Netflix, 2018, p&b, 135 min.

SILVA, Marina da Cruz. As propostas metodológicas de Durkeim e Weber: contribuições pra a análise da realidade social. *In: ZIMMERMANN, Clóvis Roberto; BARREIROS NETO, Jaime (org.)*, **Metodologia e epistemologia nas Ciências Sociais: um panorama dos clássicos ao pós-colonial**. Salvador: Faculdade Baiana de Direito, 2015, p.35-50.

SOUZA, Maysa. A metáfora da Guerra: reflexões sobre as práticas e os discursos de gênero em cenários pandêmicos e epidêmicos. **Revista Brasileira de Pós-graduação em Ciências Sociais**. Dossiê Gênero, Cuidado & Covid-19, v.17, n.1, p. 12-25, 2022.

SOARES, Angelo. As emoções do *care*. *In: GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena (Org)*. **Cuidado e cuidadoras, as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2012, cap 3, p.44–59.

SOBREIRA, Vinícius. Sindicato crítica estados que incluíram domésticas em serviço essencial na quarentena. Presidente da Fenatrad, Luíza Batista, citou os casos do Pará, que recuou da decisão; e MA e RS, que mantiveram medida. **Brasil de Fato: uma visão popular do Brasil e do mundo**, Recife, 25 maio 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/25/sindicato-critica-estados-que-incluram-domesticas-em-servico-essencial-na-quarentena#:~:text=%E2%80%9C%C3%89%20uma%20crueldade%2C%20porque>

%20quarentena,privil%C3%A9gio%E2%80%9D%2C%20completa%20Luiza%20Bati  
sta.&text=A%20a%C3%A7%C3%A3o%20desses%20estados%20foi,e%2063%2C3  
%25%20negras. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana. O care como um regime estratificado: implicações de gênero e classe social. *In*: GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena (Org). **Cuidado e cuidadoras, as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2012, cap 6, p.103-116.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. **As artes e práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas**. Orientador: Alexandre de Pádua Carrieri.2015. 412 f. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas, Departamento de Ciências Administrativas Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração, 2015.

TRONTO, Joan C. An ethic of care. *In*: **Generations: Journal of the American Society on Aging**. Ethics and Aging: Bringing the Issues Home, v.22, n.3, fall 1998, p.15-20.

VALENTE, Jonas. Agência Brasil explica: entenda o que é o lockdown. Termo define forma mais rígida de isolamento. **Agência Brasil**. Brasília, 2020. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/agencia-brasil-explica-entenda-o-que-e-o-lockdown>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

VIERA, Regina Stela Corrêa. Cuidado, crise e os limites do direito do trabalho brasileiro. **Revista Direito e Práxis**. Rio de Janeiro, v.11, n.4, p.2517-2542, 2020.

ZANATTA, Jacir Alfonso; COSTA, Márcio Luis. Algumas reflexões sobre a pesquisa qualitativa nas ciências sociais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.12, n.2, p. 344–359, 2012.

ZOBOLI, Elma. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 38, n.1, p.21–27, 2004.